

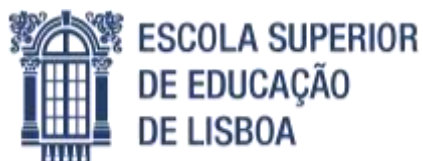


**DESCOBRIR A HISTÓRIA ATRAVÉS DO PATRIMÓNIO LOCAL:  
O ENVOLVIMENTO DE UMA TURMA DO 3.º ANO DO ENSINO  
BÁSICO**

**Inês Sofia Paulino Lourenço**

Relatório de Estágio apresentado à Escola Superior de Educação de Lisboa  
para obtenção de grau de mestre em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico e de  
Português e História e Geografia de Portugal no 2.º Ciclo do Ensino Básico

**2019**



**DESCOBRIR A HISTÓRIA ATRAVÉS DO PATRIMÓNIO LOCAL:  
O ENVOLVIMENTO DE UMA TURMA DO 3.º ANO DO ENSINO  
BÁSICO**

**Inês Sofia Paulino Lourenço**

Relatório de Estágio apresentado à Escola Superior de Educação de Lisboa  
para obtenção de grau de mestre em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico e de  
Português e História e Geografia de Portugal no 2.º Ciclo do Ensino Básico

Orientador: Professor Doutor Nuno Martins Ferreira

**2019**

## AGRADECIMENTOS

Até chegar aqui o caminho foi longo e, agradecer a todos os que me apoiaram não será fácil. Mesmo assim, agradeço, em geral, a todos aqueles que, generosamente colaboraram e me acompanharam neste trajeto. Sublinho, no entanto, um agradecimento especial a algumas pessoas que deram a sua contribuição de forma mais regular para a execução deste relatório.

Ao meu orientador, Professor Doutor Nuno Martins Ferreira, agradeço a motivação e o incentivo que me deu e a disponibilidade e prontidão na resposta aos e-mails enviados. Um agradecimento a todos os professores que me acompanharam ao longo do mestrado que me inspiraram e motivaram para fazer mais e melhor.

À professora Ana Isabel, professora cooperante no meu estágio no 1.º Ciclo do Ensino Básico, pela colaboração e apoio que me prestou, pela sua dedicação e total disponibilidade no esclarecimento de dúvidas e resolução de problemas. Foi uma inspiração para mim. À turma do 3.º ano, pelo facto de terem mostrado tanto entusiasmo na colaboração que lhes solicitei.

À Rita por me acompanhar ao longo destes dois anos de mestrado.

A toda a minha família, incluindo quem entretanto nos deixou mas não tirei do meu coração, que, das mais diversas formas, me apoiou e me encorajou a perseguir o meu sonho.

À minha mãe, sempre disponível e preocupada com o meu bem-estar, que dedicou muito do seu tempo a ouvir-me, às vezes desanimada, outras, eufórica. Sei que fez inúmeros sacrifícios, mas sempre senti o seu permanente desejo de que eu me mantivesse serena, motivada e focada nos meus objetivos. As suas sugestões, observações e críticas concorreram em muito para enriquecer este trabalho.

Ao meu pai que vibrou a cada etapa vencida, repetindo que eu era o seu orgulho.

Obrigada a todas as minhas amigas que me apoiaram nesta fase que foi difícil para mim, à Susana Silva, Margarida Fonseca, Elena Vrabie e Inês Correia. Ao longo destes cinco anos foram um grande apoio.

Um agradecimento especial ao Carlos Pereira e à Joana Branco, que sem dúvida foram o meu pilar nesta escola. Com eles aprendi que devemos sempre trabalhar para sermos os melhores. Sem eles, tudo teria sido mais difícil. Nunca os vou esquecer.

À Filipa Barroso e à Diana Almeida, por serem as pessoas generosas que são e por me terem apoiado, motivado e incitado a nunca desistir. Ficarão para sempre no meu coração.

A todos, um enorme Muito Obrigada!

## RESUMO

O presente relatório foi realizado no âmbito da Unidade Curricular Prática de Ensino Supervisionada II (PES II), integrada no Mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico e de Português e História e Geografia de Portugal no 2.º Ciclo do Ensino Básico (CEB), que teve como ponto de partida a intervenção numa turma do 3.º ano do 1.º CEB. A investigação decorreu das potencialidades e fragilidades encontradas no 3.º ano, especificamente na dificuldade em (re)conhecer o património local. A problemática central do estudo assenta em compreender de que forma o recurso ao património como estratégia de ensino e aprendizagem da História garante o desenvolvimento de competências histórico-geográficas de recolha, e análise de informação, e de comunicação em História. Desta forma, os objetivos da investigação foram: i) Identificar contributos do recurso ao património local para compreender a História; ii) Relacionar o estudo do património local com o desenvolvimento de competências de recolha, tratamento e análise de informação; e iii) Caracterizar as competências de comunicação em História desenvolvidas a partir do estudo do património local que permitiram conceber estratégias e atividades que tiveram o envolvimento dos alunos e lhes possibilitou ter contacto direto com o património local. No presente estudo foi utilizada a metodologia apoiada no método de Investigação – Ação e em relação aos métodos e técnicas de recolha e tratamento de dados de natureza qualitativa. As atividades em que os alunos foram construtores do seu próprio conhecimento permitiram, no final, perceber a evolução dos mesmos no que respeita ao (re)conhecimento do património que os envolve.

**Palavras-chave:** Património local; Competências histórico-geográficas; Ensino de História; 1.º Ciclo do Ensino Básico; Educação Patrimonial; Educação histórica.

## **ABSTRACT**

This study was developed within the scope of Supervised Teaching Practice II (PES II), integrated in the Masters in Teaching of the 1<sup>st</sup> Cycle of Primary Education and of Portuguese and History and Geography of Portugal in the 2<sup>nd</sup> Cycle of Primary Education (CEB). The investigation was based on the potentials and frailties found in 3<sup>rd</sup> year, especially in the difficulties of (re)knowing local heritage. The central problem of the study is to understand how the use of heritage as a teaching and learning strategy of history guarantees the development of historical-geographical skills of collection and analysis of information, and communication in history. Therefore the objectives of the research were: i) identify contributions of the resource to the local heritage to understand History; ii) relate the study of the local heritage with the development of skills for the collection, treatment and analysis of information; and iii) characterize the communication skills in History developed from the study of the local heritage that allowed to conceive strategies and activities that had the involvement of the students and enabled them to have direct contact with the local heritage. In this study the method used was supported by the investigation-action process and in relation to the collection methods and techniques and data treatment of qualitative nature. The activities in which the students were builders of their own knowledge allowed, in the end, to perceive the evolution of the same ones with respect to the (re)knowledge of the heritage that surrounds them.

**Keywords:** Local heritage; Historical-geographical skills; History teaching; 1<sup>st</sup> Cycle of Primary Education; Patrimonial Education; Historical Education

## ÍNDICE GERAL

Introdução.....	1
1. Análise da prática pedagógica desenvolvida no 1.º Ciclo do Ensino Básico .....	3
1.1. Caracterização do contexto socioeducativo.....	3
1.1.1. Instituição .....	3
1.1.2. Ação pedagógica da professora cooperante .....	3
1.1.3. Turma .....	5
1.2. Problematização dos dados do contexto .....	6
1.2.1. Problemática e objetivos gerais de intervenção .....	6
1.2.2. Avaliação dos objetivos de intervenção .....	7
2. Análise da prática pedagógica desenvolvida no 2.º Ciclo do Ensino Básico .....	9
2.1. Caracterização do contexto socioeducativo.....	9
2.1.1. Instituição .....	9
2.1.2. Ação pedagógica das professoras cooperantes.....	9
2.1.3. Turmas .....	10
2.2. Problematização dos dados do contexto .....	11
2.2.1. Problemática e objetivos gerais de intervenção .....	11
2.2.2. Avaliação dos objetivos de intervenção .....	13
3. Análise crítica e comparativa da prática pedagógica desenvolvida nos 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico .....	13
2.ª Parte.....	19
1. Apresentação do estudo .....	21
1.1. Definição e apresentação do problema objeto de estudo .....	21
2. Fundamentação teórica .....	23
2.1. Património .....	23
2.2. Que relação se pode estabelecer entre Educação patrimonial e Educação histórica?.....	24
2.3. Competência e Competências histórico-geográficas .....	26
3. Metodologia .....	29
3.1. Caracterização dos participantes .....	29
3.2. Natureza do estudo .....	29
3.3. Técnicas de recolha de dados e tratamento de dados.....	30

3.4. Princípios éticos do processo de investigação .....	30
4. Análise de resultados.....	31
4.1. Identificar os contributos do recurso ao património local para compreender a História.....	35
4.2. Relacionar o estudo do património local com o desenvolvimento de competências de recolha, tratamento e análise de informação. ....	38
4.3. Caracterizar as competências de comunicação em História desenvolvidas a partir do estudo do Património local. ....	42
5. Conclusões.....	51
Reflexão final.....	55
Referências .....	59
Anexos .....	66
Anexo A. Entrevista à professora cooperante.....	68
Anexo B. Potencialidades e fragilidades do 1.º CEB .....	74
Anexo C. Questionário inicial sobre o património local .....	76
Anexo D. Entrevista à professora cooperante da turma do 6.ºA .....	78
Anexo E. Entrevista à professora cooperante da turma do 6.º B .....	82
Anexo F. Potencialidades e fragilidades do 2.º CEB .....	90
Anexo G. Tabela de tratamento de dados sobre o conceito inicial de património ....	92
Anexo H. Tabela de tratamento de dados sobre os locais importantes que conhece .....	94
Anexo I. Tabela de tratamento de dados sobre se visita locais em Benfica.....	96
Anexo J. Tabela de tratamento de dados sobre edifícios antigos que conhece.....	98
Anexo K. Tabela de tratamento de dados - refere edifícios antigos .....	100
Anexo L. Tabela de tratamento de dados – conhece edifícios antigos .....	102
Anexo M. Imagens do <i>PowerPoint</i> sobre o património local .....	104
Anexo N. Guiões de recolha de informação .....	124
Anexo O. Tabela de recolha de informação por objetivos.....	138
Anexo P. Produções dos alunos – Guião de recolha de informação .....	140
Anexo Q. Ficha de apoio dos textos de escrita criativa .....	142
Anexo R. Expressões dos alunos retiradas dos textos criativos .....	150
Anexo S. Produções dos alunos – texto escrita criativa .....	154
Anexo T. Guião da saída de campo .....	156
Anexo U. Questionário final.....	168

Anexo V. Tabela de tratamento de dados sobre o conceito de património- Questionário final .....	170
Anexo W. Tabela de tratamento de dados sobre as atividades que mais gostaram .....	172
Anexo Y. Tabela de tratamento de dados sobre as dificuldades sentidas .....	174

## ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1. Nuvem de palavras relativa à definição inicial de património. Feita com base no WordArt. ....	31
Figura 2. Nuvem de palavras relativa às respostas para: "Refere o nome dos edifícios". Feita com base no WordArt. ....	33
Figura 3. Nuvem de palavras relativa às respostas para: "Conhece os edifícios". Feita com base no WordArt. ....	34
Figura 4. Respostas do aluno ao guião de recolha de informação. ....	36
Figura 5. Texto de escrita criativa elaborado por aluno. ....	38
Figura 6. Saída de campo. ....	39
Figura 7. Saída de campo. ....	39
Figura 8. Saída de campo. ....	40
Figura 9. Saída de campo. ....	40
Figura 10. Guião didático - Igreja de Nossa Senhora do Amparo. ....	41
Figura 11. Guião didático - Palácio Baldaya. ....	41
Figura 12. Cartaz com informações relativas ao património. ....	43
Figura 13. Cartaz com informações relativas ao património. ....	43
Figura 14. Cartaz com informações relativas ao património. ....	44
Figura 15. Cartaz com informações relativas ao património. ....	45
Figura 16. Apresentação dos trabalhos relativos ao património. ....	45
Figura 17. Apresentação dos trabalhos relativos ao património. ....	46
Figura 18. Nuvem de palavras relativa à definição final de património. Feita com base no WordArt. ....	47
Figura 19. Avaliação dos alunos sobre as atividades. ....	48
Figura 20. Avaliação dos alunos sobre as atividades. ....	49
Figura 21. Avaliação dos alunos sobre as atividades. ....	49
Figura 22. Nuvem de palavras relativa à definição inicial de património. Feita com base no WordArt. ....	50
Figura 23. Nuvem de palavras relativa à definição final de património. Feita com base no WordArt. ....	50

## **ÍNDICE DE TABELAS**

Tabela 1. Objetivos gerais, estratégias globais de intervenção e indicadores de avaliação. ....	7
Tabela 2. Objetivos gerais, estratégias globais de intervenção e indicadores de avaliação. ....	12
Tabela 3. Competências histórico-geográficas.....	28

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

CEB	Ciclo(s) do Ensino Básico
MEM	Movimento Escola Moderna
PC	Professor(as) Cooperante(s)
PI	Projeto de Intervenção
PES II	Prática de Ensino Supervisionada II
PIT	Plano Individual de Trabalho
TEIP	Território de Intervenção Prioritária
PEI	Programa Educativo Individual
CEI	Currículo Específico Individual
HGP	História e Geografia de Portugal
UEEA	Unidades de Ensino Estruturado para a população com Espectro do Autismo
UC	Unidade Curricular

## INTRODUÇÃO

O Relatório que aqui se apresenta é constituído por duas partes: a primeira integra as descrições sintéticas das práticas pedagógicas desenvolvidas nos contextos de 1.º e 2.º Ciclos de Ensino Básico (CEB), assim como uma análise crítica e comparação da prática ocorrida em ambos os ciclos; a segunda parte engloba o estudo desenvolvido a partir do património local, que surgiu da identificação das potencialidades e fragilidades identificadas no contexto do 1.º CEB.

Os dados que se apresentam ao longo do relatório foram recolhidos no contexto da PES II, onde decorreu a prática com a turma do 3.º ano do 1.º CEB.

Esta segunda parte engloba: i) **a apresentação do estudo** – na qual se define e apresenta o problema objeto de estudo, assim como os respetivos objetivos e questões de investigação; ii) **a fundamentação teórica** – constituída pela revisão bibliográfica dos conceitos associados ao estudo: Património; Que relação se pode estabelecer entre Educação patrimonial e Educação histórica? e Competência e Competências histórico-geográficas; iii) **a metodologia** – em que são evidenciados os participantes/amostra, as opções metodológicas, especialmente as técnicas de recolha e análise de dados utilizadas; iv) **os resultados** – que são constituídos pela análise dos questionários aplicados à turma do 3.º ano do 1.º CEB e pelas suas produções. Desta forma, são apresentados os resultados do estudo, bem como a sua discussão; v) **as conclusões** – constituem a apresentação global das conclusões do estudo; e vi) **a reflexão final** – na qual se reflete acerca do contributo da prática pedagógica nos dois ciclos e da investigação para o desenvolvimento de competências profissionais, assim como acerca dos aspetos mais relevantes em termos de desenvolvimento pessoal e profissional e das dimensões a melhorar no exercício da profissão docente.

# **1. ANÁLISE DA PRÁTICA PEDAGÓGICA DESENVOLVIDA NO 1.º CICLO DO ENSINO BÁSICO**

## **1.1. Caracterização do contexto socioeducativo**

### **1.1.1. Instituição**

A instituição onde decorreu o estágio profissional de 1.º CEB localiza-se na freguesia de Benfica, em Lisboa. A população escolar que frequenta o agrupamento desta instituição é caracterizada por uma heterogeneidade a nível socioeconómico e cultural. O agrupamento é procurado por diferentes famílias, algumas com graves dificuldades financeiras e emocionalmente instáveis, cujos educandos não possuem motivação escolar (Projeto Educativo). Assim sendo, o agrupamento tenta dar resposta a todas as famílias que o procuram, correspondendo às necessidades apresentadas pelos educandos.

A instituição encontra-se inserida num agrupamento de escolas TEIP (Territórios Educativos de Intervenção Prioritária). O agrupamento abrange todos os ciclos de ensino, desde a Educação Pré-escolar até ao Ensino Secundário. No que respeita à sua missão, esta assenta em cinco pilares: i) diversificar a oferta educativa de modo a promover o sucesso escolar pessoal, individual e social de cada aluno; ii) formar alunos responsáveis, resilientes e com consciência de que têm direitos e deveres ao exercerem o seu papel de cidadãos ativos na sociedade; iii) valorizar a cooperação e a solidariedade; iv) incentivar a autonomia, criatividade, inovação e o gosto por saber cada vez mais, assim como fomentar o empreendedorismo e v) estimular o desenvolvimento pessoal e profissional do capital humano, com a intenção de proporcionar uma cultura de saberes e de partilha.

Em relação aos recursos humanos, para além dos professores dos diferentes grupos de recrutamento, existem serviços técnico-pedagógicos que promovem a inclusão dos alunos com distintas dificuldades, incluindo uma equipa de psicólogos (Serviço de Psicologia e Orientação) e uma equipa de professores responsáveis pelo Departamento de Educação Inclusiva.

### **1.1.2. Ação pedagógica da professora cooperante**

#### **1.1.2.1. Princípios orientadores da ação pedagógica**

De forma a caracterizar a ação pedagógica da professora cooperante (PC)

realizou-se uma entrevista (cf. Anexo A), a fim de obter mais informação sobre as suas práticas. Esteves (2008), refere que “a observação permite o conhecimento direto dos fenómenos tal como eles acontecem num determinado contexto” (p.87). Através da observação participante foi possível verificar que a PC segue os princípios pedagógicos preconizados pelo Movimento da Escola Moderna (MEM).

A PC proporciona um ambiente facilitador de aprendizagens que tem em conta as necessidades específicas de cada aluno. Assim, a fim de realizar a diferenciação pedagógica a docente utiliza, essencialmente, o Apoio ao Estudo e o apoio individualizado. No Apoio ao Estudo, a PC incentiva cada aluno a trabalhar os conteúdos em que tem mais dificuldades. Importa destacar que cada aluno trabalha consoante o seu ritmo. Desta forma, torna-se importante realizar uma diferenciação pedagógica que, tal como referem Grave-Resendes e Soares (2002), é “a identificação e a resposta a uma variedade de capacidades de uma turma, de forma a que os alunos, numa determinada aula não necessitem de estudar as mesmas coisas ao mesmo ritmo e sempre da mesma forma” (p. 22).

As estratégias de trabalho colaborativo (a pares ou em pequenos grupos) estão patentes na prática da docente sendo destacadas como uma mais-valia.

No que respeita à organização e gestão das rotinas do grupo, a PC é responsável pela área de Português, Matemática, Estudo do Meio e pelas Áreas Artísticas.

Em relação às rotinas, realiza-se o “Tempo de Escrita”, na qual os alunos redigem um texto proposto pela PC, o trabalho de projeto, o “Problema da semana”, estando esta rotina relacionada com a área da matemática, realiza-se o “Melhoramento de texto”, no qual se parte de um texto previamente elaborado por um aluno e melhora-se esse texto em grande grupo e, a “Hora do conto” que pode ser leitura ou a dramatização de uma história. Realiza-se, ainda, o “Apoio ao Estudo” no qual se trabalha o Plano Individual de Trabalho (PIT), em que os alunos trabalham autonomamente.

#### 1.1.2.2. Processos de avaliação e regulação das aprendizagens

Outro ponto importante da prática docente é a avaliação que, de acordo com Viana (2009), é “uma componente essencial do processo de ensino, e o seu objectivo primeiro é o de fornecer ao professor informações que fundamentem decisões pedagógicas no sentido de ajudar os alunos a progredir” (p. 7). Desta forma, a PC realiza

uma avaliação diagnóstica e, frequentemente, uma avaliação formativa na qual avalia todos os trabalhos que os alunos concretizam no dia-a-dia, tais como os registos no caderno, os textos que produzem e as fichas de trabalho que efetuam. Utiliza, também, o PIT como instrumento de avaliação. Para além do PIT, são realizadas apresentações orais e leituras que são também alvo de avaliação. Faz também, uma avaliação sumativa a partir de fichas de avaliação ao longo dos períodos. Leitão (2014, p.13), refere que “A avaliação sumativa é uma avaliação retrospectiva e terminal”. A sua função é verificar o que os alunos retiveram, assim como o que são capazes de produzir mas, ao contrário da avaliação formativa, esta encontra-se no final do processo educativo (idem, ibidem).

### **1.1.3. Turma**

No que respeita às características gerais da turma do 3.º ano na qual decorreu a intervenção, esta é composta por 22 alunos, sendo 10 do sexo masculino e 12 do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 8 e os 10 anos. De acordo com o Decreto-Lei n.º 54/2018, todos os alunos estão abrangidos por medidas universais. Estas medidas fazem referência a respostas educativas que a escola fornece a todos os alunos a fim de melhorar a sua participação e aprendizagem (Decreto-Lei n.º 54/2018). Há seis alunos que estão abrangidos por medidas seletivas e possuem apoio tutorial (dois possuem défice de atenção e concentração, dois têm dislexia e dois possuem grande dificuldade na disciplina de matemática). Quatro deles são repetentes.

No decorrer da prática, procedeu-se a uma avaliação diagnóstica da turma do 3.º ano. Esta avaliação foi baseada, essencialmente, na observação participante e na análise das produções dos alunos. Para compreender as potencialidades e fragilidades da turma analisaram-se as fichas de avaliação de Português, Matemática e Estudo do Meio e, nesta última, concretizaram-se fichas diagnósticas. Realizou-se também, uma avaliação diagnóstica das competências sociais através da observação direta dos comportamentos e interações dos alunos. Após esta avaliação, identificaram-se as potencialidades e as fragilidades da turma (cf. Anexo B). No que respeita às potencialidades, na área curricular de Português, os alunos expressam-se corretamente e leem fluentemente, no entanto, apresentam fragilidades ao nível da produção escrita: não recorrem à planificação e revisão textual e, assim, os textos que redigem têm pouca coesão e coerência.

Em relação à área da Matemática, a maior fragilidade remete para a

interpretação de enunciados de problemas.

Na área de Estudo do Meio, através da análise das produções dos alunos, verificou-se que revelavam grande interesse pelos conteúdos abordados mas, em conversa informal com a PC, verificou-se que estes apresentavam fragilidades em analisar criticamente situações do quotidiano, analisar e interpretar imagens e em (re)conhecer o património local, fragilidade essa que será desenvolvida mais à frente, no âmbito do meu estudo.

Para tentar colmatar estas fragilidades pretendeu-se que os alunos respondessem a questões de um teste de diagnóstico sobre o património local de Benfica (cf. Anexo C). Este teste de diagnóstico foi aplicado aos 22 alunos que integravam a turma.

Relativamente às Áreas Artísticas, através da observação direta, verificou-se que os alunos são criativos, pintam corretamente com diferentes materiais, têm facilidade em dramatizar pequenas situações, cantam afinadamente e em Educação Física envolvem-se bastante nas atividades propostas.

Por fim, em relação às competências sociais a turma revelou autonomia, responsabilidade, respeito para com os colegas e a professora, e têm espírito de entreatajuda.

## **1.2. Problematização dos dados do contexto**

### **1.2.1. Problemática e objetivos gerais de intervenção**

Assim, de acordo com as potencialidades e fragilidades encontradas na turma, formularam-se três **questões-problema** que serviram de base para a intervenção:

i) Que estratégias implementar de forma a interpretar enunciados de situações problemáticas? ii) Como melhorar a competência de produção escrita nos alunos? e iii) Que estratégias utilizar para estimular a análise de imagens bem como o pensamento crítico?

Após definidas as questões-problema identificaram-se os **objetivos gerais**:

**A** – Interpretar enunciados de situações problemáticas. ii) **B** – Melhorar a produção escrita mobilizando as diferentes etapas da produção textual. e iii) **C** – Analisar imagens numa perspetiva sociocrítica.

Assim, desenvolveu-se uma **problemática** que engloba os objetivos acima mencionados: “*O desenvolvimento de competências de compreensão e interpretação*”

de situações problemáticas pode ser estimulada a partir de práticas comunicativas com recurso a diferentes linguagens?”.

De acordo com as fragilidades identificadas na turma do 3.º ano de escolaridade, apresenta-se, abaixo, a tabela que indica a relação entre os objetivos gerais da intervenção, as estratégias globais, atividades e respetivos indicadores de avaliação.

Tabela 1.

*Objetivos gerais, estratégias globais de intervenção e indicadores de avaliação.*

<b>Objetivo geral A</b> - Interpretar enunciados de situações problemáticas.
<b>Estratégia 1</b> – Construção do processo de resolução de um problema matemático; <b>Estratégia 2</b> – Discriminação dos dados de um problema matemático; <b>Estratégia 3</b> – Interpretação de linguagem específica de diferentes enunciados.
<b>Atividades:</b> <b>i)</b> Resolução de situações problemáticas; <b>ii)</b> Discussão em grande grupo acerca das resoluções dos alunos; <b>iii)</b> Discussão em grande grupo acerca das diferentes interpretações dos alunos.
<b>Indicadores de avaliação:</b> <b>i)</b> Interpreta enunciados de situações problemáticas; <b>ii)</b> Identifica os dados e os raciocínios implícitos; <b>iii)</b> Resolve corretamente o problema demonstrando a estratégia utilizada.
<b>Objetivo geral B</b> - Melhorar a produção escrita mobilizando as diferentes etapas da produção textual.
<b>Estratégia 4</b> – Criação de atividades de produção escrita de diferentes tipos de texto; <b>Estratégia 5</b> – Mobilização de diversas fontes de informação para melhorar a produção escrita.
<b>Atividades:</b> <b>i)</b> Escrever textos a partir de indutores; <b>ii)</b> Rotina “Livro de histórias”.
<b>Indicadores de avaliação:</b> <b>i)</b> Planifica a escrita de diversos tipos de texto; <b>ii)</b> Redige corretamente; <b>iii)</b> Revê diferentes tipos de texto.
<b>Objetivo geral C</b> - Analisar imagens numa perspetiva sociocrítica.
<b>Estratégia 6</b> – Promoção de atividades que estimulem o pensamento crítico; <b>Estratégia 7</b> – Implementação de atividades que promovam a análise e interpretação de imagens.
<b>Atividades:</b> <b>i)</b> Análise de imagens; <b>ii)</b> Debates em grande grupo acerca de problemas do quotidiano a partir de diversas linguagens. <b>iii)</b> Saídas de campo.
<b>Indicadores de avaliação:</b> <b>i)</b> Observa os elementos mais significativos da imagem e descreve-a relacionando-a com o assunto em estudo; <b>ii)</b> Identifica a principal mensagem da imagem; <b>iii)</b> Define o problema implícito ou explícito da imagem; <b>iv)</b> Aponta situações/alternativas na perspetiva da resolução de problemas.

*Fonte: Projeto de Intervenção do 1.º CEB*

### 1.2.2. Avaliação dos objetivos de intervenção

No que diz respeito à avaliação dos objetivos de intervenção, esta resultou da avaliação dos objetivos gerais do PI e respetivos indicadores de avaliação. Através dos indicadores pretendeu-se avaliar os alunos e, assim, perceber se a intervenção foi eficaz e profícua. Neste sentido, a avaliação dos objetivos foi sustentada na: i) análise dos

instrumentos de pilotagem; ii) análise das produções dos alunos e iii) observação direta durante o período de intervenção.

## **2. ANÁLISE DA PRÁTICA PEDAGÓGICA DESENVOLVIDA NO 2.º CICLO DO ENSINO BÁSICO**

### **2.1. Caracterização do contexto socioeducativo**

#### **2.1.1. Instituição**

A instituição onde se realizou a prática desenvolvida no 2.º CEB localiza-se na freguesia de S. Domingos de Benfica, em Lisboa. A população escolar que frequenta o agrupamento reside maioritariamente na freguesia. A procura desta escola por parte de famílias que não residem na área deste agrupamento também se deve ao facto de carecerem de uma resposta educativa especializada, uma vez que existem na instituição duas Unidades de Ensino Estruturado para a população com Espetro do Autismo (UEEA).

O agrupamento abrange todos os ciclos de ensino, desde o Pré-escolar até ao Ensino Secundário. A instituição onde decorreu o estágio abrange o 2.º e 3.º CEB. De acordo com o Projeto Educativo, relativamente à sua missão, esta assenta em quatro pilares, sendo estes: i) Promover a qualidade, a cultura e a imagem do agrupamento; ii) Melhorar o desempenho escolar dos alunos; iii) Melhorar a acessibilidade, a circulação e a transparência de comunicação; e iv) Gerir os recursos para uma melhor qualidade.

Relativamente aos recursos físicos, a escola está equipada com computadores e quadros interativos nas salas de aula. Existe um gabinete de departamento/grupos disciplinares, sala de diretores de turma, sala de informática, gabinete de apoio ao aluno, gabinete médico, biblioteca, bar, papelaria, reprografia, refeitório, cozinha, um pavilhão desportivo e um campo de jogos. Quanto aos recursos humanos, para além dos professores dos diferentes grupos de recrutamento, existe uma equipa de professores para a biblioteca, uma equipa de psicólogos (Serviço de Psicologia e Orientação) e uma equipa de professores responsáveis pelo Departamento de Educação Inclusiva.

#### **2.1.2. Ação pedagógica das professoras cooperantes**

##### **2.1.2.1. Princípios orientadores da ação pedagógica**

De forma a caracterizar a ação pedagógica das PC realizou-se uma entrevista (cf. Anexo D e E), a fim de se obter mais informação sobre as suas práticas. Através da observação direta foi possível verificar que ação pedagógica de ambas as PC tem por base o princípio orientador de diferenciação pedagógica privilegiando assim, os ritmos

de trabalho de cada aluno. Neste sentido, pretende-se criar um ambiente promissor e desencadeador de aprendizagens significativas onde os alunos se tornam “parceiros intelectuais [do professor] na construção da aprendizagem e do ensino, contribuindo para a alteração do sentido do ato pedagógico e da forma de gerir o currículo” (Grave-Resendes e Soares, 2002, p. 11). As estratégias de trabalho colaborativo (a pares ou em pequenos grupos) estão presentes nas práticas das docentes, o que se revelou benéfico para os alunos.

Para promoverem a comunicação, as PC possibilitam momentos de diálogo entre os alunos, daí resultando uma partilha de saberes que muito contribui para que cada um adquira mais conhecimentos.

#### 2.1.2.2. Processos de avaliação e regulação das aprendizagens

Relativamente aos processos de avaliação, ambas as PC utilizam as avaliações diagnósticas, formativas e sumativas nas suas práticas pedagógicas, bem como a autoavaliação e a heteroavaliação. Na turma A, que contém alunos indicados com medidas adicionais (Decreto-Lei n.º 54/2018), a professora utiliza instrumentos de avaliação diferenciados, de acordo com as adaptações curriculares de cada aluno.

### 2.1.3. Turmas

#### 2.1.3.1. Turma A

Em relação às características das duas turmas do 6.º ano de escolaridade, a turma A é composta por 20 alunos, sendo 13 do sexo masculino e 7 do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 11 e os 16 anos. Há 12 alunos abrangidos por medidas universais com acomodações curriculares. Destes 12 alunos, 11 estão abrangidos pelas medidas seletivas e possuem apoio tutorial. Destes 11 alunos, 4 são abrangidos por medidas adicionais. Destes 4 alunos, 1 aluno tem défice de atenção e concentração, 1 possui grandes dificuldades em todas as disciplinas e 1 tem dislexia, sendo estes 2 últimos abrangidos pelo Programa Educativo Individual (PEI). Por fim, existe 1 aluno com Perturbação do Espectro do Autismo que beneficia do Currículo Específico Individual (CEI). Este aluno desloca-se à sala de aula apenas para socializar com os colegas, sendo acompanhado pelas professoras de Educação Inclusiva, que trabalham com ele o seu currículo individual.

### 2.1.3.2. Turma B

A turma B é composta por 28 alunos, sendo 13 do sexo masculino e 15 do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 11 e os 15 anos. Existem 6 alunos abrangidos por medidas universais com acomodações curriculares.

Em conformidade com a prática do 1.º CEB, nas duas primeiras semanas de observação realizou-se uma avaliação diagnóstica de ambas as turmas ao nível das competências sociais e nas áreas curriculares de Português e História e Geografia de Portugal (HGP). Uma avaliação diagnóstica ocorre antes de qualquer processo educativo possibilitando ao professor perceber qual a metodologia mais profícua para que o aluno tenha sucesso (Leitão, 2014). Após esta avaliação diagnóstica identificaram-se as potencialidades e as fragilidades de ambas as turmas (cf. Anexo F). Em relação às potencialidades das turmas, na área curricular de Português verificou-se que os alunos demonstravam motivação pela leitura, expressavam-se e comunicavam oralmente de forma correta e aplicavam conteúdos gramaticais corretamente. As fragilidades que se verificaram nesta disciplina, em ambas as turmas, foram dificuldades na planificação de textos, na produção escrita e na compreensão leitora. Relativamente à área curricular de HGP, os alunos revelavam bastante interesse por esta, contudo, identificaram-se fragilidades ao nível da competência histórico-geográfica: mobilização de vocabulário histórico e geográfico na construção do conhecimento e na comunicação em História e Geografia. Destaca-se ainda, que os alunos revelavam dificuldades na compreensão leitora na disciplina de HGP, tal como se verificou em Português.

## 2.2. Problematização dos dados do contexto

### 2.2.1. Problemática e objetivos gerais de intervenção

Face às potencialidades e fragilidades encontradas nas duas turmas, formularam-se três **questões-problema** que configuraram a base da problemática, objetivos e estratégias do Projeto de Intervenção (PI): i) Que estratégias implementar para desenvolver a compreensão leitora? ii) Como melhorar a competência de produção escrita nos alunos? e iii) Que estratégias utilizar para melhorar a compreensão do oral?

Considerou-se que estas questões-problema seriam um bom ponto de partida para a intervenção, uma vez que se pretendiam colmatar as dificuldades presentes nas duas turmas. Desta forma identificaram-se três objetivos gerais:

- A - Adquirir competências de compreensão leitora a partir de diversas

linguagens.

- B - Desenvolver competências de produção escrita, mobilizando o vocabulário específico.
- C - Adquirir competências de compreensão oral a partir de situações diversas.

É importante ressaltar que os objetivos A e B foram transversais às áreas curriculares de HGP e Português. Apenas o C foi direcionado para a área de Português.

Posteriormente, desenvolveu-se a **problemática** que engloba os objetivos descritos acima: *“De que modo as competências comunicativas influenciam o desenvolvimento das competências da língua e histórico-geográficas?”*.

Tendo em conta as fragilidades identificadas nas turmas do 6.º A e do 6.º B, apresenta-se, abaixo, a tabela que indica a relação entre os objetivos gerais da intervenção, as estratégias globais, atividades e indicadores de avaliação.

Tabela 2.

*Objetivos gerais, estratégias globais de intervenção e indicadores de avaliação.*

	Áreas curriculares
<b>Objetivo geral A</b> - Adquirir competências de compreensão leitora a partir de linguagens diversas.	Português e HGP
<b>Estratégia 1</b> - Implementação de atividades que promovam o trabalho de interpretação e compreensão de diferentes tipos de textos, incluindo fontes histórico-geográficas	
<b>Atividades:</b> <b>i)</b> Análise de texto narrativo; <b>ii)</b> Análise de fontes histórico-geográficas	
<b>Indicadores de avaliação:</b> <b>i)</b> Seleciona a informação relevante contida no texto incluindo fontes histórico-geográficas; <b>ii)</b> Realiza sínteses da informação de vários tipos de texto; <b>iii)</b> Extrai o pressuposto de um texto.	
<b>Objetivo geral B</b> - Desenvolver competências de produção escrita, mobilizando o vocabulário específico	Português e HGP
<b>Estratégia 2</b> - Criação de atividades de produção de diferentes tipos de texto em grupo ou individualmente	
<b>Estratégia 3</b> - Mobilização de diversas fontes de informação para promover a compreensão leitora e melhorar a produção escrita	
<b>Atividades:</b> <b>i)</b> Escrever textos a partir de indutores	
<b>Indicadores de avaliação:</b> <b>i)</b> Planifica a escrita de textos narrativos e informativos; <b>ii)</b> Redige corretamente; <b>iii)</b> Utiliza vocabulário específico do	

tema a tratar; <b>iv)</b> Aplica conceitos científicos no seu discurso escrito; <b>v)</b> Revê diferentes tipos de texto.	
<b>Objetivo geral C</b> - Adquirir competências de compreensão oral a partir de situações diversas.	Português
<b>Estratégia 4</b> - Implementação de rotinas que promovam a escuta ativa com vista ao desenvolvimento da compreensão do oral	
<b>Atividades:</b> <b>i)</b> Atividades de pré-escuta, escuta e pós-escuta.	
<b>Indicadores de avaliação:</b> <b>i)</b> Distingue informação implícita e informação explícita; <b>ii)</b> Sintetiza enunciados ouvidos; <b>iii)</b> Preenche grelhas de registo.	

Fonte: PI do 2.º CEB

### 2.2.2. Avaliação dos objetivos de intervenção

No que diz respeito à avaliação dos objetivos do PI, esta adveio dos objetivos gerais e respetivos indicadores de avaliação e das estratégias definidas. Através dos indicadores pretendeu-se avaliar os alunos e, conseqüentemente, perceber se a intervenção foi eficaz. Desta forma, a avaliação dos objetivos do PI foi sustentada na: i) análise dos instrumentos de pilotagem; ii) análise das produções dos alunos; e iii) observação direta durante o período de intervenção.

## 3. ANÁLISE CRÍTICA E COMPARATIVA DA PRÁTICA PEDAGÓGICA DESENVOLVIDA NOS 1.º E 2.º CICLOS DO ENSINO BÁSICO

No presente subcapítulo analisam-se criticamente as duas práticas realizadas no 1.º CEB e no 2.º CEB, mencionando e refletindo sobre alguns aspetos relevantes ocorridos durante a PES II, nomeadamente: i) os processos de ensino e de aprendizagem; ii) as formas de organização e gestão do currículo; iii) a relação pedagógica; iv) a implicação dos alunos no processo de aprendizagem; e v) os processos de regulação e de avaliação.

É de salientar que ao longo das práticas do 1.º CEB e 2.º CEB realizadas, houve intenção de promover uma aprendizagem centrada no aluno e uma prática de ensino diferenciado. No que diz respeito à aprendizagem centrada no aluno, esta deve possibilitar, por meio da cooperação entre colegas e da sua capacidade de iniciativa e criatividade, uma construção gradual dos seus próprios conhecimentos (Lopes, 2017), e assim proporcionar que o processo de ensino se baseie na descoberta (Piaget, 2002).

Desta forma, Panutto et al. (2015, p. 2), menciona que, atualmente, é um desafio “tornar a sala de aula dinâmica, interativa, colaborativa, propondo ao aluno atividades motivadoras, que possam ser desenvolvidas estimulando a criatividade, com significado e propósitos”.

No decorrer das práticas foi intenção criar-se, na sala de aula, um ambiente facilitador de aprendizagem utilizando atividades lúdicas e interativas que estimulassem o processo de ensino e aprendizagem dos alunos. Desta forma, o objetivo era que os alunos participassem ativamente em sala de aula possibilitando muitos momentos de diálogo. Aqui, o processo de interação e de mediação na relação entre o professor e o aluno baseou-se no diálogo. O professor deve ter atitude, ser assertivo e confiante nas aulas de modo a que os alunos se sintam mais interessados, não sendo o professor encarado apenas como um transmissor de conhecimentos, mas sim como um mediador levando os alunos a refletir sobre o mundo que os rodeia (Lopes, 2016).

Ao longo da prática promoveu-se o ensino diferenciado, uma vez que existem alunos com ritmos de aprendizagem e maturidade diferentes. De acordo com a Lei de Bases do Sistema Educativo (1986), o Ensino Básico é definido como universal e obrigatório, cuja finalidade passa por assegurar o direito a uma justa e efetiva igualdade de oportunidades no acesso e no sucesso escolar. Assim sendo, é imprescindível que os professores consigam “romper com todas as formas de exclusão escolar” (Grave-Resendes & Soares, 2002, p. 11), de modo a conseguirem responder a todas as necessidades dos seus alunos. É essencial que se garanta ao aluno a oportunidade de avançar conforme o seu ritmo de trabalho (Perrenoud citado por Grave-Resendes & Soares, 2002) e, em simultâneo, dar-lhe oportunidade de ser o gestor da sua aprendizagem. Santos (2009), menciona que o ensino diferenciado implica fornecer mais tempo aos alunos que ainda não terminaram uma determinada atividade enquanto os restantes executam tarefas para melhorarem os conteúdos em que têm mais dificuldades. Assim, é função do professor partilhar o poder com os alunos de forma a dar-lhes tempo para estudo autónomo e assim promover a autonomia, assim como a responsabilidade de serem eles os agentes das suas próprias aprendizagens (Grave-Resendes & Soares, 2002).

No que respeita à prática no contexto de 2.º CEB, considero que os princípios pedagógicos mencionados anteriormente ainda estão aquém do ideal. A intervenção decorreu em duas turmas com duas PC diferentes. Numa das turmas e, mais especificamente, na disciplina de Português verificou-se que a PC fazia questão de

cumprir o manual escrupulosamente, não sendo possível avançar para outro conteúdo que se encontrava mais à frente no mesmo. Por outro lado, na outra turma e também na disciplina de Português, a PC privilegiava a diferenciação pedagógica, pois quando um aluno terminava mais cedo determinada tarefa era-lhe possibilitada a leitura de um livro ou poderia terminar tarefas que tinham ficado pendentes. Além disto, as aulas de Português baseavam-se no método expositivo, dando pouca oportunidade aos alunos de participarem. Em relação à disciplina de HGP no período de intervenção apenas numa das turmas se observou diferenciação pedagógica, mas, nesta disciplina não foi privilegiado o método expositivo, dando oportunidade aos alunos de serem eles os promotores do seu próprio conhecimento. Foi proporcionado realizar trabalhos em pequenos grupos. O trabalho de grupo traz benefícios para “a motivação do aluno na aquisição de saberes e para o desenvolvimento de competências sociais, pois permite que estes partilhem ideias/opiniões/interesses e mobilizem as suas vivências” (Cardoso, Pereira & Rocha, 2015, p. 227). Esta dinâmica acaba por envolver os alunos no seu processo de ensino-aprendizagem. É fundamental que, neste tipo de aprendizagem, o professor tenha a função de questionar os alunos fazendo com que estes se orientem no processo de reflexão. Desta forma, os alunos passam a ser membros ativos na formação dos seus conhecimentos deixando de ser meros membros passivos (Coelho, 2014).

No 1.º CEB foi clara a adesão dos princípios pedagógicos acima referidos, por parte da PC. Foram implementadas diversas rotinas, algumas preconizadas pelo MEM. Deste modo, o MEM representa uma aprendizagem que possibilita orientar “as aprendizagens consoante as capacidades e necessidades dos alunos e ao mesmo tempo expô-los a um ambiente que os estimula à descoberta, à resolução de problemas, e ao trabalho de grupo ou entre pares ao saber viver em grupo” (Grave-Resendes & Soares 2002, p. 41). A implementação de novas rotinas, bem como as já existentes foram fundamentais pois permitiu criarem-se hábitos de autonomia e participação na sala de aula. Assim, Hohmann e Weikart (2011), mencionam que “a rotina diária oferece um enquadramento estável no qual as crianças . . . podem sem perigo iniciar, refletir sobre, modificar e expandir as suas experiências de aprendizagem pela acção” (p. 227).

Em relação à gestão do currículo, a articulação entre conteúdos no 1.º CEB foi mais visível do que no 2.º CEB. No 1.º CEB era muito frequente a articulação entre todas as áreas do currículo e era notória a cooperação entre colegas de várias áreas com a turma. Na área da Educação, torna-se fundamental que os professores das diferentes

áreas curriculares cooperem e, simultaneamente, com a participação dos alunos se reúnam em redor de problemas comuns decidindo tarefas, investigando modalidades de comunicação e praticando processos metacognitivos. Desta forma o trabalho interdisciplinar irá ajudar a uma melhor compreensão das disciplinas, e concomitantemente a desenvolver uma mentalidade aberta relativamente aos outros (Pombo, Guimarães & Levy, 1994). Todavia, no 2.º CEB esta articulação era pouco reconhecida não existindo, com frequência, trabalhos que proporcionassem a interdisciplinaridade. Embora nesta prática não fosse muito utilizada, houve uma preocupação em tentar articular os conteúdos de Português e HGP no decorrer da intervenção, pois ambas as PC lecionavam as duas disciplinas, o que beneficiou a execução de trabalhos interdisciplinares.

No 1.º CEB e 2.º CEB foram observadas diversas técnicas de avaliação e verificou-se que no 2.º CEB a avaliação mais utilizada era a avaliação sumativa e formativa, não sendo muito valorizada a avaliação diagnóstica. A meu ver, a avaliação que mais se adequa é a avaliação formativa pois esta “ocorre durante a realização de tarefas pelos alunos, através da observação, que pode ser instrumentada com listas de verificação ou com grelhas de observação, o que permite diagnosticar as dificuldades dos alunos no momento em que surgem” (Ferreira, 2009, p. 148) e procurar definir estratégias para colmatar e ultrapassar as dificuldades sentidas.

Assim, a aquisição das aprendizagens é verificada pela avaliação formativa (Barreira, Boavida & Araújo, 2006). Desta forma, no decorrer da prática promoveu-se no 2.º CEB a avaliação formativa, de modo a compreender as dificuldades dos alunos e posteriormente, a apoiá-los. No 1.º CEB foram usados todos os tipos de avaliação mas, destacou-se a avaliação formativa.

Relativamente à relação pedagógica foram notórias as diferenças entre o 2.º CEB e o 1.º CEB. No 2.º CEB, a relação estabelecida entre professor-aluno era um pouco distante, baseando-se, essencialmente, na transmissão de conhecimentos. Neste sentido,

ser professor não se confina ao seu comportamento na sala de aula. Não é apenas o ato de ensinar alunos; envolve uma aprendizagem mútua, uma relação de cumplicidade e complementaridade, na qual os alunos sentem que têm uma voz ativa neste processo educativo e confiam na figura do docente para desenvolver os seus conhecimentos. Salienta-se também o distanciamento entre família-escola. (Monteiro, 2017, p. 3)

Em nada similar, no 1.º CEB existia uma grande proximidade entre alunos e professora e esta privilegiava a relação família-escola, destacando-se a boa relação que tinha com as famílias e encarregados de educação. Com os alunos, a PC estabelecia uma relação sempre como base no respeito mútuo, fomentando a mesma atitude entre os alunos, sendo perceptível a confiança e o apreço pela turma e vice-versa. Na prática de 1.º CEB foi evidente esta relação afetiva até porque a sala de aula era maioritariamente de alunos que viviam em contextos sociais desfavorecidos, causadores de grande instabilidade emocional que, conseqüentemente espelhavam nas suas ações tanto na escola como em sala de aula. Desta forma, os alunos confiam e depositam total confiança no professor.

Concluindo, as práticas no contexto de 2.º CEB e 1.º CEB revelaram-se bastante díspares em diversos aspetos e, por isso, as aprendizagens alcançadas mostraram-se muito ricas e estimulantes.

## **2.ª PARTE**

## 1. APRESENTAÇÃO DO ESTUDO

Após a caracterização dos contextos onde decorreu a prática, será apresentado um estudo que emergiu das fragilidades identificadas na turma do 3.º ano do 1.º CEB. Desta forma, nos subcapítulos seguintes será identificado o problema do qual surgiu o objeto de estudo, apresentada a problemática assim como os objetivos do estudo.

### 1.1. Definição e apresentação do problema objeto de estudo

O presente estudo foi desenvolvido no âmbito da Unidade Curricular PES II e decorreu na turma do 3.º ano do 1.º CEB, anteriormente apresentada. A partir da avaliação diagnóstica realizada no contexto educativo, identificaram-se as potencialidades e as fragilidades da turma (cf. Anexo B). O objeto em estudo emergiu das fragilidades identificadas, recaindo especificamente no **problema** do não (re)conhecimento do património local. Associado a este problema surge, no decorrer da prática, o meu interesse pessoal sobre o património local, uma vez que não conhecia o património existente no território onde está localizada a instituição. Para além desta motivação foi importante conhecer o Currículo Nacional do Ensino Básico – competências essenciais - que fomenta a interação dos alunos com o património. Assim, neste documento, o perfil do aluno competente em História no ensino básico, no 1.º CEB, deve “Reconhece[r] e valoriza[r] expressões do património histórico e cultural próximo” (p. 90). Salienta-se que o objeto em estudo se insere na área disciplinar de Estudo do Meio.

Desta forma, tendo identificado o problema, foi definida a problemática central do estudo: **O recurso ao património local como estratégia de ensino e aprendizagem da História garante o desenvolvimento das competências histórico-geográficas de recolha, tratamento e análise de informação, e de comunicação?**

Definida a problemática surgem três **questões-problema** que advêm da mesma:

a) De que forma o património local pode ser utilizado como estratégia para o ensino da História?

b) Que competências operativas de recolha, tratamento e análise de informação podem ser desenvolvidas a partir do estudo do património local?

c) Que competências operativas de comunicação em História podem ser desenvolvidas a partir do estudo do património local?

De modo a responder à problemática e às questões de investigação elencadas,

foram definidos os seguintes **objetivos gerais**:

i) Identificar os contributos do recurso ao património local para compreender a História.

ii) Relacionar o estudo do património local com o desenvolvimento de competências de recolha, tratamento e análise de informação.

iii) Caraterizar as competências de comunicação em História desenvolvidas a partir do estudo do património local.

Através da problemática e dos objetivos do estudo pretende-se descobrir a história através do património local.

Desta forma, é possível verificar que o estudo se articula com a problemática e objetivos definidos no PI do 1.º CEB acima referido.

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1. Património

A palavra *património* é polissémica: se na linguagem do Direito significa propriedade privada que é herdada, no domínio da história da arte ou da antropologia é um legado que vai para além do domínio privado, até pelo contrário, porque o património é valorizado enquanto bem comum, de uma sociedade. (Hernández Ríos, 2016, p. 166)

No âmbito da nossa investigação e no domínio educativo, o património de que falamos é, essencialmente, cultural e material, ou seja, de um conjunto de edificações criadas pela sociedade.

A Lei do Património Cultural Português (n.º 13/85 de 6 de julho) considera que o património é constituído por “todos os bens materiais e imateriais que, pelo seu reconhecido valor próprio, devam ser considerados como de interesse relevante para a permanência e identidade da cultura portuguesa através do tempo”.

Pinto (2015), refere que a definição de património varia segundo as ideias de cada época. Para a autora “o património é geralmente apresentado como construção material e simbólica do passado” (p. 202). Assim, “o património não se limita a um tempo, a um passado ou a um futuro. Utiliza-se o património do passado para construir o património do futuro, pois a cultura é, na sua essência, dinâmica e encontra-se sempre em constante mudança” <sup>1</sup>(ICOMOS-Canada French-Speaking Committee, 1982). Desta forma, “o património deverá ser valorizado, preservado e transmitido às futuras gerações enquanto prova da vivência e das aspirações do ser humano de modo a estimular a criatividade em toda a sua pluralidade e a motivar a comunicação autêntica entre várias culturas” (UNESCO, 2001).

Associado ao património falamos também de identidade, que se considera como um valor inseparável deste, pois pode ser considerado como o que nos é profundamente importante (Pinto, 2015). Assim, é necessário refletir sobre o porquê de se incutir nos alunos o dever de salvaguardar e proteger o património. Neste sentido, Merillas, Etxeberria e Redondo (2012) afirmam que se deve “refletir, porque o património preserva e mantém as raízes de um povo e porque esta herança/património é o centro da nossa identidade”.

---

<sup>1</sup> Optou-se por traduzir todas as citações de originais em língua estrangeira, assumindo a autora a responsabilidade por algum erro cometido na tradução.

O estudo do presente relatório foca-se no património local sendo, por isso, importante conhecê-lo, bem como ao meio que o envolve, para que os alunos assumam maior consciência de que existe e faz parte do património nacional (Ferreira, Dias, Hortas & Martins, 2011). Neste sentido, o estudo do património local exige esforço e dedicação dos professores e alunos e da comunidade que envolve a escola (Manique & Proença, 1994).

Desta forma, defender o património, passa, primeiramente, pela educação e pela sensibilização das gerações vindouras, apelando à preservação dos bens patrimoniais uma vez que integram alicerces da memória coletiva nacional (Manique & Proença, 1994).

Deste modo, é fundamental defender o património mas, acima de tudo, conhecê-lo e, de acordo com Manique e Proença (2014), “conhecer o património implica conhecer o percurso histórico em que ele se enquadra e fora do qual perde todo o significado” (p.55).

Assim, Solé (2014) afirma que o património é marcado pela sua heterogeneidade e diversidade, definindo a transversalidade e a interdisciplinaridade de que faz parte a Educação patrimonial, que se irá abordar no subcapítulo seguinte.

## **2.2. Que relação se pode estabelecer entre Educação patrimonial e Educação histórica?**

O presente subcapítulo aborda a relação entre a educação patrimonial e a educação histórica.

Entende-se por educação histórica “o enfoque na compreensão dos conceitos estruturantes do conhecimento histórico, em relação com um quadro substantivo coerente que caracterize o processo histórico de cada comunidade humana” (Alves & Pinto, 2019, p. 74).

A educação patrimonial procura desenvolver nos alunos, por meio de contacto direto com fontes patrimoniais, um sentido ou sentimento de responsabilidade em relação ao património histórico e uma reflexão crítica relativamente às memórias de um povo, pretendendo-se a compreensão do presente (Pinto, 2016). Tem como objetivos “desenvolver atitudes de preservação e animação do Património, conhecer o património da zona em que a escola está inserida, incentivar o gosto pela descoberta [e] compreender a História Nacional a partir da História Local” (Duarte, 1993, p.11).

Educação histórica e educação patrimonial encontram-se relacionadas, uma vez

que para o ensino e aprendizagem da História recorre-se a fontes patrimoniais quando se pretende dar significado ao passado histórico (Pinto, 2016). Concomitantemente, a educação histórica pode ter uma função fulcral na educação patrimonial, pois os objetos de museus e os locais históricos, quando são investigados com um bom planeamento de tarefas e fomentam a interpretação histórica, podem possibilitar a compreensão da evidência que dá significado ao passado (Pinto, 2015).

Neste sentido, de acordo com o Comité de Ministros do Conselho da Europa (2017),

Heritage should be part of official school curriculum or an extracurricular activity and provide relevant skills based on a multidisciplinary and cross-sectoral approach. Heritage education helps to develop a better understanding and respect of our living environment, ourselves and the others.

Desta forma, é importante adaptar o currículo, “apostar na formação de professores, encetar um diálogo entre o ramo da educação com os departamentos do património, museus etc., desencadear projetos interdisciplinares que se relacionem com o património, promover atividades que aconteçam fora da sala de aula e convidar professores especialistas em património para irem às escolas abordar este tema”. Assim, a primeira recomendação do Comité de Ministros do Conselho da Europa (2017, p.20) destina-se a fomentar a instrução dos alunos acerca do património. Deste modo, recomenda-se que a educação patrimonial seja mais valorizada nos programas escolares:

heritage education helps us develop a better understanding of our living environment and, more broadly, the world around us. It leads to a better understanding of ourselves and others; it prompts mutual respect and respect for our living environment and helps nurture responsible citizens.

De acordo com o Jornal *Público* (2019), alguns ex-governantes<sup>2</sup> expuseram várias recomendações para que a Cultura se distinga como constituinte fundamental numa Europa mais unida e firme. É mencionada, no jornal, uma proposta que se associa com o tema do património assim como a sua inserção na Educação, especificamente ao nível do currículo.

---

<sup>2</sup> Aurélie Filippetti, ex-ministra da Cultura e da Comunicação de França; Dario Franceschini, ex-ministro dos Bens Culturais e do Turismo de Itália; Jorge Barreto Xavier, ex-secretário de Estado da Cultura de Portugal; e José Maria Lassalle, ex-secretário de Estado da Cultura de Espanha.

É de salientar que, nos programas escolares, na disciplina de História, as fontes históricas focam-se maioritariamente em referir as fontes escritas e, ocasionalmente, fontes iconográficas (Pinto, 2011) descurando a utilização de fontes patrimoniais. Para que se dê mais enfoque às fontes patrimoniais é essencial desenvolver uma educação patrimonial a um nível baseado em “proporcionar recursos e atividades desafiadoras, usar fontes patrimoniais de forma a contribuir para o desenvolvimento da compreensão dos conceitos históricos pelos alunos e a interpretação dos contributos culturais, sociais e económicos de diversos grupos nas suas comunidades” (Pinto, 2015, p. 207). Deste modo, a execução de atividades que estejam relacionadas com o património histórico de um povo pode beneficiar a aprendizagem de diversos conceitos históricos (Pinto, 2011).

Assim, a educação patrimonial deve ser estimulada na escola tendo como finalidade a interdisciplinaridade. Relativamente à História, o estudo do património deve ser abordado em sala de aula, isto é, o professor deve incrementar atividades que façam com que exista um contacto direto do aluno com o património para, particularmente, estimular a sua consciência cívica (Mesquita, 2013).

Desta forma, e porque a escola é um fator preponderante neste conteúdo, ao educar alunos e cidadãos conscientes das suas ações, esta deve estabelecer frequentemente, relações com o meio (Duarte, 1993). Como corroboram Manique e Proença (1994), “Não é o património que tem de vir à Escola mas, ao contrário, é a Escola que deve ir ao encontro do património” (p. 57).

Destacando a interdisciplinaridade neste conteúdo é importante ressaltar que no decorrer do meu estudo houve intenção de se realizarem atividades relacionadas com o património que fossem transversais a outras áreas do currículo, como por exemplo o Português, na qual os alunos redigiram um texto criativo acerca do património (que mais à frente explicarei com mais detalhe) e, deste modo, a relevância da escrita tem um carácter transversal. “Dado o papel da linguagem escrita na aprendizagem de todas as disciplinas curriculares, a escola deve igualmente ensinar a usar a expressão escrita como instrumento de apropriação e transmissão do conhecimento” (Sim-Sim, Duarte & Ferraz, 1997, p. 31).

## **2.3 Competência e Competências histórico-geográficas**

No que diz respeito à Educação, “o conceito de competência tem surgido como alternativa a capacidade, habilidade, aptidão, potencialidade, conhecimento ou *savoir-*

*faire*. No já clássico trabalho de Perrenoud (1999), *competência* surge como a aptidão de atuar com eficácia num determinado tipo de situação sustentada em conhecimentos, mas sem se limitar a eles. Mais recentemente, o documento “Perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória” (2017), entende por competências “combinações complexas de conhecimentos, capacidades e atitudes, são centrais no perfil dos alunos, na escolaridade obrigatória.” (p. 12). É a competência que permite ao sujeito aprendiz enfrentar e regular adequadamente um conjunto de tarefas e de situações educativas” (Dias, 2010, p. 74). Dias e Hortas (2014), entendem que a aprendizagem por competências se centra “no conjunto de conhecimentos, capacidades e atitudes que cada saber científico permite promover e desenvolver em cada criança e jovem” (p.14).

Uma vez que definido o conceito de competência, definem-se competências histórico-geográficas. Desta forma, é fundamental entender quais as competências que as abordagens no ensino da História e da Geografia podem desenvolver nos alunos.

Costa (2017) considera que a História e Geografia são duas ciências sociais em que se elaboram e investigam as noções de espaço e tempo contribuindo para o crescimento de competências espaço-temporais. Neste sentido, é impossível desassociar estas duas áreas do saber, pois elas encontram-se articuladas, no sentido em que, tal como refere Hassinger, citado por Dias e Hortas (2006), “As duas disciplinas completam-se precisamente pela sua natureza, pois todas as situações e acontecimentos humanos estudados pela História estão indefetivamente ligados ao espaço como todas as situações naturais, culturais e políticas do Globo, tratadas pela Geografia, o estão no tempo” (p.3). Desta forma, a História e a Geografia possuem uma relação de interdisciplinaridade (Dias, Hortas, Cabanillas & Carretero, 2017). A valorização da interdisciplinaridade entre a História e a Geografia ultrapassa, não só o reconhecimento da relação entre estas duas ciências sociais e a forma como o conhecimento científico progrediu neste domínio, bem como os próprios limites de cada uma destas áreas do saber (idem, ibidem).

Assim, da relação estabelecida entre a História e a Geografia, houve a necessidade de definir sete competências histórico-geográficas que surgem do processo de elaboração do conhecimento de ambas as disciplinas. Desta forma, Hortas e Dias (2017), elencaram as competências histórico-geográficas que abaixo se discriminam: (Tabela 3).

Tabela 3.  
*Competências histórico-geográficas.*

<b>Competências histórico-geográficas</b>
(A) Utilizar diferentes fontes de informação com diversas linguagens
(B) Selecionar, organizar e tratar informação de natureza diversa
(C) Localizar, no espaço e no tempo, fenômenos políticos, econômicos, sociais, culturais e naturais
(D) Contextualizar, em diferentes escalas espaciais e temporais, fenômenos que ocorrem nas sociedades
(E) Conhecer os lugares e as regiões, nas suas dinâmicas/interações espaciotemporais globais
(F) Mobilizar conhecimentos histórico-geográficos para analisar e problematizar novas situações
(G) Mobilizar vocabulário histórico e geográfico na construção do conhecimento e na comunicação em História e Geografia

*Nota.* Baseado no documento das competências histórico-geográficas

Desta forma, é fundamental desenvolver estas competências histórico-geográficas pois contribuem “para a formação de alunos competentes, isto é, alunos que saibam ler e interpretar o mundo de forma crítica, de modo a que, como cidadãos, estejam disponíveis para o transformar” (Dias, et al., 2017, p. 649).

### **3. METODOLOGIA**

#### **3.1. Caracterização dos participantes**

O presente estudo desenrolou-se numa turma de 3.º ano do 1.º CEB e contou com a participação de toda a turma, constituída por 22 alunos, 10 do sexo masculino e 12 do sexo feminino.

#### **3.2. Natureza do estudo**

O presente estudo enquadra-se num processo de investigação-ação, ainda que não tenha sido desenvolvido de forma efetiva tendo em conta o constrangimento temporal do período do estágio que, de acordo com Cardoso (2014) surge como uma “forma de pesquisa que ocorre, no lugar da ação, é orientada para a melhoria da prática educativa e envolve a participação dos agentes implicados no processo” (p.11). Deste modo, foi intenção participar “ativamente na procura de soluções para os problemas encontrados, nas . . . práticas educativas” (Cardoso, 2014, p. 62). O processo de investigação-ação deve ser valorizado e realizado para que a prática educativa tenha um propósito. Assim, tal como refere Cardoso (2014), a investigação-ação

ocorre no próprio lugar da ação, procurando a união íntima entre a teoria e a prática . . . Tem em vista a própria mudança educativa, ajudando os professores a lidar com os desafios e os problemas, que a prática lhes coloca, e a levar a efeito inovações, de uma forma refletida (p.30).

Assim, utilizaram-se métodos quantitativos e qualitativos, de forma a recolher os dados necessários para o estudo investigativo. Relativamente aos métodos quantitativos estes constituem um procedimento metucioso de recolha de dados observáveis e quantificáveis (Freixo, 2012). Assim sendo, no que diz respeito ao método quantitativo foi aplicado um questionário diagnóstico (cf. Anexo C) e um questionário final (cf. Anexo U).

No que concerne ao método qualitativo procedeu-se à observação participante e não participante e à análise das produções dos alunos. “O objetivo desta abordagem de investigação utilizada para o desenvolvimento do conhecimento é descrever ou interpretar, mais do que avaliar” (Freixo, 2012, p. 173). Assim, o investigador assume um papel preponderante, visto que deverá optar por técnicas que lhe permitam recolher os dados do ambiente natural (Bogdan & Bicklen, 2013; Freixo, 2012).

### **3.3. Técnicas de recolha de dados e tratamento de dados**

O presente estudo investigativo pressupõe a opção por técnicas de recolha de dados tais como a observação, questionários e produções dos alunos.

Entende-se por observação a técnica que permite estudar fenómenos através dos comportamentos. Assim sendo, a observação pode ser participante, na qual o investigador interage com o grupo de alunos. Por sua vez, a observação não participante pressupõe o distanciamento do investigador quanto à situação estudada (Azevedo & Azevedo, 2006), e tendo ocorrido na aplicação de questionários, inicial e final, com incidência em perguntas de resposta aberta.

No que concerne ao questionário, este é considerado como o instrumento mais utilizado para a recolha de dados. É normalmente preenchido pelos próprios sujeitos e sem auxílio de terceiros (Azevedo & Azevedo, 2006; Bell, 2010; Bogdan & Bicklen, 2013; Freixo, 2012; Quivy & Campenhoudt, 1998; Haro. *et al.*, 2016).

Relativamente às produções dos alunos, estas permitiram retirar informações relativas ao estudo e conseqüentemente avaliar as aprendizagens adquiridas neste âmbito.

O tratamento de dados recolhidos durante o processo de intervenção terá como recurso tabelas efetuadas no programa *Excel* que posteriormente serão objeto de análise e discussão dos resultados.

### **3.4. Princípios éticos do processo de investigação**

No procedimento da investigação é fundamental garantir a confidencialidade, pois é essencial neste processo (Sousa & Batista, 2011).

Destaca-se que, no decorrer da elaboração do presente relatório respeitaram-se os princípios éticos referentes à confidencialidade e ao anonimato dos alunos, e da PC em que decorreu a PES II.

## 4. ANÁLISE DE RESULTADOS

As etapas da presente investigação estruturaram-se da seguinte forma: i) questionário diagnóstico (cf. Anexo C); ii) recursos e fichas de apoio (cf. Anexo M, N, Q e T) ; e iii) questionário final (cf. Anexo U).

O questionário diagnóstico serviu para avaliar o (re)conhecimento dos alunos em relação ao património da freguesia e contemplou várias questões relacionadas com o mesmo.

Em relação à primeira questão, “*o que entendes por património local?*”, foram identificadas respostas que contabilizaram um total de 11 palavras ou expressões mencionadas pelos 22 alunos: i) “não sei”; ii) “grupo de pessoas”; iii) “casamento”; iv) “direitos”; v) “museu”; vi) “jardins”; vii) “igreja”; viii) “dinheiro”; ix) “monumentos”; x) “patrão”; e xi) “público”. A expressão com maior número de ocorrências foi “não sei” (9 vezes) (cf. Anexo G), (cf. Figura 1), sendo por isso a que mais se destaca na definição de património. A palavra “casamento”, foi referida 4 vezes e as palavras, “igreja” e “museu” ambas mencionadas 2 vezes por 2 alunos.



Figura 1. Nuvem de palavras relativa à definição inicial de património. Feita com base no WordArt.

É interessante ver que os alunos confundem património com matrimónio o que explica a ocorrência da palavra “casamento”. Nas respostas dos alunos, os termos que efetivamente podem ser sinónimos de património são “museu” e “igreja” e, apesar de

terem tido menos ocorrências, “monumentos” e “jardim”. Neste sentido, é possível aferir que a maioria dos alunos não consegue definir corretamente o conceito de património, muito provavelmente porque o desconhece ou, porque não faz parte do seu vocabulário.

Relativamente à segunda questão que integra o questionário inicial, “*Que locais importantes conheces na freguesia de Benfica?*”, os locais referidos pelos alunos foram os seguintes: i) “bombeiros”; ii) “Igreja de Benfica”; iii) “Junta de Freguesia”; iv) “escolas”; v) “polícia”; vi) “Estádio do Benfica”; vii) “Supermercado Continente”; viii) “Teatro”; ix) “Natação”; x) “Ginástica”; xi) “Palácio Baldaya”; xii) “Farmácia”; xiii) “Mercado de Benfica”; xiv) “Mata de Benfica”; xv) “Hospital dos Lusíadas”; xvi) “Parque dos Montes” e xvii) “Não sei”.

Foram assinaladas 5 palavras que se podem enquadrar no que é património sendo elas: a) Igreja de Benfica; b) Junta de Freguesia; c) Teatro; d) Palácio Baldaya; e e) Mata de Benfica. No total, o levantamento de palavras relacionadas com a definição de património foi de 28 referências. Todas as outras respostas continham menções a forças de segurança e a bombeiros; a escolas; serviços ou desporto. As ocorrências do Estádio do Benfica; Hospital dos Lusíadas; ou Parque dos montes não foram agrupadas na categoria de património, porque que não se associam ao património da freguesia ou não pertencem administrativamente a esta. Destacam-se ainda 3 alunos que não souberam mencionar locais importantes na freguesia de Benfica.

Importa referir que, a maioria dos alunos responderam mais do que um local importante, o que indica que há algum conhecimento do meio local mais próximo (cf. Anexo H).

Com base na análise dos dados recolhidos, é possível verificar que as referências de locais associados ao património são um número significativo, embora as referências de locais que não se associam ao património também sejam consideráveis.

No que respeita à terceira pergunta do questionário inicial, “*Costumas visitar alguns monumentos, jardins ou outros locais de interesse em Benfica? Se sim, quais?*”, 7 alunos afirmaram que não visitavam locais de interesse e 15 responderam afirmativamente. Para analisar os locais referidos pelos alunos criaram-se três categorias: a) monumentos; b) jardins; e c) outros locais de interesse. Na categoria de “monumentos” foram agrupados os locais enumerados pelos alunos, com um total de 11 ocorrências: Palácio Baldaya; Museus; Palácios; e Igreja.

Na categoria de “jardins”, 4 alunos responderam que costumam visitar estes espaços e 3 que costumam visitar o parque da Quinta da Granja. Relativamente a

“outros locais de interesse”, os restantes alunos referiram: Monsanto; Estádio do Benfica; Mercado de Benfica; Campo Grande; e Campo Pequeno. Importa ainda destacar que alguns alunos mencionaram 3 locais visitados (cf. Anexo I).

Em conformidade com os dados analisados, é possível observar que os alunos, apesar de não apresentarem uma ideia correta do que significa património, mencionam monumentos que costumam visitar na freguesia, ainda que algumas respostas indiquem locais de outras freguesias.

Relativamente à quarta pergunta, “*Que edifícios antigos conheces na freguesia de Benfica?*”, considerou-se pertinente criar uma categoria “Edifícios antigos”, tendo em conta as respostas dadas pelos alunos, nomeadamente: Igreja; Palácio Baldaya; casas velhas; Palácio da Rainha; Junta de Freguesia de Benfica; edifício ao lado da Junta de Freguesia; e edifício ao lado do Palácio Baldaya. Desta forma, é possível observar que 13 alunos fizeram 18 referências a locais agrupados na categoria “Edifícios antigos”, um que mencionou “Estátua do Eusébio” e que 9 não mencionaram edifícios antigos (Anexo J).

Com base na análise dos dados, é possível perceber que os alunos têm a perceção do que é antigo, uma vez que associaram alguns locais/edifícios à categoria “Edifícios antigos”.

No que concerne à última questão do questionário inicial, “*Refere os nomes dos edifícios representados abaixo e diz se os conheces*”, tal como se observa na figura 2, é possível verificar que “Palácio Baldaya” foi o monumento mais referido pelos alunos, nomeadamente por 22, seguido de “Escola Superior de Educação de Lisboa” (20 menções) e “Igreja” (14 menções) (cf. Anexo K).



Figura 2. Nuvem de palavras relativa às respostas para: "Refere o nome dos edifícios". Feita com base no WordArt.

Também foi possível verificar através da figura 3 que a maioria dos alunos (18) conhecem o Palácio Baldaya, que 13 conhecem a Igreja de Nossa Senhora do Amparo

e que 6 conhecem o edifício da Escola Superior de Educação de Lisboa (cf. Anexo L).

Desta forma, da análise aos dados recolhidos é possível verificar que há um significativo número de alunos que reconhecem e conhecem o Palácio Baldaya. O facto de este edifício ser tão mencionado pode ser associado ao papel que tem a nível da freguesia. O Palácio, é um edifício da Junta de Freguesia e serve de apoio para iniciativas no âmbito dos agrupamentos de escolas. Inclui no seu programa atividades para toda a família, mesmo ao fim-de-semana, o que faz com que os alunos o frequentem com alguma assiduidade.



Palácio Baldaya  
Igreja de Nossa Senhora do Amparo  
Escola Superior de Educação de Lisboa

Figura 3. Nuvem de palavras relativa às respostas para: "Conhece os edifícios".  
Feita com base no *WordArt*.

Através do questionário inicial foi possível verificar que os alunos têm dificuldade em apresentar uma ideia aproximada do conceito de património e, mesmo aqueles que o definem, não o fazem de forma correta.

A partir destes resultados, considerou-se pertinente desenvolver um conjunto de objetivos: a) **Identificar os contributos do recurso ao património local para compreender a História**; b) **Desenvolver competências de recolha, tratamento e análise de informação através do património local**; c) **Caracterizar as competências de comunicação em História desenvolvidas a partir do estudo do Património local**.

Desta forma elaborou-se uma sequência de atividades que colmatasse esta fragilidade e que foi estruturada de forma a concorrer para os objetivos delineados, sendo elas: i) uma revisão do conceito do património recorrendo a um *PowerPoint* com imagens de edifícios do passado e do presente, relativas ao meio local; ii) uma saída de campo que continha um guião didático; iii) um guião de recolha de informação; e iv) a realização de um texto criativo a partir de um elemento patrimonial. Assim, a análise

descritiva do trabalho investigativo permitirá compreender o contributo das atividades para cada um dos objetivos.

Após a identificação das fragilidades dos alunos a partir do questionário inicial, foram escolhidos seis monumentos/locais que podemos considerar emblemáticos do património da freguesia onde estão inseridos: 1) Palácio Baldaya; 2) Chafariz de Benfica; 3) Igreja de Nossa Senhora do Amparo; 4) Parque Silva Porto; 5) Junta de Freguesia de Benfica e 6) edifício da Escola Superior de Educação de Lisboa. Como uma das fragilidades também se prendia com a análise e interpretação de imagens, foi elaborado um *PowerPoint* que continha a definição de património bem como imagens do passado e do presente do património acima referido. Assim, foi nossa intenção que os alunos analisassem e comentassem oralmente, em grande grupo, as diferenças entre imagens de séculos diferentes (Anexo M).

#### **4.1. Identificar os contributos do recurso ao património local para compreender a História.**

De forma a identificar os contributos que o património local pode fornecer para compreender a História, após a análise do *PowerPoint* foi realizada uma saída de campo com a turma, aos locais já mencionados. Após a saída de campo, de regresso à escola, os alunos foram dispostos em 4 grupos de 4 elementos e 2 grupos de 3 elementos e a cada grupo foi destinado um monumento/local. Foi-lhes solicitado que, em casa, com a ajuda da família e/ou amigos recolhessem informação na internet, em livros no sítio oficial da Junta de Freguesia de Benfica ou no roteiro *Benfica Footsteps*<sup>3</sup> sobre o monumento/local que se visitou. Também se facultou informação extra que pudesse não constar nas recolhas de informação dos alunos. Posteriormente, em grupos, com a informação recolhida preencheram um guião de recolha de informação que os ajudou a sistematizar a história do respetivo monumento/local (Anexo N).

Assim, as questões do guião de recolha de informação que remetem para este objetivo são relativas a **factos e personagens da História de Portugal**, por exemplo, “*Em 1755 quem era o Rei de Portugal?*” e **usos/significados ao longo do tempo histórico do monumento/local** (passado-presente), por exemplo, “*O Palácio Baldaya*

---

<sup>3</sup> “O *Benfica Footsteps* é um roteiro histórico com um percurso pedestre pela freguesia de Benfica [...] tem como objetivo valorizar a história e o património edificado e natural desta antiquíssima região lisboeta” Citação retirada de <https://www.jf-benfica.pt/benfica-footsteps/> (consultado a 30 de junho de 2019).

teve diferentes usos. Quais foram?” (cf. Anexo N e O).

Na análise aos guiões de informação, cujas questões remetem para o presente objetivo, é possível verificar que os alunos identificaram elementos relativos a factos e personagens da História de Portugal (reinados, arquitetos, características específicas dos monumentos, acontecimentos históricos e presidentes da República), assim como uso/significados ao longo do tempo histórico em que compararam elementos do passado com o presente (cf. Anexo N, O, P). Assim, foi possível constatar que os grupos, na sua maioria, com a ajuda da informação recolhida, registaram aspetos históricos relativos aos monumentos e à História de Portugal, tal como se observa na figura 4.

The image shows two pages of a student's information collection form. The left page is titled 'Guião para a recolha de informação' and contains the following questions and answers:

- 1. Em que ano se iniciou o construído do Escola Superior de Educação de Lisboa?  
Em 1916, 10 Dezembro de 1916
- 2. Neste ano, quem era o Presidente da República que lançou o primeiro pedra do alar?  
Bernardino Machado
- 3. Quem foi o arquiteto responsável pelo projeto do construído do Escola?  
Amélia de Sá Bermudes
- 4. Antes de se Escola Superior de Educação de Lisboa como se chamava?  
Escola normal primária de Lisboa

The right page contains question 5: 'A Escola de Lisboa, em 1916, como estava o Portugal?' with the handwritten answer 'Escala do magistério Primário' and the year '1919' written below it.

Figura 4. Respostas do aluno ao guião de recolha de informação.

Deste modo, as questões que se relacionam com o objetivo em causa permitiram a sua concretização, uma vez que os alunos para responderem ao pretendido tiveram de mobilizar conhecimentos históricos relativos à História de Portugal e ao monumento em questão. Assim, foi nossa intenção de, a partir do património local, desenvolver nos alunos a capacidade de ligar o elemento patrimonial ao contexto histórico em que surgiu a sua respetiva utilização/significação.

Após a recolha de informação, a fim de cumprir o objetivo acima referido, foi solicitado que, individualmente, redigissem uma história criativa sobre o monumento/local que lhes tinha sido atribuído no grupo. Nesta história, teriam de planificar, redigir e rever o texto, incluindo aspetos históricos que retiveram na recolha de informação, uma vez que essa era também uma fragilidade constatada (cf. Anexo B) (cf. Anexo Q).

A partir da análise dos textos foi possível identificar frases referidas pelos alunos que se relacionam com o património histórico do **monumento** e com o seu **contexto histórico**. Desta análise constata-se que 7 alunos, aquando da escrita do texto, não fizeram qualquer menção a aspetos históricos do monumento e 11 alunos não referiram nenhum aspeto relacionado com o seu contexto histórico. Os restantes alunos identificaram aspetos históricos relacionados com os monumentos e com o seu contexto. Em relação aos **monumentos**, surgiram algumas expressões interessantes referidas pelos alunos e que mostram a capacidade de ligar o texto (monumento/elemento patrimonial) ao seu contexto (época histórica): 1) “*Antes de existir a Escola Superior de Educação de Lisboa existia a escola normal primária de Lisboa*”; 2) “*O chafariz contou alguns aspetos históricos dele e disse que foi construído no século XVIII e que era de espaldar*”; 3) “*Aprendemos muitas coisas, uma delas era que a estátua, o António Carvalho da Silva vendeu o parque ao João Carlos Ulrich, que deu à Câmara Municipal de Lisboa o Parque Silva Porto*”; 4) “*Havia um ringue de patinagem cujo nome era António Livramento*”; 5) “*A Joana Baldaya disse: eu tenho o palácio porque mo ofereceram como prenda de casamento*”. (cf. Anexo R). Relativamente ao **contexto histórico**, os alunos referiram aspetos históricos tais como: a) “*Em 1916 eu era o arquiteto da Escola Superior de Educação de Lisboa, Arnaldo Adães Bermudes*”; b) “*Em 1788 no século XVIII eu fui ao Chafariz de Benfica....*”; c) “*Quem reinava em Portugal em 1840 era D. Maria II...*”; d) “*Em 1755, no dia 1 de novembro o rei D. José I estava a casar-se com D. Maria Vitória Bourbon...*”. (cf. Anexo R).

É de salientar que nas histórias produzidas pelos alunos, estes tiveram liberdade de ilustrarem as mesmas, tal como mostra a figura 5 (cf. Anexo S). Assim, realço a potencialidade que um trabalho em torno do património oferece em termos de articulação (interdisciplinaridade) de diferentes áreas de conteúdo ou disciplinas como é o caso da HGP e das Artes Visuais.

Assim sendo, verificando todas as produções dos alunos é possível aferir que

esta atividade concorreu para a concretização do primeiro objetivo, pois através da escrita de textos mobilizaram conhecimentos do património já adquiridos para compreender a História.

*o Brasil, depois de educação da Lisboa*

Em 16 de dezembro de 1916 o Presidente da República nomeou o arquiteto Arnaldo Guimarães e o arquiteto Arnaldo Guimarães e o Brasil depois disso!

Antes de existir a escola superior de educação de Lisboa existia a escola normal primária de Lisboa!

Depois, mais tarde, em 1930 passou-se a chamar a escola da magistrado primária.

Em 1919 não existia uma escola em Portugal para o sexo masculino e também existia uma escola para o sexo feminino e o arquiteto disse:

- Não adianta todas as palavras que me disseram! Ele já fez tudo.

E assim acabou a reunião entre o presidente Bernardino Machado e o arquiteto Arnaldo Guimarães para comemorar o presidente e o arquiteto foram para casa do Bernardino e fizeram uma grande festa.

onde em 1916 quem Arnaldo e Bernardino da República quando no mês 20. a que explicam como e presidente nomeou o Arnaldo

Revisão do texto		
Pontos a verificar	Sim	Não
1- Indiquei onde se passou o história.		X
2- Apresentei personagens.	X	
3- Indiquei quando se passou o história.	X	
4- Expliquei o que aconteceu na história.	X	
5- Expliquei como aconteceu a ação na história.	X	
7- Escolhi um título curto e apelativo.	X	
8- Utilizei parágrafos.	X	
9- Criei diálogo entre os personagens.	X	
10- Conectei as frases com letra maiúscula.	X	
11- Utilizei sinais de pontuação de forma correta.	X	
12- Escrevi o texto com uma ortografia legível.	X	

Figura 5. Texto de escrita criativa elaborado por aluno.

## 4.2. Relacionar o estudo do património local com o desenvolvimento de competências de recolha, tratamento e análise de informação.

Após a análise do PowerPoint que continha a definição de património, bem como imagens referentes ao passado e ao presente dos monumentos/locais acima referidos, teve como objetivo preparar a saída de campo. Para compreender de que forma o estudo do património local pode desenvolver competências de recolha, tratamento e análise de informação, foi realizada uma saída de campo, tal como se poder observar nas figuras 6 e 7, e elaborado um guião didático que continha várias perguntas sobre o património em questão e era solicitado aos alunos que o preenchessem durante o percurso (cf. Anexo T).



Figura 6. Saída de campo.



Figura 7. Saída de campo.

Como num momento anterior se tinham analisado as imagens do passado e do presente, no decorrer desta saída os alunos tiveram oportunidade de observar *in loco* as diferenças e, posteriormente, de registá-las no guião, tal como se observa nas figuras 8 e 9.



*Figura 8. Saída de campo.*



*Figura 9. Saída de campo.*

Deste modo, as questões do guião didático que remetem para o presente objetivo são relativas às diferenças que os alunos conseguiam observar entre a imagem do monumento/local no passado colocada no guião e o que estavam a observar no momento.

Da análise dos guiões foi possível verificar que a maioria da turma registou, sem grande dificuldade as diferenças dos monumentos/locais. Destacam-se, por exemplo, algumas respostas dos alunos à questão que remete para o presente objetivo “**Observem** a imagem abaixo e o património que se encontra à vossa frente. **Registem** as diferenças que conseguem observar entre esta imagem e o que veem” tal como mostram as figuras 10 e 11.

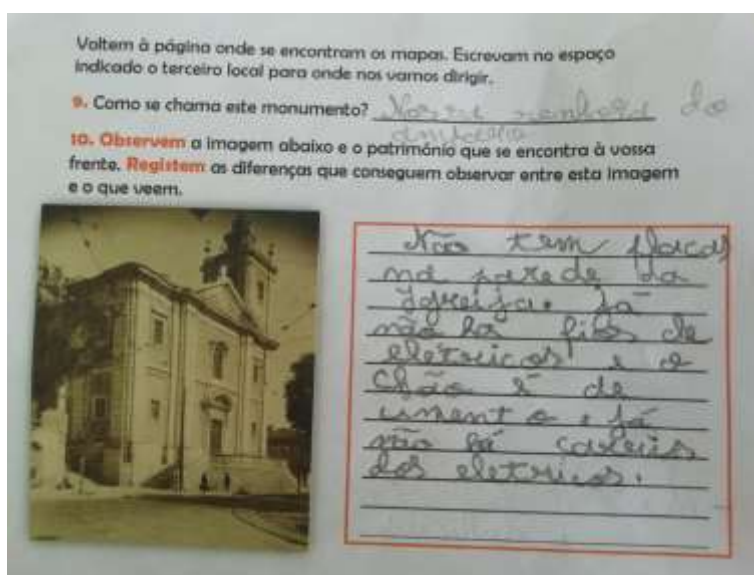


Figura 10. Guião didático - Igreja de Nossa Senhora do Amparo.

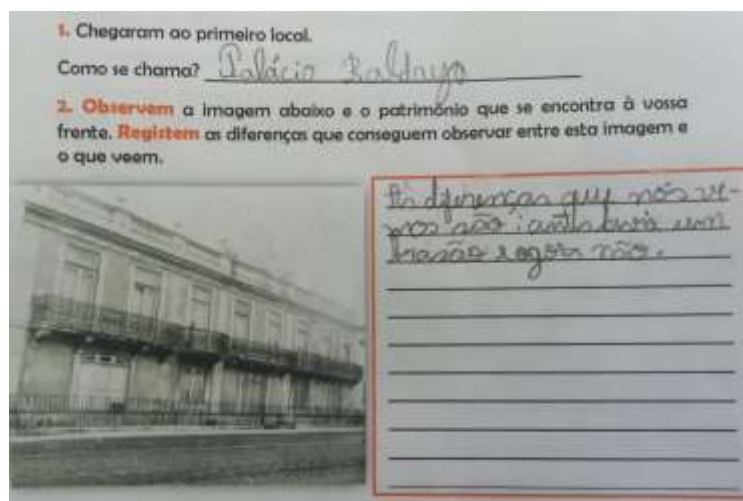


Figura 11. Guião didático - Palácio Baldaya.

Assim, este conjunto de questões contribuiu para a concretização do presente objetivo na medida em que os alunos, para responderem às questões pretendidas, tiveram de analisar e recolher informação acerca dos monumentos/locais. Desta forma, foi intenção desenvolver nos alunos a competência de recolha, tratamento e análise de informação.

De acordo com o preenchimento dos guiões de recolha de informação, os alunos identificaram elementos históricos relativos ao **contexto histórico** e à **história do monumento** (datas de construção, séculos, reinados da época, arquitetos, brasão e presidentes da República da época) com a ajuda da informação recolhida por eles, sendo por isso possível verificar que os grupos alcançaram o objetivo proposto e responderam corretamente às questões colocadas (cf. Anexo N, O, P).

Em suma, é possível constatar que ambas as atividades descritas acima contribuem para alcançar o segundo objetivo da presente investigação, uma vez que, através do estudo do património local se desenvolveram competências de recolha, tratamento e análise de informação.

### **4.3. Caraterizar as competências de comunicação em História desenvolvidas a partir do estudo do Património local.**

Após o preenchimento do guião de recolha de informação, os alunos nos grupos organizados manifestaram interesse em elaborar um cartaz com informação sobre o património, tal como se observa nas figuras 12, 13, 14 e 15.



Figura 12. Cartaz com informações relativas ao património.



Figura 13. Cartaz com informações relativas ao património.

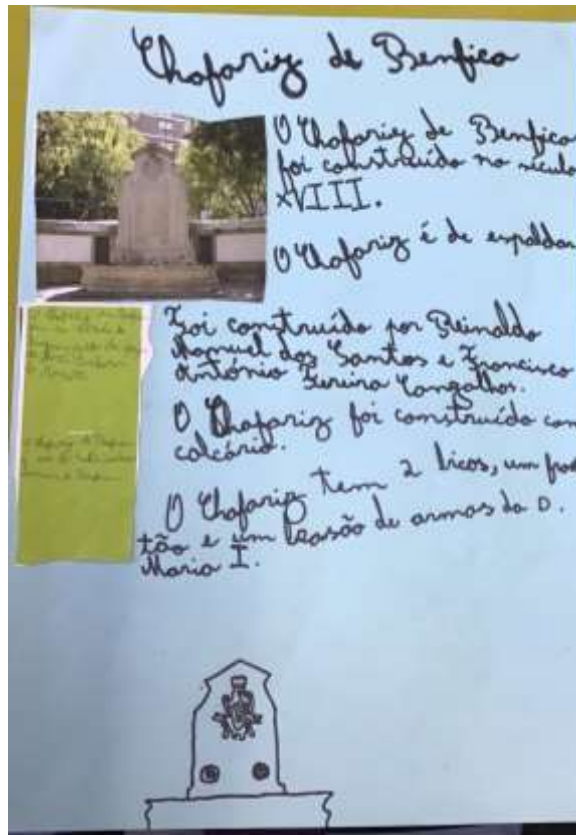


Figura 14. Cartaz com informações relativas ao património.



Figura 15. Cartaz com informações relativas ao património.

Posteriormente, houve uma comunicação oral, possibilitando a mobilização de conhecimentos adquiridos sobre o mesmo, como mostram as figuras 16 e 17.



Figura 16. Apresentação dos trabalhos relativos ao património.



Figura 17. Apresentação dos trabalhos relativos ao património.

A exploração do **PowerPoint** também permitiu desenvolver a comunicação oral, pois os alunos, em grande grupo, apresentaram as suas descobertas. O **guião da saída de campo** possibilitou desenvolver competências relacionadas com a comunicação escrita, uma vez que registaram e mobilizaram a informação que recolheram durante o percurso. O **guião de recolha de informação** também concorre para o objetivo e desenvolve a comunicação escrita, visto que, os alunos escreveram a informação que reuniram acerca do património. Por fim, o **texto criativo** remete para a competência de comunicação escrita, dado que os alunos mobilizam e referem aspetos históricos para caracterizar o monumento do património local.

Após a concretização das atividades realizou-se um questionário final (cf. Anexo U), para se compreender a evolução da conceção dos alunos sobre o conceito de património.

Relativamente à primeira questão do questionário final, “*O que entendes por Património*”, pretendeu-se perceber quais as suas respostas após todo o trabalho desenvolvido neste âmbito. Foram identificadas pelos alunos respostas que contabilizaram um total de 16 menções: Monumentos; Teatros; Museus; local importante; homenagem; localidade; especial; História; Palácio Baldaya; Igreja de Nossa Senhora do Amparo; Mata de Benfica; Inaugurações; Escola Superior de Educação de Lisboa; monumento antigo; lenda e estátua. De acordo com a mancha gráfica a figura 18, as palavras “Local importante”, referidas por 4 alunos, foram as que mais se destacaram, seguidas pelas palavras “monumentos”; “museus”; “localidade”; “especial”; “história”; e “monumento antigo” (cf. Anexo V).



Figura 18. Nuvem de palavras relativa à definição final de património. Feita com base no WordArt.

Posteriormente, pretendeu-se perceber a avaliação dos alunos em relação a todo o trabalho desenvolvido. No que concerne à segunda questão, “Qual é a tua avaliação geral do trabalho? Rodeia uma opção”, a apreciação geral dos alunos foi a de que gostaram muito de realizar o mesmo.

Relativamente à terceira questão, “Qual/Quais foi/foram a(s) atividade(s) que mais gostaste de fazer? Pinta a tua resposta”, esta englobava quatro respostas possíveis: 1) *Identificar as diferenças relativas ao Património local do passado com o presente*; 2) *A visita de estudo ao património local da freguesia de Benfica*; 3) *A recolha de informação sobre o património local* e 4) *O texto criativo sobre o património local*.

A resposta “*A visita de estudo ao património local da freguesia de Benfica*” foi referida por 16 alunos e a resposta “*Identificar as diferenças relativas ao Património local do passado com o presente*” foi apontada por 10 alunos (cf. Anexo W).

Esta conclusão permite valorizar a saída de campo como recurso do Estudo do Meio relacionado com o património local.

Em relação à quarta questão, “*Que dificuldades sentiste na realização das atividades sobre o património local? Pinta a tua resposta*”, havia cinco hipóteses de resposta: a) *trabalhar em grupo*; b) *recolher informação*; c) *escrever o texto criativo*; d) *identificar as diferenças do passado com o presente*; e e) *preencher o guião da visita de*

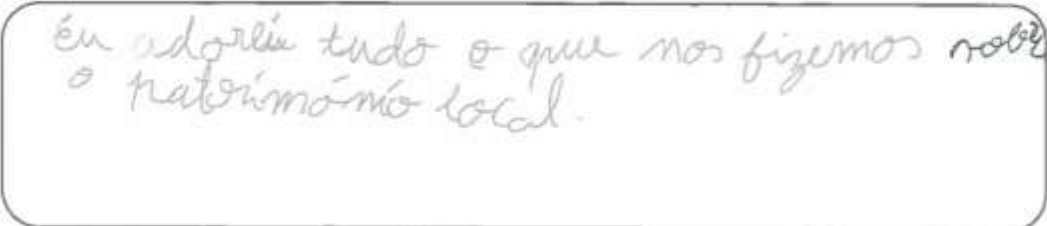
*estudo*. Destacam-se as respostas mais significativas, uma vez que 11 alunos responderam que tiveram mais dificuldades na recolha de informação e 8 alunos em trabalhar em grupo (cf. Anexo Y). Tendo em conta a análise dos dados, verifica-se que os alunos possuem maior dificuldade em recolher informação.

Relativamente à quinta e sexta questões, “*Gostei das atividades que realizei sobre o património da freguesia de Benfica porque:*” e “*Não gostei das atividades que realizei sobre o património da freguesia de Benfica porque:*”, constata-se que todos os alunos gostaram, referindo, entre outros aspetos, que: “*Eu gostei das atividades que fizemos porque trabalhei com o meu melhor amigo*”; *Gostei porque foi muito divertido tudo o que fizemos*”; *Estavam bem organizadas, divertidas e notava-se que tinha empenho*”.

A grande maioria dos alunos deixou a resposta “*Não gostei das atividades que realizei sobre o património da freguesia de Benfica porque*” em branco ou referiu, por exemplo: “*Eu não consigo dizer ou escrever uma coisa que eu não gostei, porque eu gostei de tudo*”. Assim, importa destacar que através da avaliação dos alunos, as atividades propostas desenvolveram as relações interpessoais e que aprender História e, neste caso, o património, tornou-se uma experiência “divertida”.

Na sétima questão foi solicitado aos alunos que deixassem um comentário sobre as atividades do património local que fizeram. A maioria dos alunos referiu que as atividades foram “divertidas”, tal como se observa nas figuras 19, 20 e 21.

6. Se quiseres deixa aqui um comentário sobre as atividades do património local.



*Eu adorei tudo o que nos fizemos sobre o património local.*

Figura 19. Avaliação dos alunos sobre as atividades.

6. Se quiseres deixa aqui um comentário sobre as atividades do património local.

Eu acho que as atividades que fizemos foram muito divertidas.

Figura 20. Avaliação dos alunos sobre as atividades.

6. Se quiseres deixa aqui um comentário sobre as atividades do património local.

Este trabalho foi uma atividade super espetacular. Sabem, eu acho que quando forem profissionais devem fazer esta atividade tão divertida. 😊

Figura 21. Avaliação dos alunos sobre as atividades.

Por fim, refletindo sobre todo o trabalho desenvolvido com a turma, é possível observar que, comparando a figura 22, que reflete as concepções dos alunos sobre o conceito de património no questionário inicial, com a figura 23, que contém as definições dadas pelos alunos no questionário final, é possível concluir que estas traduzem os conhecimentos adquiridos sobre o mesmo conceito.



Figura 22. Nuvem de palavras relativa à definição inicial de património. Feita com base no WordArt.



Figura 23. Nuvem de palavras relativa à definição final de património. Feita com base no WordArt.

Neste estudo assumimos o património como uma construção material e simbólica do passado associado à identidade de um lugar (Pinto, 2015) tendo-se verificado que a maioria dos alunos se aproximou deste conceito.

## 5. CONCLUSÕES

A presente investigação partiu da seguinte problemática: **“O recurso ao património local como estratégia de ensino e aprendizagem da História garante o desenvolvimento das competências histórico-geográficas de recolha, tratamento e análise de informação, e de comunicação?”**.

De forma a responder a esta problemática foram definidos os seguintes **objetivos gerais**:

- i) Identificar os contributos do recurso ao património local para compreender a História;
- ii) Relacionar o estudo do património local com o desenvolvimento de competências de recolha, tratamento e análise de informação;
- iii) Caracterizar as competências de comunicação em História desenvolvidas a partir do estudo do Património local.

No início deste trabalho investigativo foi possível perceber que a maioria dos alunos teve dificuldades na definição ou em apresentar um entendimento próprio do que é património (questionário diagnóstico). Tal pode estar relacionado com o facto de ser um conceito pouco abordado em sala de aula e/ou advir do pouco contacto que têm com o património existente no seu Meio. Ora, conhecer o património que lhes está mais próximo pode ser significativo do ponto de vista educativo e até mais do que isso, ou seja, pode ser um indutor para uma cidadania ativa e interveniente. Segundo Duarte (1993), “a educação cívica é, neste caso, essencial, pois impõe regras de acesso e fruição do património” (p. 80).

A fim de compreender a evolução das conceções dos alunos em relação ao conceito de património elaborou-se um conjunto de atividades que lhes possibilitou desenvolver uma ideia de património e de vivenciá-lo *in loco*. Estas atividades tentaram promover o conhecimento da História através do contributo do património local e foram transversais a várias áreas do currículo, que inclui o Português e as Artes Visuais. Deste modo, tal como refere Mesquita (2013), a educação patrimonial deve ser estimulada na escola tendo como finalidade a interdisciplinaridade.

A exploração do *PowerPoint* possibilitou uma definição clara do conceito de património como sendo uma construção material e simbólica do passado associada à identidade de um lugar (Pinto, 2015). Aquela ferramenta digital permitiu preparar a saída de campo, na qual os alunos desenvolveram competências de recolha, tratamento e

análise de informação, ao analisar e recolher informação dos monumentos/locais durante o percurso. De acordo com os resultados obtidos, podemos afirmar que a saída de campo foi uma boa estratégia para aproximar os alunos ao conceito de património, através da sua investigação e exploração. Assim (Aguiar, 2016) refere que,

as saídas de campo são caracterizadas como sendo uma estratégia motivadora e estimulante para os alunos, uma vez que rompem com a rotina diária a que o aluno está sujeito. Estas estratégias acabam por ter um impacto muito positivo nos alunos, pois permite que o processo de ensino-aprendizagem seja feito fora do edifício escolar, em particular, da sala de aula. (p.8)

Esta saída de campo foi também fundamental para os alunos perceberem que os edifícios antigos, ou locais importantes que referiram no questionário inicial são considerados património.

O preenchimento do guião de recolha de informação também foi profícuo, uma vez que os alunos recolheram, com sucesso, informação acerca dos factos e personagens históricas relativas ao monumento/local, assim como do seu contexto histórico. Desta forma, é possível verificar que a recolha, tratamento e análise de informação promoveu o desenvolvimento de competências histórico-geográficas. Ao serem desenvolvidas nos alunos estas competências, promove-se a formação de alunos historicamente competentes, que consigam interpretar o mundo criticamente, para que, mais tarde, como cidadãos adultos sejam livres para o transformar de forma responsável porque refletida (Dias *et.al*, 2017).

A introdução do texto de escrita criativa e a apresentação oral dos cartazes com informação relativa ao património também se revelaram estratégias acertadas, uma vez que os alunos desenvolveram a comunicação histórica e competências de escrita.

Assim, constata-se que, de acordo com os resultados obtidos, o envolvimento dos alunos nas atividades acima descritas contribuíram para ampliar os seus conhecimentos prévios acerca do que entendiam por património. Esta constatação serve também para reforçar a ideia de que o património local existente no território em que a escola está inserida é um importante recurso para a construção de conhecimento histórico. Deverá o professor conhecê-lo o melhor possível para otimizar todas as vantagens que o património oferece aos seus alunos.

Considerando os resultados apresentados anteriormente podemos deduzir que, a partir do estudo do património local, se pode aprender História bem como desenvolver um conjunto de competências ligadas a esta. Desta forma, também se incutiu nos alunos

a preservação do património pois fazem parte da memória do país (Manique & Proença, 1994).

## REFLEXÃO FINAL

No último capítulo do presente relatório considero fundamental refletir acerca do percurso na Escola Superior de Educação de Lisboa, nomeadamente na Unidade Curricular (UC) PES II. Posteriormente será refletido o contributo da prática pedagógica nos dois ciclos, assim como a execução da investigação para o desenvolvimento de competências profissionais.

Começo por evidenciar a importância que o professor tem ao possuir a capacidade de refletir, sendo que a reflexão sobre o ensino possibilita a análise de diversas opções para uma situação, intensificando a sua autonomia no que se refere ao pensamento predominante de uma realidade (Alarcão, 2005).

Relativamente à UC da PES II, foi-me possibilitado colocar em prática todas as aprendizagens que, ao longo destes dois anos de mestrado, fui adquirindo. No decorrer deste percurso desenvolvi inúmeras competências enquanto futura profissional, competências essas que correspondem à capacidade do profissional de mobilizar saberes, conhecimentos e atitudes, assim como ter a capacidade de resolver problemas e tomar as decisões mais apropriadas (Zabala, 1998).

Acerca da prática desenvolvida no 2.º CEB, senti muitas vezes necessidade de refletir sobre a intervenção, pois foram-me atribuídas duas turmas muito diferentes entre si e percebi que as atividades que propunha tinham de ser adaptadas a cada turma e, mais concretamente, a cada aluno. Como Tomlinson (2008) afirma, “um professor que entenda a necessidade de ajustar o ensino aos seus alunos espera por cada oportunidade de conhecê-los melhor” (p.17). Considero que, ao ter compreendido que trabalhar o mesmo conteúdo com duas turmas e ao ter aceitado que todo o trabalho tem de ser adaptado a cada turma e a cada aluno foi um grande desafio e uma grande aprendizagem. Para além disto, foi muito enriquecedor ter percecionado que em ambas as turmas, não se privilegiou o método expositivo, fazendo com que os alunos fossem os construtores do seu próprio conhecimento. Foram realizados diversos trabalhos de grupo, o que fez com que o professor deixasse de ser apenas o transmissor de conhecimentos. Tal como Coelho (2014) salienta, neste tipo de aprendizagem, o professor tem a função de questionar os alunos, fazendo com que estes reflitam e se orientem no processo de reflexão. Desta forma, os alunos deixam de ser membros passivos e passam a ser ativos na formação dos seus conhecimentos. Ao serem membros ativos, responsabilizam-se eles próprios pela sua aprendizagem.

No que diz respeito à prática no 1.º CEB, considero ter sido extremamente positiva. Neste contexto, a PC privilegiava o MEM que, de acordo com Niza (1998), é um modelo pedagógico que dá relevância a estruturas de cooperação, circuitos de comunicação e participação democrática direta. Desta forma, promoveu-se um ambiente facilitador da aprendizagem que foi ao encontro das necessidades e interesses dos alunos. É, sem dúvida, um modelo pedagógico que quero implementar e desenvolver enquanto futura profissional.

Um dos constrangimentos sentidos em ambos os ciclos foi o da realização das planificações. A dificuldade em gerir o tempo das tarefas e, conseqüentemente, das aulas, fez com que houvesse necessidade de algumas vezes as mesmas sofrerem alterações, uma vez que o tempo ali estipulado não era cumprido, principalmente se os alunos estavam a trabalhar autonomamente. Assim, desenvolveram-se estratégias para tentar cumprir o tempo estipulado nas planificações, sendo uma delas a da solicitação aos alunos da realização de algumas atividades a pares, pois constatou-se que estes trabalhavam mais depressa e, conseqüentemente mostravam-se mais motivados. Desta forma, verificou-se que se estava a contribuir para o desenvolvimento da cooperação entre eles. A aprendizagem cooperativa tem vantagens que, segundo Ludovino (2012, p. 32), “vão desde o evidente sucesso no processo de aprendizagem, ao desenvolvimento de uma série de capacidades, até à promoção de uma série de relações interpessoais”.

Deste modo, nos contextos em que decorreu a prática, posso afirmar que, como pessoa e futura profissional, estas experiências demonstraram-se facilitadoras e enriquecedoras. É claro que existiram momentos de dúvidas e preocupações que, com a ajuda e acompanhamento das PC, se foram esbatendo ao longo do tempo, contribuindo também para a minha aprendizagem.

Segundo Alarcão (2001), “considerando que uma cultura de investigação é fundamental na formação inicial de professores com vista ao desenvolvimento de atitudes e competências problematizadoras das práticas educativas, assume-se a importância da formação em contexto de investigação” (p. 1). Assim, no contexto da prática do 1.º CEB considero que no decorrer da intervenção fui desenvolvendo a capacidade de investigar e refletir. A presente investigação foi, sem dúvida, um processo de aprendizagem, pois foi necessário pesquisar, recolher e interpretar a informação dos dados. Realço que a recolha e interpretação dos dados foi fundamental para o sucesso do presente estudo, dado que possibilitou que fosse elaborado a partir

das fragilidades e potencialidades dos alunos.

Para além de todo o percurso realizado nas práticas, destaco a pertinência deste estudo, pois a partir dele compreendi que se pode ensinar de uma forma “divertida” e que podemos utilizar vários recursos para abordar a História, como foi o caso do património local. O ensino do património tornou-se um ponto de partida para que os alunos adquirissem competências ligadas à História, bem como verifiquei que as atividades práticas e saídas de campo podem proporcionar a aquisição de competências, conhecimentos e aprendizagens que se tornaram significativas para os alunos.

Para terminar, concluo salientando que todas as práticas em que estive envolvida foram muito ricas a todos os níveis e contribuíram, de uma forma muito relevante, para o meu crescimento pessoal e profissional acentuando o meu gosto pela prática do ensino. Aprendi muito em todos os contextos para os quais fui desafiada e, enquanto futura docente, espero conseguir implementar estratégias e atividades que aprendi e realizei, pois acredito serem uma mais-valia para o processo ensino-aprendizagem dos alunos.

## REFERÊNCIAS

- A Cultura no projeto europeu (2019). *Público*, 20 de maio.
- Aguiar, J. (2016). *A pertinência da saída de campo no processo de aprendizagem de História e Geografia. O caso do Alto Douro Vinhateiro*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Consultada em <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/87990/3/163275.pdf>.
- Alarcão, I. (2001). Professor-investigador: Que sentido? Que formação? In *Cadernos de Formação de Professores* [Universidade de Aveiro], 21-30.
- Alarcão, I. (2005) (Coord.). *Formação reflexiva de professores: estratégias de supervisão*. Porto: Porto Editora.
- Alves, A. & Pinto, H. (2019). Educación histórica con el patrimonio: desafiando la formación de profesorado. *Revista Electrónica Interuniversitaria de Formación del Profesorado*, 22(1), 71-81.
- Azevedo, C. & Azevedo, A. (2006). *Metodologia Científica: contributos práticos para a elaboração de trabalhos académicos*. Lisboa: Universidade Católica de Lisboa.
- Barca, I., Solé, G. (2012). Educación histórica en Portugal: metas de aprendizaje en los primeros años de escolaridad. *REIFOP*, 15 (1), 91-100.
- Barreira, C., Boavida, J. & Araújo, N. (2006). Avaliação formativa: novas formas de ensinar e aprender. *Revista portuguesa de pedagogia*, 40 (3), 95-133.
- Bell, J. (2010). *Como realizar um projecto de investigação*. Lisboa: Gradiva.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (2013). *Investigação qualitativa em educação – Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Cardoso, A. (2014). *Inovar com a investigação-ação: desafios para a formação de professores*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Cardoso, A., Pereira, C. & Rocha, J. (2015). *O trabalho de grupo como fator potenciador da integração curricular no 1.º ciclo do ensino básico*.

Comunicação apresentada na II European Conference on Curriculum Studies (ECCS), Porto.

Coelho, N. (2014). *O trabalho em pequeno grupo no ensino da História e da Geografia, no ensino básico e secundário*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Consultada em <http://hdl.handle.net/10362/14574>.

Costa, D. (2017). *O uso de mapas como ferramenta para a construção do conhecimento histórico-geográfico no 2.º CEB*. Relatório de Estágio para a obtenção do grau de mestre em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico e de Português e História e Geografia de Portugal no 2.º Ciclo do Ensino Básico, Escola Superior de Lisboa, Lisboa. Consultada em <http://hdl.handle.net/10400.21/8364>.

Currículo Nacional do Ensino Básico – *Competências Essenciais* (s.d.). Ministério da Educação – Departamento da Educação Básica.

Dias, A & Hortas, M. (2014). História e Geografia na Educação Básica (6-12 anos) e a (in)visibilidade dos lugares da cidade. *Anekumene*, 7, 9-17.

Dias, A., Hortas, M., Cabanillas, F. & Carretero, A. (2017). Educação Histórico-Geográfica e Desenvolvimento de Competências no Ensino Básico (6-12 anos). In A. Câmara, E. Lemos & M. Magro, *Livro de Actas do VIII Congresso Ibérico de Didática da Geografia* (pp. 639-651). Lisboa: Plátano Editora.

Dias, I. (2010). Competências em Educação: conceito e significado pedagógico. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, SP*, 14 (1), 73-78.

Direção Geral da Educação (2017). *Perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória*. Disponível em: <http://www.dge.mec.pt/noticias/perfil-dos-alunossaida-da-escolaridade-obrigatoria>.

Duarte, A. (1993). *Educação Patrimonial: guia para professores, educadores, monitores de museus e tempos livres*. Lisboa: Texto.

- [ECHS] *Recommendation of the Committee of Ministers to member States on the European Cultural Heritage Strategy for the 21<sup>st</sup> century* (2017). Disponível em <https://www.coe.int/en/web/culture-and-heritage/strategy-21>.
- Esteves, M. (2008). *Visão Panorâmica da Investigação – Acção*. Porto: Porto Editora.
- Ferreira, A. (2009). A avaliação na metodologia de trabalho de projeto: uma experiência na formação de professores. *Revista portuguesa de pedagogia*, 43 (1), 143-158.
- Ferreira, N.; Dias, A., Hortas, M., & Martins, C. (2011). Do património local ao currículo nacional: análise de projetos no âmbito das metodologias de ensino de história e geografia para o 1.º e 2.º CEB. *Atas do V Encontro do CIED* (pp 499 – 512). Lisboa: Escola Superior de Educação de Lisboa.
- Freixo, M. (2012). *Metodologia Científica: Fundamentos, Métodos e Técnicas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Gaspar, M. (2011). *Património Histórico no 1.º Ciclo do Ensino Básico*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Consultada em <https://run.unl.pt/handle/10362/7236>.
- Grave-Resendes, L. & Soares, J. (2002). *Diferenciação pedagógica*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Haro, F., Serafim, J., Cobra, J., Faria, L., Roque, M. I., Ramos, M., ... Costa, R. (2016). *Investigação em Ciências Sociais: guião prático do estudante*. Lisboa: Pactor - Edições de Ciências Sociais e Política Contemporânea.
- Hernández Ríos, M. L. (2016). El patrimonio cultural y natural en la didáctica de las Ciencias Sociales. Enseñar, aprender y sensibilizar (pp. 163-192), in Ángel Licerias Ruiz & Guadalupe Romero Sánchez (coords.), *Didáctica de las Ciencias Sociales. Fundamentos, contextos y propuestas*. Madrid: Ediciones Pirámide.
- Hohmann, M., & Weikart, D. P. (2011). *Educar a criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

- ICOMOS-Canada French-Speaking Committee. (1982). *Charter for the Preservation of Quebec's Heritage (Deschambault Declaration)*. Consultado a 19 de junho de 2019, em <https://www.icomos.org/en/charters-and-texts/179-articles-en-francais/ressources/charters-and-standards/192-the-deschambault-charter>.
- Leitão, I. (2014). *Os diferentes tipos de avaliação: avaliação formativa e avaliação sumativa*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa). Consultada em <http://hdl.handle.net/10362/13803>.
- Lopes, D. (2017). *Relatório de Estágio Profissional "O processo de Ensino e Aprendizagem: O elemento central na (re)construção da identidade profissional do professor"*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Desporto da Universidade do Porto). Consultada em <https://hdl.handle.net/10216/105495>.
- Lopes, R. (2016). *A relação professor aluno e o processo de ensino aprendizagem*. Comunicação apresentada na XVII Semana Acadêmica de Ensino, Pesquisa e Extensão, Bahia, Brasil. Consultada em [https://www.academia.edu/25260998/A\\_RELAC%C3%87%C3%83O\\_PROFESSOR\\_ALUNO\\_E\\_O\\_PROCESSO\\_ENSINO\\_APRENDIZAGEM](https://www.academia.edu/25260998/A_RELAC%C3%87%C3%83O_PROFESSOR_ALUNO_E_O_PROCESSO_ENSINO_APRENDIZAGEM)
- Ludovino, P. (2012). *A aprendizagem cooperativa: uma metodologia a aplicar nas disciplinas de História e Geografia*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Consultada em <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/66470>.
- Manique, A. & Proença, M. (1994). *Didáctica da História Património e História Local*. Lisboa: Texto Editora.
- Merillas, O., Etxeberria, A. & Redondo, C. (2012). *Mirando a Europa: estado de la cuestión y perspectivas de futuro. Ponencias*. Comunicação apresentada no I Congresso Internacional de Educación Patrimonial, Madrid.
- Mesquita, F. (2013). *Lugares de memória no ensino da História Contemporânea – Alunos e famílias redescobrimo património(s)*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto). Consultada em [https://sigarra.up.pt/flup/pt/pub\\_geral.pub\\_view?pi\\_pub\\_base\\_id=28540](https://sigarra.up.pt/flup/pt/pub_geral.pub_view?pi_pub_base_id=28540).

- Monteiro, J. (2017). *Relação Pedagógica e Boa Docência: representações e práticas*. Dissertação de Mestrado, Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, Porto. Consultada em <http://repositorio.esepf.pt/handle/20.500.11796/2474>.
- Niza, S. (1998). A organização social do trabalho de aprendizagem no 1.º CEB. *Inovação*, 11, 77-98.
- Panutto, S., et al. (2015). *Ambiente virtual centrado no aluno, uma proposta de definição*. Comunicação apresentada no III Simpósio Internacional de Inovação em Educação, Universidade Estadual de Campinas, Brasil.
- Perrenoud, P. (1999). *Construir as competências desde a escola*. Porto Alegre: ArtMed.
- Piaget, J. (2002). *Para onde vai a educação* (16.ª edição). São Paulo: José Olympio.
- Pinto, H. (2011). *Educação histórica e patrimonial: concepções de alunos e professores sobre o passado em espaços do presente*. Tese de doutoramento, Instituto de Educação, da Universidade do Minho, Braga. Consultada em <http://hdl.handle.net/1822/19745101252927>
- Pinto, H. (2015). Educação patrimonial e educação histórica: contributos para um diálogo interidentitário na construção de significado sobre o passado. *Diálogos-Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História*, 19 (1), 199-220.
- Pinto, H. (2016). Educação Histórica e Patrimonial. In I. Barca & L. Alves (2016), *Educação Histórica: Perspetivas de Investigação Nacional e Internacional* (pp. 26-33). Porto: Centro de Investigação Transdisciplinar.
- Pombo, O., Guimarães, H. & Levy, T. (1994, 2.ª edição). *Interdisciplinaridade. Reflexão e Experiência*. Lisboa: Texto Editora.
- Projeto Educativo da Instituição do 1.º CEB.
- Projeto Educativo da Instituição do 2.º CEB.

- Quivy, R., & Campenhoudt, L. (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. (2a ed). Lisboa: Gradiva.
- Roldão, M. C. (1999). *Gestão curricular - Fundamentos e Práticas*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Santos, L. (2009). Diferenciação Pedagógica: um desafio a enfrentar. *Noesis*, (79), 52-57.
- Sim-Sim, I., Duarte, I., & Ferraz, M. (1997). *A Língua Materna na Educação Básica - Competências nucleares e níveis de desempenho*. Lisboa: Ministério da Educação; Departamento da Educação Básica.
- Solé, G. (2014). *Educação Patrimonial: novos desafios pedagógicos*. Comunicação apresentada no I Seminário de Educação Patrimonial, Braga.
- Sousa, M. & Baptista, C. (2011). *Como fazer investigação, dissertações, teses e relatórios segundo Bolonha*. Lisboa: Pactor.
- Tomlinson, C. (2008). *Diferenciação Pedagógica e Diversidade. Ensino de Alunos em Turmas com Diferentes Níveis de Capacidades*. Lisboa: Porto Editora.
- UNESCO (2001) *Universal Declaration on Cultural Diversity*. Disponível em: [http://portal.unesco.org/en/ev.php-URL\\_ID=13179&URL\\_DO=DO\\_TOPIC&URL\\_SECTION=201.html](http://portal.unesco.org/en/ev.php-URL_ID=13179&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION=201.html). Versão portuguesa disponível em: [http://direitoshumanos.gddc.pt/3\\_20/IIIPAG3\\_20\\_3.htm](http://direitoshumanos.gddc.pt/3_20/IIIPAG3_20_3.htm). Consultado a 19 de junho de 2019.
- Viana, L. (2009). *O ensino da leitura: avaliação - Brochuras do PNEP*. Lisboa: Ministério da Educação e Direção Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- Zabala, A. (1998). *A prática educativa: como ensinar*. Porto Alegre: ArtMed.

## **Legislação**

- Decreto-Lei n.º 13/85 de 6 de julho. *Diário da República* n.º 153/85 – I Série. Assembleia da República, Lisboa.

Decreto-Lei n.º 54/2018 de 6 de julho. *Diário da República* n.º 129/2018 – I Série.

Ministério da Educação, Lisboa.

Lei n.º 46/86 de 14 outubro: Lei de Bases do Sistema Educativo. *Diário da República* n.º 237/86 – I Série. Assembleia da República, Lisboa.

## **ANEXOS**

# **Anexo A. Entrevista à professora cooperante**

## **Entrevista à professora cooperante**

A presente entrevista tem como intuito recolher informação que nos facilitará uma caracterização mais exata da instituição e da turma. O presente documento foi produzido pelas mestrandas em contexto de estágio. Será garantido o carácter confidencial e anónimo dos dados. Agradecemos a sua atenção e disponibilidade.

### **1. Qual a sua formação académica?**

Tenho uma licenciatura em 1.º ciclo do ensino básico e uma pós-graduação em psicologia educacional realizada no ISPA.

### **2. Há quanto tempo terminou a sua formação?**

Terminei a minha formação em 2002, portanto há 17 anos.

### **3. Há quanto tempo exerce a função de professora?**

Há 17 anos. A minha primeira colocação foi em 2002/2003.

### **4. Há quanto tempo exerce a função de professora nesta Instituição?**

Na presente escola, desde o ano de 2009/2010.

### **5. Como professora, colaborou na elaboração do projeto educativo ou do projeto curricular da escola?**

Sim. Podemos sempre ir dando sugestões em conselho de docentes, reformulando os documentos já existentes e adaptando consoante as reformas que vão sendo feitas.

### **6. Existe colaboração entre os professores da Instituição? Em que âmbitos?**

Sim, existe bastante colaboração. Existe articulação entre o próprio ano, há, portanto, uma partilha, com a minha colega do 3.º ano, das tarefas que vamos fazendo, bem como no planeamento de atividades. Tentamos que haja também articulação entre

ciclos e, no plano anual de atividades, que vigora desde setembro, isso está contemplado. Programamos atividades que depois acontecem ao longo do ano letivo e nas várias iniciativas que vão acontecendo também aqui na escola. Tentamos assim, que haja uma troca entre as turmas. Por exemplo, na semana das ciências em que preparámos experiências para as diferentes turmas, fomos às salas dos colegas e eles vieram à nossa.

**7. A professora dá apoio na coordenação ou tem o tempo todo só para a sua turma?**

Como somos uma EB 1,2,3 e JI existe o cargo de coordenação que é exercido por uma professora do 2.º ciclo do EB. Como é uma tarefa muito difícil existe uma coordenadora do JI e uma do 1.º ciclo do EB. Na medida do possível dou todo o apoio que a coordenadora do 1.º ciclo do EB me solicitar, mas é um apoio informal.

**8. A turma apresenta alunos com necessidades de medidas de suporte à aprendizagem e à inclusão que se encontram ao abrigo do Decreto-lei 54/2018? Se sim, quais os apoios prestados a esses mesmos alunos?**

Havia dois alunos que estavam a beneficiar das medidas das necessidades educativas especiais que estavam em vigor anteriormente (Decreto-Lei 3/2008). Neste momento senti necessidade de alargar as medidas de suporte à aprendizagem e à inclusão para apoiar outros alunos com dificuldades que não estão diagnosticados como tal, portanto, acima de tudo, sem estar a particularizar os casos, a minha maior preocupação é tentar diferenciar o apoio que lhes presto porque sei quais as necessidades de cada um e vou tentando adequar o que cada um precisa para atingir o sucesso. Há alunos que necessitam de apoio ao nível cognitivo, outros mais ao nível emocional, por isso tento gerir este apoio de forma diferenciada. Há alunos que beneficiam também de apoio socioeducativo, de apoio da Educação Especial, outros têm terapias fora da escola com apoio de outros técnicos. Durante os momentos mais formais de avaliação é possível para alguns alunos a leitura orientada da prova, mais tempo para a sua realização e, para alguns, não são contabilizados os erros ortográficos. Tento ir adequando as estratégias.

**9. Como caracteriza as crianças que frequentam esta turma?**

É uma turma muito unida, têm um grande espírito de entreajuda e de respeito e, mesmo em situações de conflito, acho que tentam respeitar-se e resolver problemas entre eles na base do respeito. Estão cada vez mais responsáveis, mais autónomos, são muito interessados sobre os conteúdos, sobre aquilo que os rodeia, são muito curiosos e gostam de desafios.

#### **10. Como faz a diferenciação pedagógica na sala de aula?**

Neste momento todos os alunos estão ao nível do 3.º ano, exceto um aluno que está um pouco mais aquém na disciplina de matemática e, para este aluno, é preciso um reforço maior. Quando tenho oportunidade sento-me junto dele e dou esse reforço ou faço com que tenha um colega por perto de modo a que possa trabalhar a pares e assim beneficiar da ajuda do mesmo.

A tentativa de voltar à normalidade com o PIT assim como o trabalho de estudo autónomo é também importante para os sensibilizar para o facto de que, esse espaço de tempo têm de o saber gerir de acordo com as suas necessidades. Se há um aluno que precisa de trabalhar mais matemática será direcionado para esse tipo de trabalho e não para a área em que é mais forte onde vai precisar de trabalhar menos.

#### **11. Que estratégias utiliza frequentemente com este grupo?**

Tento variar. Existem momentos de trabalho coletivo, mas também tento que existam momentos de partilha entre grupos. Quando acho que vai funcionar melhor, divido a turma em grupos de três ou, por exemplo, a pares. Assim, penso que desenvolvem diferentes competências.

#### **12. Quais os processos de avaliação que utiliza?**

Faço avaliação formativa, sumativa, assim como avalio todos os trabalhos que os alunos realizam no dia-a-dia, como os registos no caderno, os textos que escrevem, as situações problemáticas que realizam. O cumprimento dos ficheiros do PIT também é importante para a avaliação. Faço uma avaliação global.

#### **13. Na sua turma implementa a metodologia de trabalho de projeto? Se sim, qual o tema, os objetivos e que tarefas os alunos desenvolvem?**

Temos uma tentativa de trabalho de projeto em que, numa primeira fase, eles escolhem um tema, fazem um registo daquilo que acham que já sabem e do que querem

saber, onde vão pesquisar e aquilo que vão apresentar à turma no final do trabalho. A avaliação dos projetos é feita por mim e pelos colegas. Senti algumas dificuldades em implementar esta metodologia por motivos de logística uma vez que existe apenas um computador na sala que, neste momento, não está ligado à internet. Há alguns constrangimentos que não facilitam este trabalho. No 1.º período, quando fizemos trabalho de projeto, a maior parte dos alunos escolheu pesquisar sobre os seres vivos.

**14. Com que frequência e com que objetivos são realizadas as reuniões com os pais?**

As reuniões com os pais, de uma forma geral é feita uma primeira reunião em setembro, depois da reunião geral com o diretor, os pais vêm à sala de aula e falam um pouco comigo. Há uma reunião no final de cada período para comunicar as avaliações. Tenho um horário de atendimento mensal em que recebo os pais quando estes têm alguma preocupação extra e achem pertinente reunir comigo.

**15. Existem outros processos de comunicação com as famílias além das reuniões?**

Sim. Os recados na caderneta. O facto de ter uma boa relação com os pais também permite que, por vezes, com um telefonema se resolva e esclareça algum assunto que surgiu entretanto.

**16. Como caracteriza o envolvimento das famílias?**

As famílias, de um modo geral, são muito interessadas e participativas.

**17. Existe cooperação entre os pais e a escola?**

Sim, existe. Sempre que a família é solicitada para algum desafio ou deslocação à escola, esta adere muito bem.

**18. Qual lhe parece ser a razão para os pais optarem por esta Instituição e não por outra Instituição de ensino?**

Primeiro, a aproximação à residência e porque acho sinceramente que é uma escola de referência em que as pessoas cujos filhos já cá estudaram falam bem da mesma. Depois, a lógica do agrupamento acho que também veio ajudar porque há a noção de que as crianças que entram no JI têm a possibilidade de continuar nesta escola até ao ensino secundário.

**19. Como caracteriza a comunicação existente com a direção? E com a comunidade escolar?**

Uma ótima relação. A vantagem de ter aqui um diretor tão antigo, é que chegou a ser professor de muitos pais de alunos e então torna-se um ambiente quase familiar.

**20. Por fim, como descreve a relação que tem com os seus alunos?**

Acho que temos uma ótima relação. Tento conquistá-los, sou afetuosa com eles, tento transmitir-lhes valores como o respeito, a ajuda, a união entre todos, mas digo-lhes que isso só se consegue havendo o cumprimento das regras que estão instituídas desde o 1.º ano, combinadas entre todos e que é preciso que todos respeitem o espaço um do outro e que se faça cumprir tudo o que está combinado. Tento não impor autoridade excessiva nem usar nenhum tipo de agressividade para eles perceberem que o respeito não se consegue dessa forma, consegue-se sim ouvindo o outro para sermos todos mais felizes nesta escola.

**Obrigada pela sua colaboração.**

**Ana Rita Jesus e Inês Lourenço**

## Anexo B. Potencialidades e fragilidades do 1.º CEB

Tabela B1

*Potencialidades e fragilidades da turma.*

	<b>Potencialidades</b>	<b>Fragilidades</b>
<b>Competências sociais e transversais</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Cumprem os compromissos elaborados no conselho de turma;</li> <li>• Apresentam autonomia no desempenho de tarefas;</li> <li>• Participam ativamente na discussão do grupo;</li> <li>• Delegam tarefas;</li> <li>• Apresentam responsabilidade no cumprimento de tarefas;</li> <li>• Improvisação;</li> <li>• Imaginação;</li> <li>• Criatividade.</li> </ul>	<i>(Não apresentam fragilidades significativas)</i>
<b>Português</b>	<p><b>Oralidade:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Expressão oral;</li> <li>• Comunicam oralmente de forma audível e correta.</li> </ul> <p><b>Leitura e Escrita:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Leem fluentemente;</li> </ul> <p><b>Educação Literária:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Praticam uma leitura silenciosa;</li> <li>▪ Leem, em voz alta, após preparação da leitura.</li> </ul> <p><b>Gramática:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Identificam o número de sílabas;</li> <li>▪ Identificam sinónimos e antónimos;</li> <li>▪ Identificam o tipo de frases: declarativa, exclamativa, etc;</li> <li>▪ Distinguem frase afirmativa de negativa.</li> </ul>	<p><b>Oralidade:</b></p> <p><i>(Não apresentam fragilidades significativas)</i></p> <p><b>Leitura e Escrita:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Não recorrem à planificação e revisão textual;</li> <li>▪ Redigem textos com pouca coesão e coerência;</li> <li>▪ Interpretação de textos;</li> <li>▪ Pouca criatividade na escrita de textos.</li> </ul> <p><b>Educação Literária:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Poucos hábitos de leitura.</li> </ul> <p><b>Gramática:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Identificar as classes de palavras.</li> <li>▪ Classificar palavras quanto à posição da sílaba tónica.</li> </ul>
<b>Matemática</b>	<p><b>Números e Operações:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Utilizam corretamente os numerais romanos;</li> <li>▪ Realizam corretamente a propriedade distributiva na multiplicação;</li> <li>▪ Sabem corretamente a tabuada do 9 e do 10.</li> </ul>	<p><b>Números e Operações:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Interpretar enunciados dos problemas;</li> <li>▪ Realizar cálculo mental;</li> <li>▪ Saber as tabuadas do 6,7 e 8;</li> <li>▪ Cálculo de algoritmos.</li> </ul>

	<p><b>Geometria e Medida:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Identificam quadrículas numa grelha através das respetivas coordenadas.</li> </ul> <p><b>Organização e tratamento de dados:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Identificam a frequência absoluta.</li> </ul>	
<b>Estudo do Meio</b>	<p><b>À Descoberta de Si Mesmo</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Identificam as funções e órgãos do sistema digestivo;</li> </ul> <p><b>À Descoberta dos Outros e das Instituições</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Identificam vestígios do passado.</li> </ul> <p><b>À Descoberta da Inter-relações entre Espaços</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Identificam diferentes locais de comércio local.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Analisar criticamente situações do quotidiano;</li> <li>▪ Analisar e interpretar imagens.</li> <li>▪ Não (re)conhecimento do património local.</li> </ul>
<b>Educação Física</b>	<p><b>Bloco 4 – Jogos:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Participam com empenho nos jogos realizados.</li> </ul>	<p><b>Bloco 1 – Perícia e Manipulação:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Coordenação;</li> <li>▪ Executar cambalhotas;</li> <li>▪ Saltar à corda.</li> </ul>
<b>Artes Visuais</b>	<p><b>Bloco 2 — Descoberta e organização progressiva de superfícies: pintura</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Têm criatividade na técnica de aguarela.</li> </ul>	<i>(Não apresentam fragilidades significativas)</i>
<b>Expressão Dramática/Teatro</b>	<p><b>Bloco 2 – Jogos Dramáticos: linguagem verbal e gestual</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Facilidade em dramatizar pequenas situações em grupo.</li> </ul>	<i>(Não apresentam fragilidades significativas)</i>
<b>Música</b>	<p><b>Bloco 1 – Jogos de Exploração: voz</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Cantar com afinação.</li> </ul>	<p><b>Bloco 2 – Jogos de Exploração: corpo</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Percussão corporal.</li> </ul>

*Nota.* Retirado do PI do 1.º CEB

# Anexo C. Questionário inicial sobre o património local

## Património Local

A realização deste inquérito tem como objetivo recolher dados para um estudo sobre o Património Local da freguesia de Benfica em Lisboa. Os dados recolhidos serão confidenciais e utilizados apenas para este fim. A tua resposta é muito importante para mim. Obrigada.

Inês Lourenço

Ano: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_\_

1. O que entendes por Património?

---

---

---

---

2. Que locais importantes conheces na freguesia de Benfica?

---

---

---

---

3. Costumas visitar alguns monumentos, jardins ou outros locais de interesse em Benfica? Se sim, quais?

---

---

---

4. Que edifícios antigos conheces na freguesia de Benfica?

---

---

---

5. Refere os nomes dos edifícios representados abaixo e diz se os conheces.



R: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_



R: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_



R: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

## **Anexo D. Entrevista à professora cooperante da turma do 6.ºA**

A presente entrevista tem como intuito recolher informação que nos facilitará uma caracterização mais exata da instituição e da turma do 6.º A. O presente documento foi produzido pelas mestrandas em contexto de estágio. Será garantido o carácter confidencial e anónimo dos dados.

Agradecemos a sua atenção e disponibilidade.

### **1. Qual a sua formação académica?**

Licenciatura em História

### **2. Há quanto tempo exerce a profissão?**

Há 35 anos.

### **3. Há quanto tempo exerce a função de professora neste agrupamento?**

Há 4 anos.

### **4. De que maneira a sua formação inicial influenciou a sua prática atual?**

Creio que sem bons conhecimentos científicos não pode haver uma boa prática; na faculdade obtive uma bagagem científica, cultural e de trabalho invejável. Nas escolas, aprendi muito com colegas mais velhos e através de trabalho colaborativo; fazíamos muitos projetos e planeávamos atividades aliciantes para os alunos. A profissionalização veio mais tarde, só para confirmar tudo aquilo que já tinha experienciado, vivido e aprendido.

(No meu tempo não havia a vertente profissionalizante na faculdade; só a profissionalização em serviço/exercício).

### **5. Existe trabalho colaborativo entre professores do mesmo departamento? De que forma?**

Sim. Trabalhamos em sintonia umas com as outras, trocando informações, experiências e materiais.

### **6. Quem definiu os lugares em sala de aula? A professora ou os alunos? Em caso de ter sido professora, teve em conta alguns critérios?**

Eu defini os lugares em função das características dos alunos, dos seus interesses e dos pares mais aptos a se ajudarem. A sala tem uma planta em U. Nunca está definitiva; vai mudando consoante a necessidade dos alunos por mim detetada.

**7. De que forma caracteriza o nível de desenvolvimento cognitivo da turma A?**

Existem, na turma, diversos ritmos de aprendizagem e características muito próprias de determinados alunos que têm de ser levadas em consideração.

**8. A turma A apresenta alunos com necessidades de medidas de suporte à aprendizagem e à inclusão que se encontram ao abrigo do decreto 54/2018? Se sim, quais os apoios prestados a esses mesmos alunos?**

Sim. Temos alunos que se incluem nas medidas universais, quatro nas seletivas e um nas adicionais. Para todos os alunos foram feitas “acomodações curriculares”, exceto para o aluno com medidas adicionais. Os alunos abrangidos pelas medidas seletivas têm RTP e apoios a Português e a Matemática. Devido à carência de recursos humanos, não têm tido apoio da educação especial.

**9. Como realiza a diferenciação pedagógica na sala de aula?**

Através do conhecimento dos alunos, das propostas de trabalho, dos instrumentos de avaliação e dos critérios de avaliação que respeitem a diferença.

**10. Que potencialidades/fragilidades se verificam na turma A?**

É uma turma muito barulhenta e desorganizada, mas muito simpática. Gostam pouco de trabalhar e são muito imaturos para a idade.

**11. Quais as estratégias de trabalho que utiliza com a turma A?**

Exposição, esquematização de ideias, trabalho de grupo, de pares, trabalho autónomo.

**12. No que diz respeito ao trabalho em sala de aula, os alunos preferem trabalhar em grupo, a pares ou individualmente?**

A pares. Nunca se entendem quando trabalhamos em grupo.

**13. Como planifica a sua prática?**

Por listagem de conteúdos a trabalhar, tendo em conta fichas ou outros materiais que posso utilizar.

**14. Quais os processos de avaliação que utiliza?**

Por observação quotidiana do trabalho desenvolvido em sala de aula, por fichas de trabalho, de avaliação, pequenos trabalhos individuais; em suma, por tudo o que é feito nas aulas

**15. Na sua turma, 6.ºA, implementa a metodologia de trabalho de projeto? Se sim, qual o tema, os objetivos e que tarefas os alunos desenvolvem?**

Só o vou fazer mais tarde, em HGP e Português, na elaboração de trabalhos sobre “Portugal Hoje”.

**16. Como caracteriza o envolvimento das famílias dos alunos?**

Satisfatória.

**17. Existem outros processos de comunicação com as famílias além das reuniões?**

Sim, por mail, telefone, sempre que me pedem, presencialmente.

**18. As famílias revelam interesse no processo educativo dos seus educandos, comparecendo nas reuniões?**

Nem todas.

**19. Como caracteriza a relação família-escola? Existe cooperação? Se sim, de que modo?**

Sim. Por exemplo, a Associação de Pais e Encarregados de Educação possibilitou que os meus alunos fossem à Gulbenkian por metade do preço; através de momentos de convívio entre todos.

**20. Há quanto tempo exerce a função de Diretora de Turma?**

Há 35 anos.

**21. Quais são as principais tarefas que a professora deve praticar ao longo do ano letivo no que diz respeito a esta função?**

Relação com os alunos e resolução de problemas que com eles vão surgindo.

**22. Quais as principais dificuldades sentidas ao desempenhar o cargo de Diretora de Turma?**

A carga burocrática. A época dos computadores só trouxe mais “papelada” para a escola.

**23. Quais os principais motivos que levam os encarregados de educação a contactar com a Diretora de Turma?**

Problemas na escola com os filhos.

**24. Que critérios são estabelecidos pela Escola, para que a professora esteja a desempenhar a função de Diretora de Turma?**

Experiência no cargo e relação com os alunos e pais.

**25. Como descreve a relação que tem com os seus alunos?**

Creio que é bastante satisfatória; gosto muito de estar com eles, embora muitas vezes me tenha de zangar, porque desejo que sejam mais sociáveis, se empenhem e obtenham sucesso.

**Obrigada pela sua colaboração.**

**Ana Rita Jesus e Inês Lourenço**

## **Anexo E. Entrevista à professora cooperante da turma do 6.º B**

A presente entrevista tem como intuito recolher informação que nos facilitará uma caracterização mais exata da instituição e da turma do 6.º B. O presente documento foi produzido pelas mestrandas em contexto de estágio. Será garantido o carácter confidencial e anónimo dos dados.

Agradecemos a sua atenção e disponibilidade.

### **1. Qual a sua formação académica?**

Licenciatura em História.

Profissionalização em Serviço em Português e Estudos Sociais/História (Grupo de docência 200).

Profissionalização em serviço em História (Grupo de docência 400).

### **2. Há quanto tempo exerce a profissão?**

Desde o ano letivo 1989/1990.

### **3. Há quanto tempo exerce a função de professora neste agrupamento?**

Estive em 2009/2010.

Estou, de novo, desde 2017/18 ao presente.

### **4. De que maneira a sua formação inicial influenciou a sua prática atual?**

Toda a minha vida me influenciou a prática atual.

Quis ser professora desde os 4 ou 5 anos. Tinha uma tia professora, que me levava com ela e seus alunos a visitas de estudo e outras iniciativas.

Quis aprender e ensinaram-me a escrever muito cedo e comecei a frequentar a escola sem ter idade para tal.

Estava diariamente rodeada de jovens raparigas que aprendiam uma profissão com a minha mãe e que me ensinavam “coisas”.

Com 5 anos fui para a África do Sul e comecei a aprender de forma muito diferente da que se praticava em Portugal. A partir do 3.º ano já fazíamos constantemente trabalhos de pesquisa/projetos autónomos.

De regresso a Portugal, adorei as aulas de História (e a respetiva professora), que percebeu que eu era boa investigadora e que me incentivou a fazê-lo. Foi minha

professora 3 anos (10-12.º ano). No final do 12.º ano, apenas coloquei um curso na candidatura à Universidade: História. Era excelente aluna a Matemática e boa aluna nas restantes disciplinas, mas venceu a História.

Na licenciatura (apenas científica, sem pedagogia), continuei a gostar muito do curso e muito da área da investigação. Não havia disciplinas pedagógicas. Fazia-se profissionalização em serviço (depois de estar a lecionar). Foi no ano que terminei a licenciatura que começou a existir formação pedagógica, depois da licenciatura, para quem o quisesse fazer. Terminei e pensei estudar mais (pós-graduação/mestrado – que ainda comecei), mas a vida (morte da minha mãe) fez-me decidir que devia regressar à Batalha e quis ser professora. Depois, fui fazendo outras coisas (sempre), mas nunca deixei de ser professora. Por gostar de o ser. Quando foi possível, voltei a estudar.

Nunca planeei uma carreira. Tinha prioridades familiares que achava que tinha que cumprir (um irmão menor para criar) e envolvi-me muito na região de Leiria. Prejudiquei-me, profissionalmente, por isso. Com mais satisfeita do que insatisfeita com esta decisão ou despreocupação. Fiz muitas outras atividades de âmbito cultural, na comunicação social, relacionado com o património, na política, na sociedade, no jornalismo, ao nível da edição, que me deram outros conhecimentos, mas sempre quis fazer isso como algo que complementava os meus dias, de professora. Em primeiro lugar era professora de História e de outras disciplinas que foram surgindo com o tempo. Já lecionei muitas disciplinas, no ensino privado e público e em vários níveis e contextos, o que é enriquecedor. Do que me lembro, de momento, já lecionei:

*No ensino Básico e Secundário:*

5.º ao 10.º ano de escolaridade: História, História e Geografia de Portugal, O Homem e o Ambiente – Ciências Sociais, Língua Portuguesa, Português, Inglês, Geografia, Estudos Sociais, Apoio Pedagógico Acrescido, Apoio Especial, Formação Cívica, Área Escola, Área de Projeto, Estudo Acompanhado, Apoio ao Estudo (Língua Portuguesa).

*No ensino Profissional:*

10.º ao 12.º (Nível III): História, História da Arte e dos Ofícios Tradicionais, Práticas de Divulgação do Património, História Local, Mundo Actual, Desenvolvimento Pessoal e Social.

*No ensino Superior (ISLA Leiria)*

História Económica e Social (Semestral, 1.º ano, curso de Gestão de Empresas);  
História de Portugal (Anual, 2.º ano, curso de Turismo);

Cultura Portuguesa (Anual, 3.º ano, curso de Turismo);  
Comunicação e Marketing (Semestral, 4.º ano, curso de Psicologia Social e das Organizações).

Na Universidade da Terceira Idade do Lumiar (voluntariado):

História Regional e Local

Património e Museologia

**5. Existe trabalho colaborativo entre professores do mesmo departamento? De que forma?**

Existe. Ao nível do Departamento e de Grupo. O tipo e a qualidade dependem muito da escola, das pessoas que constituem os mesmos, da nossa própria forma de estar, da nossa vida (psicológica, pessoal e profissional do momento). Depende do empenho das pessoas, de encontrarmos pessoas com que gostamos de trabalhar. E depois há o trabalho que é mesmo necessário fazer, por obrigação profissional – esse tem que existir.

**6. Quem definiu os lugares em sala de aula? A professora ou os alunos? Em caso de ter sido professora, teve em conta alguns critérios?**

É normalmente definido em Conselho de Turma.

Há, normalmente, uma planta que é pensada em conjunto – por exemplo, colocam-se por ordem alfabética, no início do ano.

Não deixo que esta situação perdure. Vou alterando os lugares conforme julgo ser melhor para o aluno, ao longo de todo o ano.

**7. De que forma caracteriza o nível de desenvolvimento cognitivo da turma B?**

De forma breve, é uma turma com muitas potencialidades e com vontade de aprender.

Isto permite um ótimo trabalho e uma boa preparação para o futuro – permite chegar mais além.

Tento não cumprir apenas os Programas, mas ensinar o que julgo que lhes faz falta, para além disso, como informação para cultura geral ou informação relativa a técnicas/métodos de estudo (que não de perceber que têm, quando lhes for necessário) ou até formação pessoal/social.

**8. A turma B apresenta alunos com necessidades de medidas de suporte à**

**aprendizagem e à inclusão que se encontram ao abrigo do decreto 54/2018? Se sim, quais os apoios prestados a esses mesmos alunos?**

Sim. Os definidos em ficha própria (entregue) e todos aqueles que eu sentir, espontaneamente (ou não e sem necessidade de estarem pré-estipulados/registados), que os possam ajudar.

**9. Como realiza a diferenciação pedagógica na sala de aula?**

Sobretudo através da realização de tarefas no seu próprio tempo/ritmo.

Também com tarefas específicas, se houver essa necessidade. Tenho estado a ensinar um aluno do quinto ano a escrever nas linhas e com uma caligrafia que se entenda e que caiba adequadamente entre linhas.

**10. Que potencialidades/fragilidades se verificam na turma B?**

**Potencialidades:** interesse, empenho, vontade de saber, preparação anterior, criatividade, vontade de aprender.

**Fragilidades:** dificuldades da escrita, poucos hábitos de leitura, alunos com algumas dificuldades a vários níveis (cognitivo, pessoal, familiar, social), pouco tempo familiar.

**11. Quais as estratégias de trabalho que utiliza com a turma B?**

Todas as que julgue necessárias, conforme vai decorrendo o trabalho. Todas as que sentir necessidade de utilizar com o decorrer das aulas, da prestação dos alunos, do interesse desta e de cada turma, das dificuldades que descobrir.

Estratégia de exposição (mas sempre questionando e interagindo com o aluno e obrigando-o a pensar), dirigida (com tarefas e/ou pesquisa), trabalho conjunto professor/aluno (para chegar a conclusões) – mostrar ao aluno que tem conhecimentos prévios úteis que o levam a chegar aos conteúdos, em grupo (pequeno), atividades práticas e criativas (envolvendo a arte), apresentação (pelo aluno) de conteúdos/pesquisas/opiniões/trabalhos, utilização de meios audiovisuais, realização de visitas de estudo, ensino de técnicas e métodos de estudo/síntese/trabalho e organização pessoal. Esquemas e mapas conceptuais. Dramatização. Projetos criativos e de turma que possam motivar os alunos. Momentos de discussão/opinião dos alunos. Cooperação entre colegas. Treino/consolidação (exercícios) e reforço. O Elogio perante os outros. O feedback e informação sobre o que espero deles. Atenção ao espaço/aula e ao que se vai passando no mesmo. Atenção à multiculturalidade (algo significativo

com que cresci na África do Sul e que só agora se começa a notar em Portugal). Outras.

Tento estar atenta. Descobrir o que se vai fazendo (em Portugal e fora) e ver se se pode e como se pode aplicar. Estudo sempre. Conclui o último curso em meados do ano de 2018 e já sinto que tenho que encontrar um novo e procuro com frequência. A investigação estava a dificultar algo no início do semestre, mas já aguardo o novo semestre no ensino superior para ver o que surge.

**12. No que diz respeito ao trabalho em sala de aula, os alunos preferem trabalhar em grupo, a pares ou individualmente?**

Há todo o tipo de alunos. Há quem prefira cada uma destas formas de trabalho, mas na generalidade preferem o trabalho de grupo.

**13. Como planifica a sua prática?**

De acordo com os Programas e exigências do sistema de ensino e da Escola. De acordo com o definido em Departamento/Grupo. De acordo com as potencialidades e fragilidades dos alunos, das turmas, dos conteúdos. De acordo com o que vou descobrindo e aprendendo.

**14. Quais os processos de avaliação que utiliza?**

Todos os que se apliquem a cada situação e aluno. Diagnóstica, formativa, sumativa. Na prática quotidiana, “reguladora” do trabalho em curso, de desempenho em aula, autoavaliação, heteroavaliação. Com feedback sempre que julgar necessário/oportuno. Pode ser criterial e/ou normativa. Depende dos conteúdos e dos alunos/turmas.

**15. Na sua turma, 6.ºB, implementa a metodologia de trabalho de projeto? Se sim, qual o tema, os objetivos e que tarefas os alunos desenvolvem?**

Sim. Em momentos em todos os anos e disciplinas. Em vários temas ao longo do ano. A questão é demasiado vasta para o questionário. Em temáticas que o permitam. Em momentos em que julgue que é adequado para a turma e o seu envolvimento na aprendizagem. Conforme o ritmo de aprendizagem e progressão do trabalho que pretendo desenvolver.

**16. Como caracteriza o envolvimento das famílias dos alunos?**

Depende imenso do agregado familiar do aluno, do seu contexto económico-social, do seu momento profissional, da sua formação pessoal e profissional. Tento que

exista. Este ano fizeram uma maquete que incluía uma regra que obrigava a um trabalho conjunto e o aluno teve que explicar em que consistiu, na sua apresentação oral. Já tive (noutro ano), *feedback* de que tinha sido ótimo, porque foi uma forma de estar com e partilhar tempo com o pai/mãe, pois era pouco frequente. Já solicitei mais atenção da família em relação à “assinatura do teste” (hoje, julgo que é uma obrigação da família, procurá-la e não minha, de a exigir). Dou indicações pré-prova de avaliação destinadas ao aluno e ao adulto que o acompanhe (muitas vezes, não é a família), mas se for é ótimo. Já cheguei a fazer um blogue com um separador com hipótese de visita/passeio a fazer em família (deu um ótimo resultado).

**17. Existem outros processos de comunicação com as famílias além das reuniões?**

Através da caderneta, por notas ou informações que solicito que entreguem ou vejam com eles e que colem no Caderno Diário. Em momentos informais na Escola (no regresso de visitas de estudo ao final do dia, festas e iniciativas diversas). Através de uma iniciativa que organizo, de vinda de pais à Escola para falar sobre o que sabem/fazem, sob a forma de *workshops* temáticos (que já decorreu este ano).

**18. As famílias revelam interesse no processo educativo dos seus educandos, comparecendo nas reuniões?**

O nível de assistência tem sido elevado, nos últimos anos. A Escola também tenta realizá-las em horário pós-laboral e antes do jantar familiar.

**19. Como caracteriza a relação família-escola? Existe cooperação? Se sim, de que modo?**

Existe e não existe. Existe pouco ou muito. É uma questão demasiado vasta. Depende de cada aluno, de cada pai, de cada situação que acontece. Da necessidade específica de cooperação a cada momento. Geralmente, a Escola é, na atualidade, não só um local de educação, mas também onde se espera que se ensine que não há tempo para ensinar em casa e um local “seguro” para ter o filho, enquanto se trabalha e realiza atividades que o quotidiano exige.

**20. Como descreve a relação que tem com os seus alunos?**

Tento que seja boa. Tento que lhes fique na memória pelas melhores razões – sejam quais forem para aquele aluno. Tento que percebam ou descubram, mais tarde,

que aprenderam algo comigo e que valeu a pena termos cruzado caminhos. Tento ajudá-los a crescer e a ser melhores pessoas. Tento fazê-los gostar de saber e de melhorar, sempre e saber que podem ainda não conseguir, mas que vão melhorar e chegar a um ponto melhor.

Por vezes depende mais do que pensamos de como se chega à Escola e começa, de como se resolve um problema momentâneo, de como ensinamos num certo dia, de como conseguimos ou não chegar a um aluno ou uma turma. Este ano descobri que também depende, mais do que imaginava, da aula anterior.

A relação é sempre diferente com cada turma que tenho em cada ano.

**Obrigada pela sua colaboração.**

**Ana Rita Jesus e Inês Lourenço**

## Anexo F. Potencialidades e fragilidades do 2.º CEB

Tabela F1

*Potencialidades e fragilidades das turmas.*

Potencialidades		Fragilidades	
Português		Português	
6.º A	6.º B	6.º A	6.º B
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Expressão oral;</li> <li>• Comunicar oralmente de forma audível e correta;</li> <li>• Aplicação conteúdos gramaticais;</li> <li>• Motivação para a leitura.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Expressão oral;</li> <li>• Comunicar oralmente de forma audível e correta;</li> <li>• Aplicação de conteúdos gramaticais;</li> <li>• Motivação para a leitura;</li> <li>• Compreensão do oral;</li> <li>• Leitura fluente.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Leitura pouco fluente;</li> <li>• Planificação de textos;</li> <li>• Interpretação e compreensão de textos;</li> <li>• Produção escrita;</li> <li>• Compreensão do oral.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Planificação de textos;</li> <li>• Produção escrita.</li> </ul>
História e Geografia de Portugal		História e Geografia de Portugal	
6.º A	6.º B	6.º A	6.º B
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Gosto pela disciplina de HGP.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Utilização de fontes históricas;</li> <li>• Gosto pela disciplina de HGP.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Localização no espaço e no tempo;</li> <li>• Mobilização de vocabulário histórico e geográfico na construção do conhecimento e na comunicação em História e Geografia;</li> <li>• Utilização de diferentes fontes de informação com diversas linguagens.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mobilização de vocabulário histórico e geográfico na construção do conhecimento e na comunicação em História e Geografia.</li> </ul>
Potencialidades transversais às duas disciplinas (PORT E HGP)		Fragilidades transversais às duas disciplinas (PORT E HGP)	
6.º A	6.º B	6.º A	6.º B
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Participação ativa na sala de aula;</li> <li>• Motivação para a aprendizagem.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Participação ativa na sala de aula;</li> <li>• Motivação para a aprendizagem.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Fraca autonomia;</li> <li>• Falta de hábitos de estudo;</li> <li>• Realização de TPC.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Trabalho colaborativo;</li> <li>• Realização de TPC.</li> </ul>
Competências sociais		Competências sociais	

<b>6.º A</b>	<b>6.º B</b>	<b>6.º A</b>	<b>6.º B</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Pontualidade;</li> <li>• Cooperação com os colegas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Assiduidade;</li> <li>• Pontualidade;</li> <li>• Cooperação com os colegas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Cumprimento das regras da sala de aula.</li> </ul>	<p><i>(Não se verificam fragilidades significativas)</i></p>

*Nota.* Retirado do PI do 2.º CEB

## Anexo G. Tabela de tratamento de dados sobre o conceito inicial de património

Tabela G1

*Tratamento de dados sobre o conceito inicial de património*

	Casamento	dinheiro	igreja	museu	grupo de pessoas	patrão	direitos	jardins	monumentos	público	não sei	TOTAL
A1		1										1
A2	1											1
A3	1											1
A4											1	1
A5											1	1
A6			1									1
A7				1								1
A8											1	1
A9											1	1
A10											1	1
A11					1							1
A12											1	1
A13	1											1
A14										1		1
A15						1						1
A16											1	1
A17											1	1
A18							1					1
A19	1											1
A20											1	1
A21			1					1				2
A22				1					1			2
TOTAL	4	1	2	2	1	1	1	1	1	1	9	

## Anexo H. Tabela de tratamento de dados sobre os locais importantes que conhece

Tabela H1

*Tratamento de dados sobre os locais importantes que conhece na Freguesia de Benfica.*

	Bombeiros	Igreja Benfica	Junta de Freguesia	Escolas	Polícia	Estádio Benfica	Continente	Teatro	Natação	Ginástica	Palácio Baldaya	Farmácia	Mercado Benfica	Mata Benfica	Hospital Lusíadas	Parque dos Montes	Não sei	TOTAL
A1	1	1	1	1	1													5
A2	1			1	1	1												4
A3	1			1	1	1	1											5
A4								1	1	1								3
A5			1															1
A6		1									1							2
A7		1																1
A8																	1	1
A9		1									1							2
A10		1										1						2
A11		1	1								1							3
A12		1											1	1				3
A13		1	1												1	1		4
A14	1			1	1													3
A15						1					1							2
A16		1	1								1							3
A17																	1	1
A18		1									1		1					3
A19		1	1												1			3
A20																	1	1
A21		1		1							1							3
A22											1							1
TOTAL	4	12	6	5	4	3	1	1	1	1	8	1	2	1	2	1	3	

## Anexo I. Tabela de tratamento de dados sobre se visita locais em Benfica

Tabela I1

*Tratamento de dados sobre se visita locais em Benfica.*

	Não	Sim	Parque da Quinta da Granja	Monsanto	Palácio Baldaya	Estádio Benfica	Museus	Palácios	Jardins	Igreja	Mercado de Benfica	Campo grande	Campo pequeno	TOTAL
A1	1													1
A2		1	1											2
A3		1		1										2
A4		1	1		1	1								4
A5	1													1
A6		1					1							2
A7	1													1
A8		1						1	1	1				4
A9		1			1									2
A10		1			1									2
A11	1													1
A12		1			1					1	1			4
A13		1				1	1		1					4
A14		1			1									2
A15		1	1											2
A16	1													1
A17	1													1
A18		1			1						1			3
A19		1										1	1	3
A20		1							1					2
A21		1							1					2
A22	1													1
<b>TOTAL</b>	<b>7</b>	<b>15</b>	<b>3</b>	<b>1</b>	<b>6</b>	<b>2</b>	<b>2</b>	<b>1</b>	<b>4</b>	<b>2</b>	<b>2</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	

## Anexo J. Tabela de tratamento de dados sobre edifícios antigos que conhece

Tabela J1

*Tratamento de dados sobre edifícios antigos que conhece.*

	Nenhum	Igreja	Palácio Baldaya	Estátua do Eusébio	Casas velhas	Palácio da Rainha	Junta de freguesia de Benfica	Edifício ao lado da junta de benfica	Edifício ao lado do palácio baldaya	TOTAL
A1		1	1							2
A2				1	1					2
A3						1				1
A4	1									1
A5								1		1
A6			1							1
A7	1									1
A8	1									1
A9	1									1
A10	1									1
A11		1								1
A12								1		1
A13							1			1
A14		1	1							2
A15			1							1
A16	1									1
A17	1									1
A18		1							1	2
A19	1									1
A20	1									1
A21		1								1
A22			1				1			2
TOTAL	9	5	5	1	1	1	2	2	1	

## Anexo K. Tabela de tratamento de dados - refere edifícios antigos

Tabela K1

*Tratamento de dados sobre se refere edifícios antigos.*

	Palácio Baldaya	Igreja	EseLx
1	1	1	1
2	1	0	1
3	1	0	1
4	1	0	1
5	1	1	1
6	1	1	1
7	1	0	1
8	1	0	1
9	1	0	1
10	1	0	0
11	1	1	1
12	1	1	1
13	1	1	1
14	1	0	1
15	1	1	1
16	1	1	0
17	1	1	1
18	1	1	1
19	1	1	1
20	1	1	1
21	1	1	1
22	1	1	1
<b>TOTAL Identifica "Palácio Baldaya"</b>	<b>22</b>		
<b>TOTAL Não Identifica "Palácio Baldaya"</b>			
<b>TOTAL Identifica "Igreja"</b>		<b>14</b>	
<b>TOTAL Não Identifica "Igreja"</b>		<b>8</b>	
<b>TOTAL Identifica "EseLx"</b>			<b>20</b>
<b>TOTAL Não Identifica "EseLx"</b>			<b>2</b>

## Anexo L. Tabela de tratamento de dados – conhece edifícios antigos

Tabela L1

*Tratamento de dados sobre se conhece edifícios antigos.*

	Palácio Baldaya	Igreja	EseLx
1	1	0	0
2	1	0	1
3	1	0	0
4	1	0	0
5	1	1	1
6	1	1	0
7	1	1	1
8	1	1	0
9	0	0	0
10	1	1	0
11	0	0	0
12	1	1	1
13	1	1	0
14	1	1	0
15	0	0	0
16	1	1	0
17	1	1	1
18	1	1	0
19	1	1	0
20	1	0	1
21	0	0	0
22	1	1	0
<b>TOTAL Conhece "Palácio Baldaya"</b>	<b>18</b>		
<b>TOTAL Não Conhece "Palácio Baldaya"</b>	<b>4</b>		
<b>TOTAL Conhece "Igreja"</b>		<b>13</b>	
<b>TOTAL Não Conhece "Igreja"</b>		<b>9</b>	
<b>TOTAL Conhece "EseLx"</b>			<b>6</b>
<b>TOTAL Não Conhece "EseLx"</b>			<b>16</b>

## Anexo M. Imagens do *PowerPoint* sobre o património local



Figura M1

*Powerpoint* sobre o património local.

# Património ≠ Matrimónio

1. Conjunto de bens de família; herança familiar;

2. Conjunto de bens próprios, adquiridos ou herdados;

3. Bem ou conjunto de bens, materiais ou imateriais, reconhecidos pela sua importância cultural (ex: *património edificado*);

**"património"**, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2019, <https://dicionario.priberam.org/patrimnio>

1. União entre duas pessoas, legalizada por meio de cerimónias e formalidades religiosas ou civis. = **CASAMENTO**.

**"matrimónio"**, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2019, <https://dicionario.priberam.org/matrimnio>

Figura M2

*Powerpoint* sobre o património local.

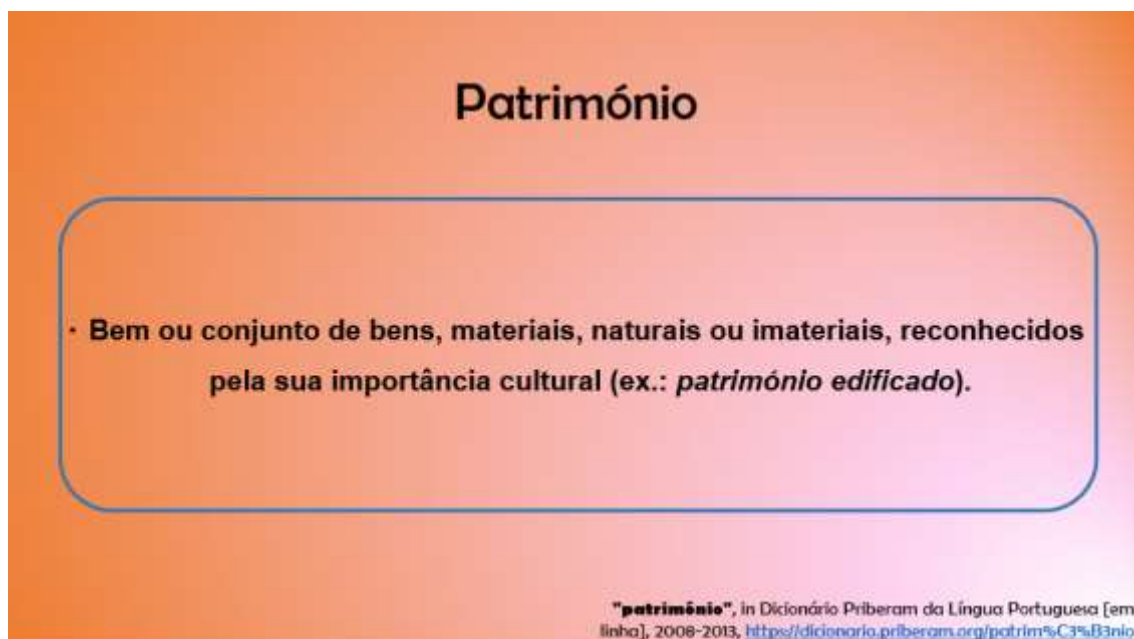


Figura M3

Powerpoint sobre o património local.

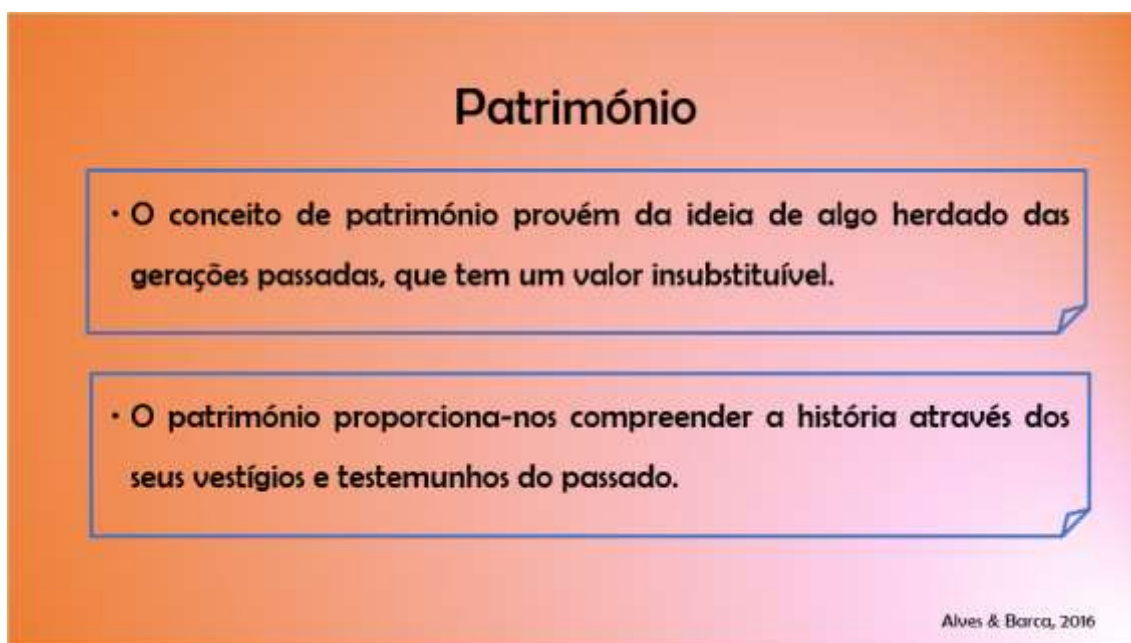


Figura M4

Powerpoint sobre o património local.

# Palácio Baldaya

Figura M5

Powerpoint sobre o património local.



Figura M6

Powerpoint sobre o património local.



Figura M7  
Powerpoint sobre o património local.



Figura M8  
Powerpoint sobre o património local.

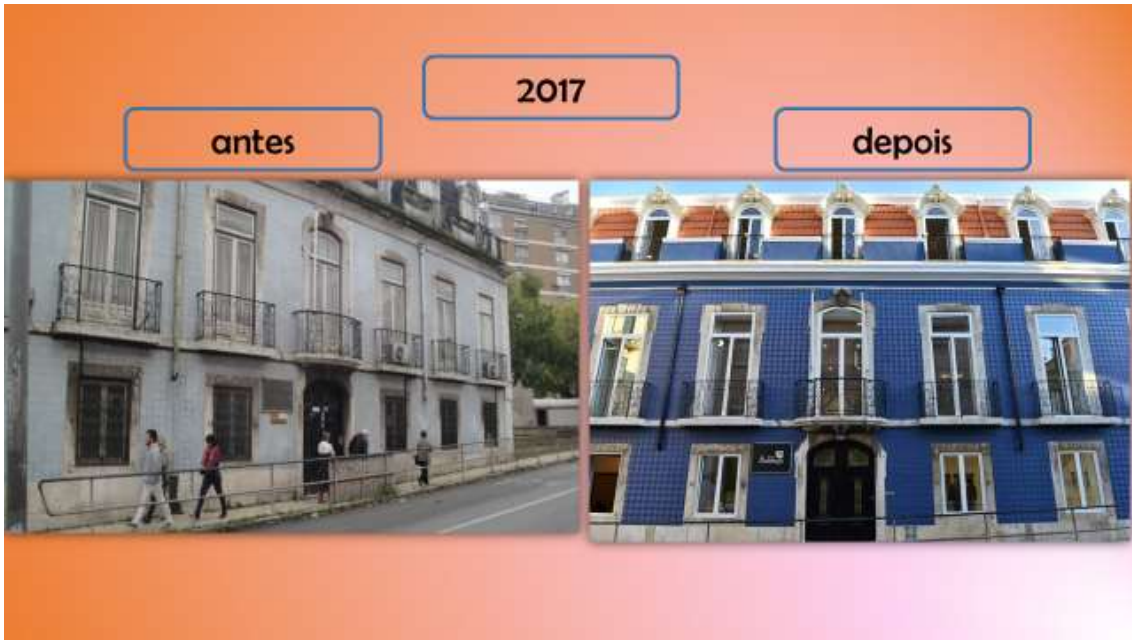


Figura M9  
Powerpoint sobre o património local.



Figura M10  
Powerpoint sobre o património local.

# Igreja Nossa Senhora do Amparo

*Figura M11*

*Powerpoint sobre o património local.*

Século XIX



*Figura M12*

*Powerpoint sobre o património local.*



Figura M13  
Powerpoint sobre o património local.



Figura M14  
Powerpoint sobre o património local.

Século XX



Século XXI



Figura M15

Powerpoint sobre o património local.

Século XX



Figura M16

Powerpoint sobre o património local.

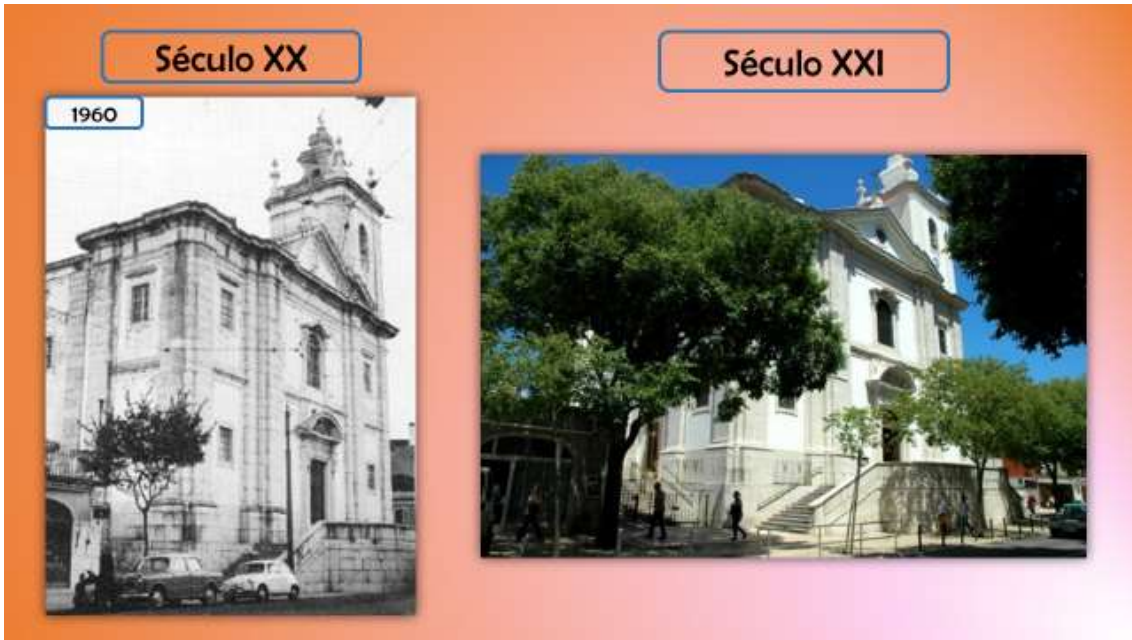


Figura M17  
Powerpoint sobre o património local.



Figura M18  
Powerpoint sobre o património local.

# Chafariz de Benfica

Figura M20

Powerpoint sobre o património local.

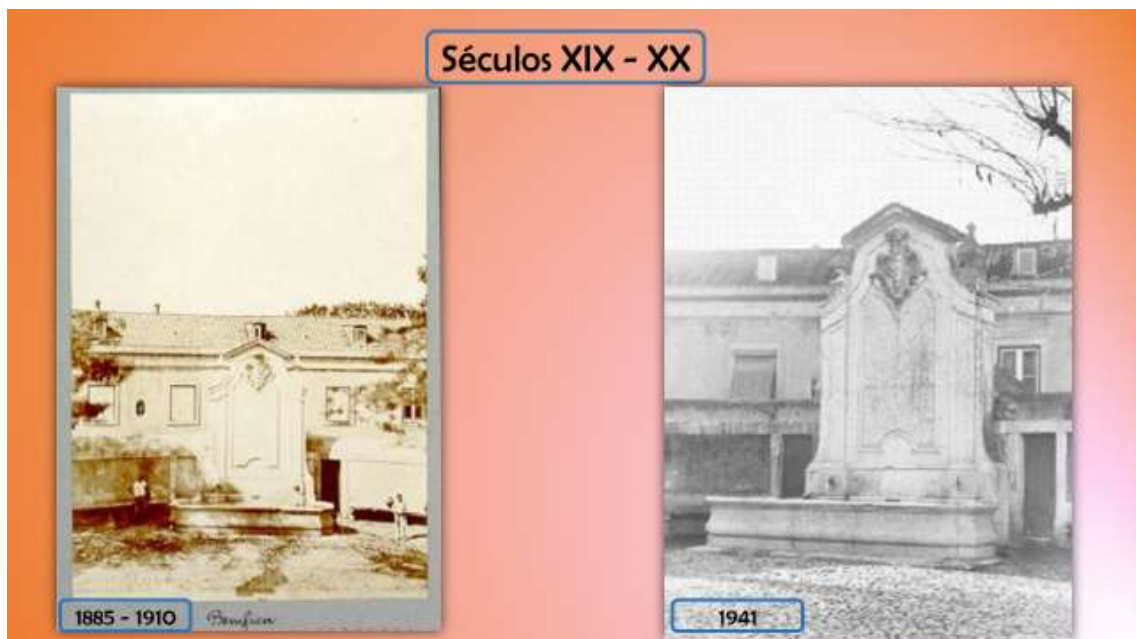


Figura M21

Powerpoint sobre o património local.



*Figura M22*

*Powerpoint sobre o património local.*



*Figura M23*

*Powerpoint sobre o património local.*

# Parque Silva Porto

Figura M24

Powerpoint sobre o património local.



Figura M25

Powerpoint sobre o património local.



Figura M26  
Powerpoint sobre o património local.



Figura M27  
Powerpoint sobre o património local.

Século XXI



*Figura M28*

*Powerpoint sobre o património local.*

## Junta de Freguesia de Benfica

*Figura M29*

*Powerpoint sobre o património local.*



Figura M30  
Powerpoint sobre o património local.



Figura M31  
Powerpoint sobre o património local.

# Escola Superior de Educação de Lisboa

*Figura M32*

*Powerpoint sobre o património local.*

Século XX



*Figura M33*

*Powerpoint sobre o património local.*

Século XX



Figura M34

Powerpoint sobre o património local.

Século XX



Século XXI



Figura M35

Powerpoint sobre o património local.

Século XX



Século XXI



Figura M36

Powerpoint sobre o património local.

Século XXI



Figura M37

Powerpoint sobre o património local.



*Figura M38*

*Powerpoint sobre o património local.*

## Anexo N. Guiões de recolha de informação

### Guião para a recolha de informação



<b>Nome:</b>	<b>Data:</b>
	<b>Nome do grupo:</b> <b>Palácio Baldaya</b>

Para realizarem a vossa pesquisa leiam as perguntas orientadoras que se encontram em baixo, de forma a recolherem informação sobre o vosso local/monumento.

Deverão dar resposta às seguintes questões:

1. Por que razão se chama Palácio Baldaya?

2. Quem viveu no Palácio? Entre que anos?

3. Quem reinava em Portugal em 1840?

4. O Palácio Baldaya teve diferentes usos. Quais foram?

5. Em 2015, a Câmara Municipal de Lisboa cedeu o Palácio e os seus jardins a quem?

6. Atualmente, que atividades o Palácio Baldaya oferece ao público?

7. Que artista plástico foi responsável pela pintura da Joanna Baldaya na fachada do Palácio?



8. Não existindo nenhuma fotografia de Joanna Baldaya, o artista plástico imaginou-a assim. Descrevam-na.

**9. Descrevam o exterior do Palácio**



**Se têm mais informações que queiram acrescentar, escrevem-nas no espaço abaixo.**



# Guião para a recolha de informação



<b>Nome:</b>	<b>Data:</b>
	<b>Nome do grupo:</b> <b>Chafariz de Benfica</b>

Para realizarem a vossa pesquisa leiam as perguntas orientadoras que se encontram em baixo, de forma a recolherem informação sobre o vosso local/monumento.

Deverão dar resposta às seguintes questões:

1. Em que século foi construído o Chafariz?

2. O Chafariz foi construído com que material?

3. De que tipo é o Chafariz?

4. Quem foram os arquitetos responsáveis pela construção do Chafariz?


5. Quantas bicas tem o Chafariz?

6. Como se chama o triângulo que está no cimo do Chafariz?

7. O brasão de armas que o Chafariz mostra é de que rainha?

8. De onde vinha a água que chegava ao Chafariz?

Se têm mais informações que queiram acrescentar, escrevam-nas no espaço abaixo.



# Guião para a recolha de informação



<b>Nome:</b>	<b>Data:</b>
	<b>Nome do grupo:</b> <b>Igreja de Nossa Senhora do Amparo</b>

Para realizarem a vossa pesquisa leiam as perguntas orientadoras que se encontram em baixo, de forma a recolherem informação sobre o vosso local/monumento.

Deverão dar resposta às seguintes questões:

Antes da existência da atual Igreja de Benfica ou de Nossa Senhora do Amparo existiram duas outras igrejas, situadas quase no mesmo sítio.

1. Em que ano se iniciou a construção da Igreja de Benfica?

2. Que arquiteto ficou responsável pelo projeto da construção da Igreja?  
Façam uma pequena biografia deste arquiteto.

3. Em 1755 um acontecimento histórico ocorreu e provocou danos na estrutura da Igreja que ainda estava em construção. Que acontecimento foi esse?

4. Em 1755 quem era o Rei de Portugal?

5. Após o terramoto, em 1758 a Igreja foi consagrada a uma Santa. Como se chamava?

6. Depois de concluída a Igreja, quando foi inaugurada?

7. Com a ajuda da imagem, descrevam o exterior da Igreja de Nossa Senhora do Amparo.



Se têm mais informações que queiram acrescentar, escrevam-nas no espaço abaixo.

# Guião para a recolha de informação



<b>Nome:</b>	<b>Data:</b>
	<b>Nome do grupo:</b> <b>Parque Silva Porto</b>

Para realizarem a vossa pesquisa leiam as perguntas orientadoras que se encontram em baixo, de forma a recolherem informação sobre o vosso local/monumento.

Deverão dar resposta às seguintes questões:

Onde hoje existe o Parque Silva Porto existiu, em 1880, a Quinta da Feiteira.

1. O proprietário da Quinta da Feiteira, para embelezar o seu palácio, mandou plantar um bosque. Quem foi? Em que ano?

2. Após alguns anos, em 1903, João Carlos Ulrich vendeu a sua propriedade. A quem?

3. Em 1910, o que fez o novo proprietário da mata? Para que fim?

4. As obras de reconstrução do Parque Silva Porto iniciaram-se em 1911, um ano depois de ter ocorrido em Portugal um acontecimento histórico muito importante e que ainda hoje se comemora, sendo feriado nacional o dia 5 de outubro. Que acontecimento foi esse?

5. Quantos hectares tem o parque?

6. Em 1918 o parque, que até aí se chamava Mata de Benfica, passou a ter que nome?

7. Quem foi este artista?

8. Refiram alguns equipamentos que o Parque oferece ao público.

Se têm mais informações que queiram acrescentar, escrevam-nas no espaço abaixo.



# Guião para a recolha de informação



<b>Nome:</b>	<b>Data:</b>
	<b>Nome do grupo:</b> <b>Junta de Freguesia de Benfica</b>

Para realizarem a vossa pesquisa leiam as perguntas orientadoras que se encontram em baixo, de forma a recolherem informação sobre o vosso local/monumento.

Deverão dar resposta às seguintes questões:

1. Entre que séculos foi construído o edifício da Junta de Freguesia de Benfica?

2. Antes de ser a Junta de Freguesia de Benfica o que funcionou neste edifício entre 1914 e 1915?

3. De 1916 a 1978 o edifício acolheu os serviços de que clube português?


4. Em que ano foram instalados neste edifício os serviços administrativos da Junta de Freguesia de Benfica?

5. Quem era Presidente da República nesse ano?

6. Em 1992 inaugurou-se um auditório para espetáculos com 115 lugares. Como se chama esse auditório? Façam uma breve biografia da pessoa que dá o nome ao auditório.

7. Em 2001 foi inaugurado um rink de patinagem em homenagem a uma das maiores figuras do hóquei em patins português. Como se chama o rink?

Se têm mais informações que queiram acrescentar, escrevam-nas no espaço



# Guião para a recolha de informação



<b>Nome:</b>	<b>Data:</b>
	<b>Nome do grupo:</b> <b>Escola Superior de Educação Lisboa</b>

Para realizarem a vossa pesquisa leiam as perguntas orientadoras que se encontram em baixo, de forma a recolherem informação sobre o vosso local/monumento.

Deverão dar resposta às seguintes questões:

1. Em que ano se iniciou a construção da Escola Superior de Educação de Lisboa?

2. Neste ano, quem era o Presidente da República que lançou a primeira pedra da obra?


3. Quem foi o arquiteto responsável pelo projeto de construção da Escola?

4. Antes de ser Escola Superior de Educação de Lisboa como se chamava?

5. E mais tarde, em 1930, como passou a chamar-se?

6. Existia uma escola só para alunos do sexo masculino em Marvila e outra para alunas do sexo feminino no Calvário. Quando a construção do edifício da Escola Superior de Educação terminou houve a junção destas duas escolas. Em que ano?

Se têm mais informações que queiram acrescentar, escrevam-nas no espaço



## Anexo O. Tabela de recolha de informação por objetivos

Tabela O1

Questões do guião de recolha de informação referentes aos objetivos do estudo.

Guião de recolha de informação				
Trabalho de grupo	Objetivo 1 – Identificar os contributos do recurso ao património local para compreender a história		Objetivo 2 – Relacionar o estudo do património local com o desenvolvimento de competências de recolha, tratamento e análise de informação.	Objetivo 3 – Caracterizar as competências de comunicação em História desenvolvidas a partir do estudo do Património local
	Património – factos e personagens da História de Portugal	Património – manipulação do tempo histórico (passado – presente)		
Questões				
1 – Palácio Baldaya	3	4; 6	1; 2; 3; 4; 5; 6; 7; 9	8
2 – Chafariz de Benfica	7		1; 2; 3; 4; 5; 6; 7; 8	
3 – Igreja de Nossa Senhora do Amparo	3;4		1; 2; 5; 6	7
4 – Parque Silva Porto	4	8	1; 2; 3; 5; 6; 7	
5 – Junta de Freguesia de Benfica	5	2	1; 3; 4; 6; 7	6
6 – EseLx	2	4	1; 3; 6; 8	

# Anexo P. Produções dos alunos – Guião de recolha de informação

**Guião para a recolha de informação**

**Data:** 21/15/2017  
**Nome do grupo:** Chafariz de Benfica

Para realizares o teu trabalho sobre as perguntas orientadoras que se encontram em baixo, de forma a recolheres informação sobre o caso facilmente, devês dar resposta às seguintes questões:

1. Em que século foi construído o Chafariz?
 

O Chafariz de Benfica foi construído no século XVIII.
2. O Chafariz foi construído com que materiais?
 

O Chafariz foi construído com calcário.
3. De que tipo é o Chafariz?
 

O Chafariz é de exterior.
4. Quem foram as entidades responsáveis pela construção do Chafariz?
 

Foi feita por 3 entidades: a Igreja, a Câmara Municipal e o Município de Lisboa.

5. Quanto tempo tem o Chafariz?
 

Tem 100 anos.
6. Como se chama o edifício que está no topo do Chafariz?
 

É a fonte.
7. O modo de armar que o Chafariz possui é de que estilo?
 

O modo de armar é do O. Manuel.
8. De onde vêm a água que chega ao Chafariz?
 

É da Aqueduto dos 3000 metros.

Se tens mais informação que quiseres acrescentar, escreve nos espaços abaixo.

↓

Figura P1

Guião de recolha de informação do Chafariz de Benfica.

Guia para a recolha de informação

Nome: 21/5/2019  
 Nome do grupo: Parque São Paulo

Para melhorar o nosso parque temos as seguintes orientações que se encontram em folhas de forma a facilitar a recolha de informação sobre o nosso local/monumento.

Deverão dar resposta às seguintes questões:

1. Onde fica este o Parque São Paulo? Onde está, em 1980, o Quinto do Palácio

2. O proprietário do Quinto do Palácio, para onde se foi e em qual país, mandou plantar um bosque. Quem foi? Em que ano?

João Teodoro Alvim, 1880 ✓

3. Após alguns anos, em 1910, João Carlos Leal vendeu a sua propriedade. A quem?

A um senhor brasileiro chamado Sérgio Augusto Marques. ✓

4. Em 1911, a que foi o novo proprietário do local? Para que foi?

Ofereceu à Câmara Municipal de Lisboa para que esta fosse reconstruída a toda a cidade. ✓

5. Ao longo da reconstrução do Parque São Paulo existiram no ano 1911, em ano depois de ter ocorrido em Portugal um acontecimento histórico muito importante e que ainda hoje se comemora, sendo referido nos livros e de 1 de outubro. Que acontecimento foi esse?

5 de outubro de 1910, que destruiu a monarquia constitucional e estabeleceu um regime republicano em Portugal. ✓

6. Quantos hectares tem o parque?

5 hectares.

7. Em 1910 o parque, que até aí se chamava Quinto de Benfica, passou a ter que nome?

Parque Silva Porto

8. Quem foi este senhor?

António Concelho da Silva foi um pintor

9. Selecionar alguns equipamentos que o Parque oferece ao público.

Parque infantil, parque de merendas, circuito de manutenção, lago belebeano, aberturas e um espaço de manutenção.

10. Se não tiver informação que gostaria acrescentar, escreva nos os espaços abaixo.

Figura P2

Guião de recolha de informação do Chafariz de Benfica.

# Anexo Q. Ficha de apoio dos textos de escrita criativa

## Palácio Baldaya

Foste visitar o Palácio Baldaya, distraíste-te e ficaste lá fechado(a) toda a noite. Imagina que no palácio encontravas a Joanna Baldaya!

Sobre o que conversariam durante horas?

- Escreve um texto narrativo em que contes a aventura que viveste.
- Planifica o teu texto utilizando:
  - **Onde?** (Onde se passou a história).
  - **Quem?** (Personagens).
  - **Quando?** (Quando se passou a história).
  - **O quê?** (O que aconteceu).
  - **Como?** (Como aconteceu).
- Não te esqueças de incluir aspetos históricos que reuniste quando fizeste a recolha de informação em grupo.

## Chafariz de Benfica

Imagina-te a viver na época em que o Chafariz começou a funcionar, 1788. Foste buscar água para consumires em tua casa e, de repente, o Chafariz começou a falar contigo.

O que te disse ele?

- Escreve um texto narrativo em que contes a aventura que viveste.
- Planifica o teu texto utilizando:
  - **Onde?** (Onde se passou a história).
  - **Quem?** (Personagens).
  - **Quando?** (Quando se passou a história).
  - **O quê?** (O que aconteceu).
  - **Como?** (Como aconteceu).
- Não te esqueças de incluir aspetos históricos que reuniste quando fizeste a recolha de informação em grupo.

## Igreja de Nossa Senhora do Amparo

Decorria o ano de 1755, dia 1 de novembro. Imagina que estavas a assistir a um casamento na Igreja de Nossa Senhora do Amparo quando a terra tremeu violentamente.

O que achas que se passou a seguir?

- Escreve um texto narrativo em que contes a aventura que viveste.
- Planifica o teu texto utilizando:
  - **Onde?** (Onde se passou a história).
  - **Quem?** (Personagens).
  - **Quando?** (Quando se passou a história).
  - **O quê?** (O que aconteceu).
  - **Como?** (Como aconteceu).
- Não te esqueças de incluir aspetos históricos que reuniste quando fizeste a recolha de informação em grupo.

## Parque Silva Porto

Foste com a tua turma ao Parque Silva Porto. Imagina que a estátua do Pintor Silva Porto ganhou vida e se zangou com a tua turma porque estavam a deitar muito lixo para o chão. O que terá dito o Pintor à tua turma?

- Escreve um texto narrativo em que contes a aventura que viveste.
- Planifica o teu texto utilizando:
  - **Onde?** (Onde se passou a história).
  - **Quem?** (Personagens).
  - **Quando?** (Quando se passou a história).
  - **O quê?** (O que aconteceu).
  - **Como?** (Como aconteceu).
- Não te esqueças de incluir aspetos históricos que reuniste quando fizeste a recolha de informação em grupo.

## Junta de Freguesia de Benfica

Imagina que és Presidente da Junta de Freguesia de Benfica e um canal de televisão te pediu para falar acerca de Benfica e dos seus monumentos.

- Escreve um texto expositivo em que contes a **história** da Freguesia de Benfica, sendo tu o Presidente.
- Planifica o teu texto utilizando:
  - **Onde?** (Onde se passou a história).
  - **Quem?** (Personagens).
  - **Quando?** (Quando se passou a história).
  - **O quê?** (O que aconteceu).
  - **Como?** (Como aconteceu).
- Não te esqueças de incluir aspetos históricos que reuniste quando fizeste a recolha de informação em grupo.

## Escola Superior de Educação de Lisboa

Imagina que estás no ano de 1916 e que és Arnaldo Adães Bermudes, o arquiteto que projetou o edifício da Escola Superior de Educação de Lisboa.

Vais ter uma reunião muito importante com o Presidente da República de então e tens de lhe explicar a importância da construção da Escola.

- Escreve um texto narrativo em que contes a aventura que viveste.
- Planifica o teu texto utilizando:
  - **Onde?** (Onde se passou a história).
  - **Quem?** (Personagens).
  - **Quando?** (Quando se passou a história).
  - **O quê?** (O que aconteceu).
  - **Como?** (Como aconteceu).
  
- Não te esqueças de incluir aspetos históricos que reuniste quando fizeste a recolha de informação em grupo.

<b>Revisão do texto</b>		
<b>Pontos a verificar</b>	<b>Sim</b>	<b>Não</b>
1- Indiquei onde se passou a história.		
2- Apresentei personagens.		
3- Indiquei quando se passou a história.		
5- Expliquei o que aconteceu na história.		
6- Expliquei como aconteceu a ação na história.		
7 – Escolhi um título curto e apelativo.		
8 – Utilizei parágrafos.		
9 – Criei diálogo entre as personagens.		
10 – Comecei as frases com letra maiúscula.		
11- Utilizei sinais de pontuação de forma correta.		
12 – Escrevi o texto com uma caligrafia legível.		

## Anexo R. Expressões dos alunos retiradas dos textos criativos

A partir dos textos identificam-se frases que assentam no património histórico:

- **Do monumento:**

- **A1** – Não disse nada.
- **A2** – “Presidente da Junta de Freguesia Inês Drummond...”.  
“O auditório chama-se Carlos Paredes”; “Havia um rinque de patinagem cujo nome era António Livramento”.
- **A3** – “Fui entrevistada pelos senhores sobre Benfica e os seus monumentos”; “Agora falemos sobre os seus monumentos: Igreja Nossa Senhora do Amparo, Junta de Freguesia de Benfica, Chafariz de Benfica, etc.”
- **A4** – “Fazer perguntas sobre os monumentos: - Quando é que foi construído? Quantos bancos tinha o auditório? Quantos presidentes da República tiveram ali?”.
- **A5** – “Eu, vou construir a Escola Superior de Educação para dar oportunidade de formar pessoas que querem ser professores”.
- **A6** – “Antes de existir a Escola Superior de Educação de Lisboa existia a escola normal primária de Lisboa”. “Depois, mais tarde, em 1930 passou-se a chamar a escola do magistério primário”.
- **A7** – Não disse nada.
- **A8** – Não disse nada.
- **A9** – “O chafariz contou alguns aspetos históricos dele e disse que foi construído no século XVIII e que era de espaldar”; “Os arquitetos Reinaldo dos Santos e Francisco Magalhães disseram que ele tinha duas bicas, um frontão, um brasão e disse que água vinha das águas livres”.
- **A10** – “O chafariz estava a contar a sua vida e que quando foi construído com calcário...”.
- **A11** – Não disse nada.

- **A12** – “Aprendemos muitas coisas. Uma delas era que a estátua, o António Carvalho da Silva vendeu o parque ao João Carlos Ulrich, que deu à Câmara Municipal de Lisboa o Parque Silva Porto”; “A estátua também nos contou que nasceu no ano de 1850 e faleceu em 1893”.
- **A13** – “O António Carvalho Da Silva, aquele grande pintor ganhou vida”.
- **A14** – “O Silva Porto que foi um pintor...; “Ele disse que nos mataria se nós não colocássemos o lixo no caixote, pois o parque é muito antigo, património da freguesia de Benfica e tem de ser preservado”.
- **A15** - “A Joana Baldaya disse: eu tenho o palácio porque mo ofereceram como prenda de casamento”.
- **A16** – “Porque é que o Palácio se chama Baldaya e a Joana Baldaya respondeu: porque tive como prenda de casamento”; “Nos finais do século XIX funcionou como um hotel e no início do século XX foi vendido ao estado, que ali instalou o Laboratório Nacional de Investigação veterinária”; “O Palácio Baldaya possui uma biblioteca”.
- **A17** – Não disse nada.
- **A18** – Não disse nada.
- **A19** – “A Igreja foi consagrada a uma Santa chamada Nossa Senhora do Amparo”.
- **A20** – “A igreja era branca tinha um sino e as janelas estavam gradeadas e havia por fora da igreja muitas árvores”.
- **A21** – Não disse nada.
- **A22** – “A estátua o Parque Silva Porto é em homenagem a um pintor”.

- **Do contexto histórico do monumento**

- **A1** – Não disse nada.
- **A2** – Não disse nada.
- **A3** – “Em 1983, eu como presidenta...”.
- **A4** – Não disse nada.
- **A5** – “Em 1916 eu era o arquiteto da escola superior de educação de Lisboa, Arnaldo Adães Bermudes”; “Tiveram uma reunião com o presidente Bernardino Machado”.
- **A6** – “No dia 10 de dezembro de 1916 o Presidente da República chamava-se Bernardino Machado e convidou o arquiteto Arnaldo Bermudes”.
- **A7** – “Eu, Arnaldo Adães Bermudes, fui convocado pelo presidente Bernardino Machado, em 1916 fui à Câmara Municipal de Lisboa...”.
- **A8** – “ Fui recebido no gabinete do Exmo. presidente da república o Dr. Bernardino Machado no ano de 1916...”.
- **A9** – Não disse nada.
- **A10** – “Em 1788 no século XVIII eu fui ao Chafariz de Benfica....”; “E hoje no século XXI volto de vez em quando ao chafariz e ele está desativado”.
- **A10** – Não disse nada.
- **A11** – Não disse nada.
- **A12** – Não disse nada.
- **A13** – Não disse nada.
- **A14** – “Em 1910...”.
- **A15** – Não disse nada.
- **A16** – “Quem reinava em Portugal em 1840 era D. Maria II”.
- **A17** – Não disse nada
- **A18** – Não disse nada.

- **A19** – “No dia 1 de Novembro de 1755... sentimos a terra a tremer...”.
- **A20** – “Em 1755, no dia 1 de novembro o rei D. José I estava a casar-se com D. Maria Vitória Bourbon”.
- **A21** – “Em 1755 houve um terramoto...”
- **A22** – Não disse nada.


## Anexo S. Produções dos alunos – texto escrita criativa

Um casamento difíceis

Em 1755, no dia 1 de novembro o Sr. D. João estava a casar-se com D. Mariana Vitória Blueton. Ela era uma menina das aldeias, o padre era o padre de São Salvador a igreja era branca tinha um sino e as janelas eram quadradas e havia por fora da igreja muitas árvores.

Passado algum tempo, começou a chover e a chuva também veio pouco momento a tomar um vulto e depois houve um trovão quando a noiva estava a fugir caiu-lhe um pedaço de parede para a cabeça.

O noivo teve de ir correr para lá ainda por cima era a rainha. Ela fugiu logo para casa e passou um dia já estava tudo normal mas a igreja tinha de se construir novamente e o casamento foi adiado e assim acabou-se tudo.



Nobis da igreja de São  
João? O noivo e a noiva  
Casados em 1755.  
O que? O casamento  
Como? com a noiva da terra

Método de teste		
Problema a resolver	Sim	Não
1 - Definir todos os dados e objetivos	X	
2 - Identificar os recursos	X	
3 - Definir o plano de ação e o tempo	X	
4 - Realizar o plano de ação em etapas	X	
5 - Avaliar os resultados e agir em função	X	
6 - Avaliar os resultados finais e o processo	X	
7 - Comunicar os resultados	X	
8 - Comunicar os resultados e o processo		X
9 - Comunicar os resultados e o processo	X	
10 - Comunicar os resultados e o processo	X	

Figura S1

Texto criativo produzido pelo aluno.



## Anexo T. Guião da saída de campo

### Património Local Guião didático



## Informações

### Contextualização

Esta visita de estudo será feita ao Património da Freguesia de Benfica. Aqui, irão aplicar o que foi estudado em aula e relacionar a informação referida com a que têm disponível nos locais de paragem. Durante a visita, preencherão as perguntas relativas aos locais mencionados no itinerário.

**Nota:** Lembrem-se de recolher a informação necessária e de discutir com o par, antes de escreverem as respostas.

#### Normas a cumprir:

1. Respeitem as orientações das professoras que vos acompanham.
2. Mantenham-se próximo do grupo, evitando dispersarem-se.
3. Preservem os espaços limpos. Lembrem-se que o lixo deve ser guardado e, posteriormente, depositado nos locais apropriados.
4. Nos locais fechados, respeitem as pessoas que se encontram à vossa volta, evitando levantar demasiado a voz e andar de forma desordeira.
5. Se necessitarem de se distanciar, peçam autorização. Um adulto acompanhar-vos-á.
6. Tenham cuidado durante a visita de estudo. Mantenham os vossos pertences convosco.
7. Respeitem a vossa vez de falar.
8. Prestem atenção e preencham o guião cuidadosamente.

**Agora que têm todas as informações, aproveitem a visita. Divirtam-se!**


**Data:** \_\_\_ / \_\_\_ / 2019

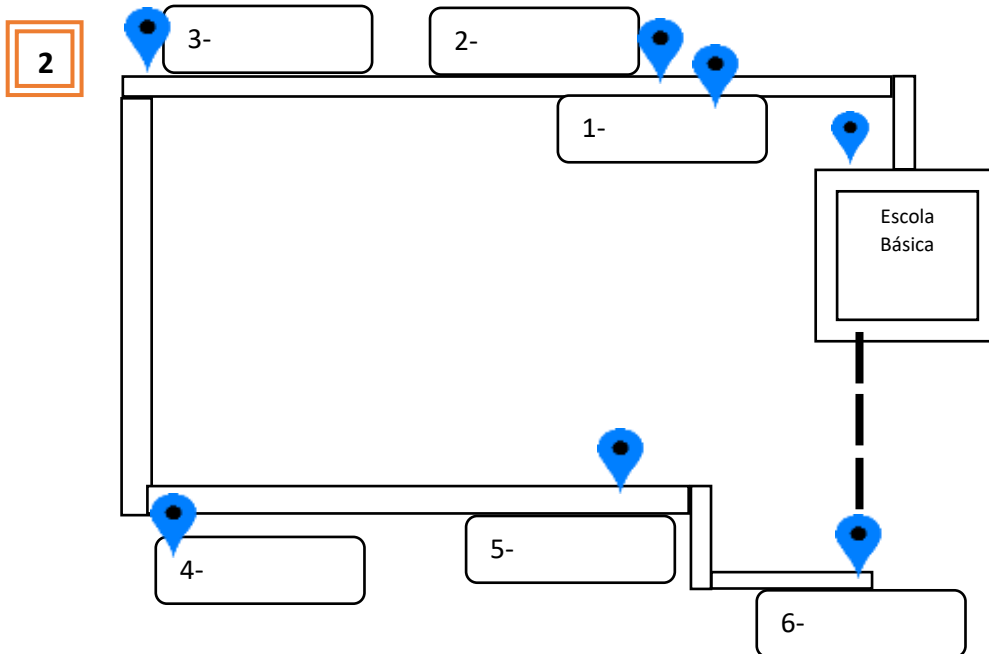
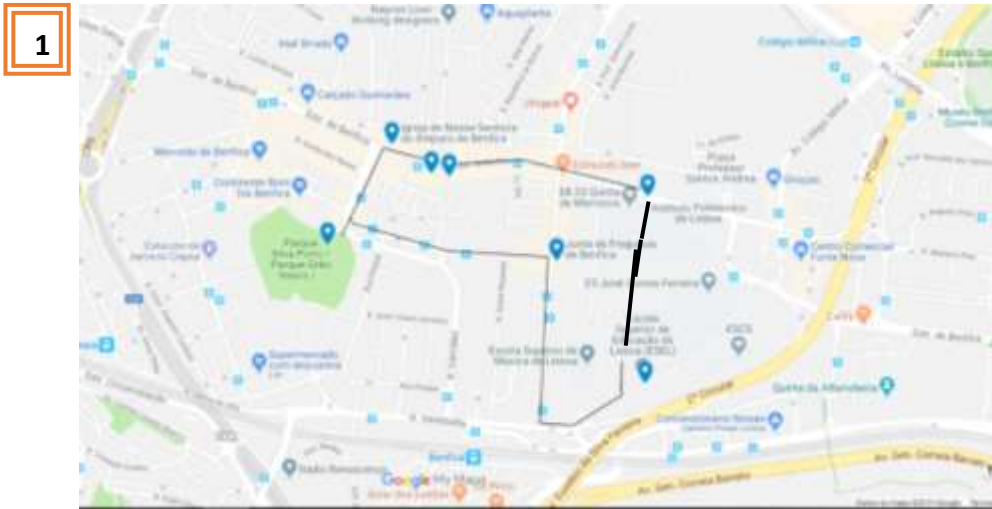
**Turma:** \_\_\_\_\_

**Nomes:**

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

## Património Local

Observem o mapa 1. Este indica os locais que estão representados por este símbolo  e o percurso que irão fazer. No itinerário 2 estão representados os locais por onde irão passar. À medida que vão percorrendo o itinerário devem escrever no espaço indicado o nome do local onde se encontram no momento.



## Património Local

1. Chegaram ao primeiro local.

Como se chama? \_\_\_\_\_

2. **Observem** a imagem abaixo e o património que se encontra à vossa frente. **Registem** as diferenças que conseguem observar entre esta imagem e o que veem.



_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____

3. Que figura feminina está representada na parede do Palácio Baldaya?

- Helena Baldaya     Maria Baldaya     Joana Baldaya

4. Na fachada do palácio as paredes estão revestidas por:

- Azulejo     Madeira     Pedra

Se tiverem alguma questão ou curiosidade escrevam no retângulo abaixo.

_____
_____
_____

Voltem à página onde se encontram os mapas. Escrevam no espaço indicado o segundo local para onde nos vamos dirigir.

5. Como se chama este monumento? \_\_\_\_\_

6. **Observem** as imagens abaixo e o património que se encontra à vossa frente. **Registem** as diferenças que conseguem observar entre estas imagem e o que veem.



_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____

7. Como se chama o símbolo que se encontra no cimo do Chafariz?

_____
-------

**Leiam** a placa que se encontra junto ao Chafariz.

8. De que tipo é o Chafariz?

de bacia

de espaldar

Se tiverem alguma questão ou curiosidade escrevam no retângulo abaixo.

_____
_____
_____

Voltem à página onde se encontram os mapas. Escrevam no espaço indicado o terceiro local para onde nos vamos dirigir.

9. Como se chama este monumento? \_\_\_\_\_

10. **Observem** a imagem abaixo e o património que se encontra à vossa frente. **Registem** as diferenças que conseguem observar entre esta imagem e o que veem.



_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____

11. A Igreja de Nossa Senhora do Amparo apresenta:

- Duas torres e uma fachada       Uma fachada e uma torre       Duas torres

Se tiverem alguma questão ou curiosidade escrevam no retângulo abaixo.

_____
_____
_____
_____

Voltem à página onde se encontram os mapas. Escrevam no espaço indicado o quarto local para onde nos vamos dirigir.

12. Como se chama este local? \_\_\_\_\_

13. **Observem** a imagem abaixo e o património que se encontra à vossa frente. **Registem** as diferenças que conseguem observar entre esta imagem e o que veem.



\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**Observem** com atenção. Na base da estátua estão gravadas informações relativas ao nome e datas (em letra romana) do nascimento e morte do pintor.

14. Quem está representado na estátua?

\_\_\_\_\_

15. Refere, em numeração árabe, a data de nascimento e morte do pintor.

MDCCCL – MDCCCXCIII

\_\_\_\_\_ - \_\_\_\_\_

Se tiverem alguma questão ou curiosidade escrevam no retângulo abaixo.

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Voltem à página onde se encontram os mapas. Escrevam no espaço indicado o quinto local para onde nos vamos dirigir.

16. Como se chama este local? \_\_\_\_\_

17. **Observem** a imagem abaixo e o património que se encontra à vossa frente. **Registem** as diferenças que conseguem observar entre esta imagem e o que veem.



_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____

18. Ao **observarem** o edifício verificam que a Junta de Freguesia proporciona aos moradores vários serviços. Identifica dois deles.

Se tiverem alguma questão ou curiosidade escrevam no retângulo abaixo.

_____
_____
_____
_____

Voltem à página onde se encontram os mapas. Escrevam no espaço indicado o sexto local para onde nos vamos dirigir.

19. Como se chama este local? \_\_\_\_\_

20. **Observem** a imagem abaixo e o património que se encontra à vossa frente. **Registem** as diferenças que conseguem observar entre esta imagem e o que veem.



_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____

21. Ao **observarem** a fachada da Escola verificam que ela é Património:

do Estado

da Educação

22. **Leiam** a placa que se encontra no lado direito da fachada. Em que data se iniciou a sua construção?

23. Foi há quantos anos?

Se tiverem alguma questão ou curiosidade escrevam no retângulo abaixo.

_____
_____
_____

Voltem à página onde se encontram os mapas.

**24.** Depois de visitarmos a Escola Superior de Educação, para onde nos vamos dirigir? \_\_\_\_\_

**25. Avaliem** a visita de estudo, quando chegarem à escola. Para tal, cada um dos elementos do par terá de **preencher** um questionário.

Gostaste da visita de estudo?

Gostei muito       Gostei       Gostei pouco       Não gostei nada

De que gostaste mais?

\_\_\_\_\_

De que gostaste menos?

\_\_\_\_\_

Gostaste da visita de estudo?

Gostei muito       Gostei       Gostei pouco       Não gostei nada

De que gostaste mais?

\_\_\_\_\_

De que gostaste menos?

\_\_\_\_\_

# Anexo U. Questionário final

## Questionário sobre o Património local

O questionário que se segue é anónimo, o que significa que não vais ter que escrever o teu nome em lado algum!

Recorda o trabalho acerca do Património local da freguesia de Benfica que fizemos durante o meu estágio.

1. O que entendes por Património?

---

---

---

2. Qual é a tua avaliação geral do trabalho? Rodeia uma opção.

Gostei muito	Gostei	Não gostei
--------------	--------	------------

3. Qual/Quais foi/foram a(s) atividade(s) que mais gostaste de fazer? Pinta.

Identificar as diferenças relativas ao Património local do passado com o presente.	A visita de estudo ao Património local da freguesia de Benfica.	A recolha de informação sobre o Património local.	O texto criativo sobre o Património local.
--	---	---	--

4. Que **dificuldades** sentiste na realização das atividades sobre o património local? Pinta.

Trabalhar em grupo.	Recolher informação.	Escrever o texto criativo.	Identificar as diferenças do passado com o presente	Preencher o guião da visita de estudo.
---------------------	----------------------	----------------------------	---	--

4. **Gostei** das aulas em que realizei atividades sobre património local porque:

---

---

5. **Não gostei** das aulas em que realizei atividades sobre património local porque:

---

---

Obrigada pela tua participação!

## Anexo V. Tabela de tratamento de dados sobre o conceito de património- Questionário final

Tabela V1

*Tratamento de dados sobre o conceito final de património.*

	Monumentos	Teatros	Museus	Local importante	Homenagem	Localidade	Especial	História	Palácio Bakdaya	Igreja Nossa Senhora do Amparo	Mata de Benfica	Inaugurações	EseLx	monumento antigo	lenda	Estátua	TOTAL
A1	1	1	1														3
A2				1													1
A3					1												1
A4						1											1
A5							1										1
A6						1											1
A7									1	1							2
A8				1													1
A9				1													1
A10							1	1									2
A11						1											1
A12											1						1
A13												1					1
A14														1			1
A15	1	1	1														3
A16				1				1									2
A17													1				1
A18														1			1
A19															1		1
A20	1		1													1	3
A21														1			1
A22								1									1
TOTAL	3	2	3	4	1	3	2	3	1	1	1	1	1	3	1	1	

## Anexo W. Tabela de tratamento de dados sobre as atividades que mais gostaram

Tabela W1

*Tratamento de dados sobre as atividades que mais gostaram.*

	Identificar as diferenças relativas ao Património local do passado com o presente	A visita de estudo ao património local da freguesia de benfica	A recolha de informação sobre o património local	O texto criativo sobre o património local	TOTAL
A1		1	1		2
A2		1			1
A3		1			1
A4	1				1
A5	1	1	1		3
A6	1	1			2
A7		1			1
A8		1	1		2
A9	1				1
A10	1	1			2
A11		1			1
A12			1		1
A13	1	1			2
A14		1			1
A15			1		1
A16	1	1		1	3
A17	1				1
A18	1	1		1	3
A19		1			1
A20		1		1	2
A21		1			1
A22	1				1
TOTAL	10	16	5	3	

## Anexo Y. Tabela de tratamento de dados sobre as dificuldades sentidas

	Trabalhar em grupo	Recolher informação	Escrever o texto criativo	Identificar as diferenças do passado com o presente	Preencher o guião da visita de estudo	Não sentiu dificuldades	TOTAL
A1						1	1
A2		1					1
A3		1					1
A4					1		1
A5	1		1				2
A6		1	1				2
A7		1					1
A8	1		1		1		2
A9	1						1
A10		1					1
A11		1					1
A12	1						1
A13		1					1
A14		1					1
A15	1						1
A16	1						1
A17		1					1
A18	1						1
A19		1					1
A20				1			1
A21		1					1
A22	1						1
TOTAL	8	11	3	1	2	1	